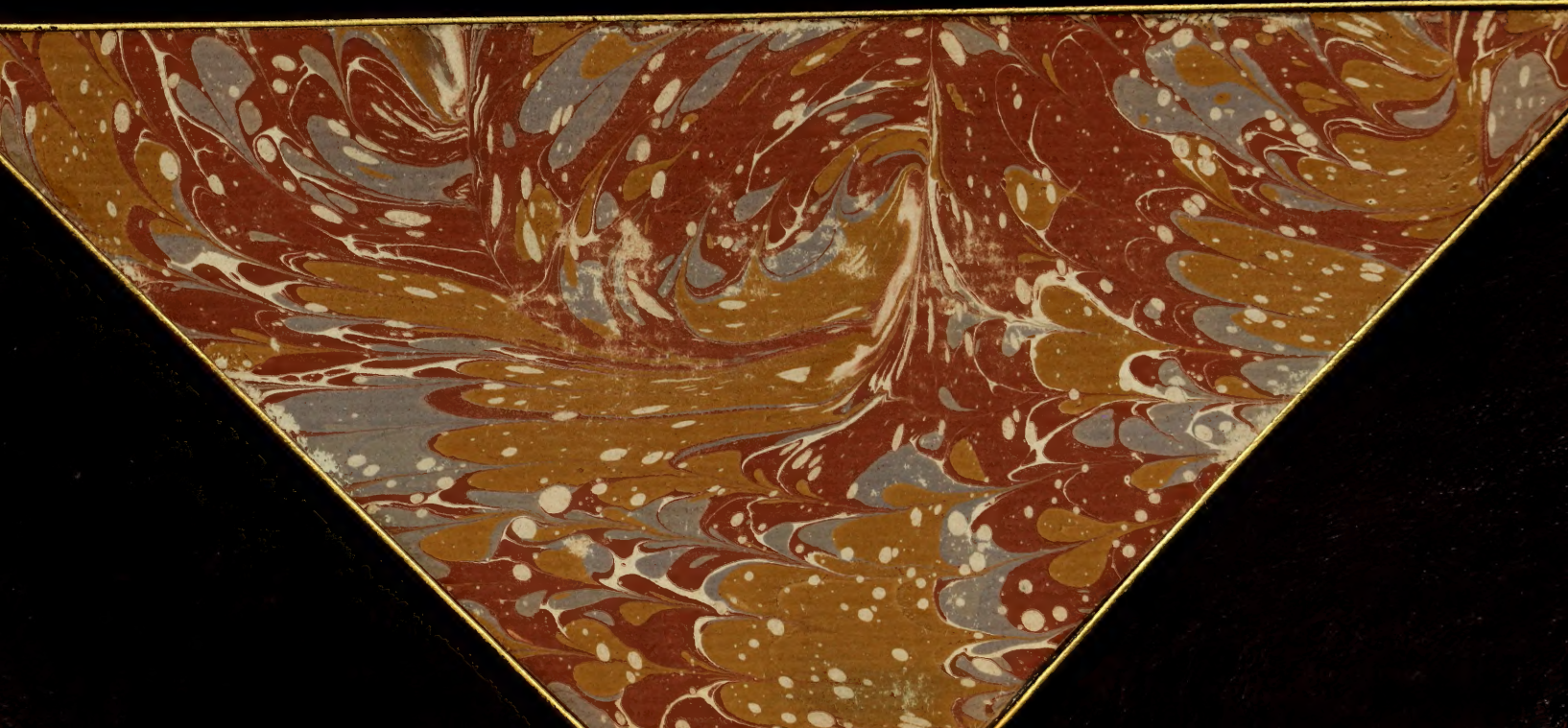
3 1761 07048227 8



Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/nashorascalmas00cama

Brito Camacho

Nas horas calmas

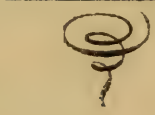
GUIMARÃES & C.ª
EDITORES
68, Rua do Mundo, 70
LISBOA

NAS HORAS CALMAS

Composto e impresso na o o o
o o IMPRENSA DE MANUEL LUCAS TORRES
R. Diario de Noticias, 59 a 61

Brito Camacho

Nas horas calmas



1920
GUIMARÃES & C.ª — Editôres
68, Rua do Mundo, 70
LISBOA

PQ
9261
B75N3

Dôce amargo

Encontrei-a hontem, por acaso, num carro electrico, ia ela não sei para onde, ia eu sem destino.

Não a via ha tantos anos!

Entretida a conversar, não deu por mim, sentado num banco mais avançado que o seu, ao lado duma velhota repolhuda, que na guerra poderia servir de abrigo, sendo preciso, a funcionar como saco de areia.

Puz-me a olhar para ela á minha vontade, sem constrangimento, com mal disfarçada insistencia, tão completamente a absorvia a conversa em que vinha.

Como a gente muda!

Era ela, sem duvida possivel; mas eu fixava-a como se atravez dum cristal baço procurasse identificar o retrato duma linda mulher que admirara... e possuira.

Os estragos que faz o tempo!

Eram de fogo os seus beijos, porque sempre revoluteavam chamas nos seus labios; mas como podem eles hoje ser quentes, se os seus labios delgadinhos são feitos de papel sem côr?

Como se envelhece depressa!

Ha fios brancos, muitos fios brancos, no seu ca-

belo em ondas, que eu estou a ver, numa evocação longinqua, pondo-lhe nas costas nuas, duma alvura lactea, uma grande mancha de nankim.

Vous vieilliréz, ó ma belle maitresse!

Poderia lá ocorrer-me este verso de Béranger, quando a despenteava, num enleio de namorado, a envolver-me a macieza dos seus olhares de veludo?...

Tão delgadinhos os seus labios!

A primeira vez que a beijei... Tinhamos quasi a mesma edade, por forma que ela era mais velha do que eu, bastante mais velha do que eu, tão certo é que as mulheres, na Arte do amor, teem uma intuição que vale anos de experiencia. Nunca a vi timida ao pé de mim, e nunca o seu contacto discreto deixou de alvoroçar-me, dando-me os ares dum colegial envergonhado, que emudece quando deveria falar, e se torna incapaz de fazer um gesto quando seriam apropositados todos os movimentos atrevidos. Estavamos folheando uma ilustração espanhola, e como nos demorassemos em certa pagina, interpretando, comentando, a sua cabeça encostou-se á minha, e dahi a pouco eu sentia que os seus labios escaldavam, como se neles houvesse lume...

A poesia de castidade que tem o amor, antes de ser féra, a morder em spasmos de volupia!

Em toda a parte a via, quando a tinha longe de mim, adoravel Tanagra de movimentos ritmicos, espalhando o encanto e a graça, apetitosa como um belo fructo sazonado, que se devora com os olhos, sem que lhe toquem as mãos.

Era tão linda!

Faziamos passeios interminaveis, durante horas sem fim, umas vezes á beira do rio, quasi a hipnotizar-

nos o sussurro monotono das suas ondas, outras vezes, em noites luarentas, subindo a qualquer colina da cidade, mal chegando até nós o rumor duma faina que principia já o sol vai alto, e termina, para recomeçar, ainda vem longe a manhã. — A areia é um colchão de penas, quando nela se deitam namorados, e a cantilena das aguas, babando a praia, adormenta como nos berços o surdo vozear, cantando, das mães que não são femeas... Estava um calor abafado. Nuvens grossas, de côr pumblea em grandes massas, davam a impressão de montanhas que lentamente fossem escorregando, por detraz delas, aqui e além, aparecendo a lua, muito redonda e muito branca, duma brancura tal que dir-se-ia ser um grande bocado de gelo, com forma geometrica, a girar no espaço. Servia-lhe de travesseiro o meu braço, e vinham quebrar-se tão perto de nós as ondas, em bocejos de espuma, que algumas vezes, estendendo a mão para as tocar, eram as rendas do seu vestido que eu tocava.

Tão linda!

Sempre a sua desenvoltura encorajava a minha timidez, mas agora é o seu pudor que refreia a minha audacia.

Não, meu filho!... Não!...

Arfa-lhe o peito, em paroxismos respiratorios, como ao estalar uma crise de choro, e ao passo que os seus labios escaldam, rubros do fogo que neles arde, dos seus olhos caem lagrimas em fio.

comme ces eaux si pures et si belles
Qui coulent sans effort des sources naturelles.

Será verdade, como disse Publius Syrus, que as mulheres aprenderam a chorar para mentirem com mais arte?

Nuvens grossas, da côr do chumbo, em grandes

massas, rolam vagarosamente, numa lentidão, que é quasi a imobilidade, e por detraz delas a lua, muito redonda, muito palida, mostra-se para logo desaparecer, e eu tenho a visão macabra, fechando os olhos, dum bando de hypopotamos, grandes como se fossem montanhas, perseguindo uma Walkiria, a babarem-se de luxuria...

Se a mocidade soubesse!

Ha uma consciencia muscular, que não se exerce apenas pelo tacto, e a prova está em que os olhos nos dão impressões de flacidez e rijeza, quasi tão nitidamente como nos dão impressões de côr e forma. Não vejo rugas na sua pele; mas apalpo-a com os olhos, e constato que já não tem a macieza aveludada d'outros tempos, e por baixo dela ha carnes moles, perdido o *tonus* que lhe dava uma juventude exuberante e forte.

Quantos anos passados!

Brincavam-lhe no peito, como num campo de neve, lembrando a Sulamita, dois cabritinhos montezes, que eu gostava de esconder na cerração do seu cabelo, farto e negro, deixando-lhes de fóra, rijos como bagos de romã, o focinhito rosado.

A posse não vale o desejo de possuir, na escala das emoções esteticas, porque nunca o prazer fruido eguala o prazer idealisado. E' por isso que eu relembro, vendo-a agora, os primeiros beijos que lhe dei, numa timidez de colegial; as loucuras que fizémos, num abandono sem calculo, Tantalos a morrerem de fome e não abrindo a bôca ao fructo que lhes tóca os labios. Via-a chegar ao ninho dos nossos amores, e parecia-me, quando lhe dava o beijo de chegada, que nunca a tinha beijado. Desfazia-lhe o cabelo, para o vêr cair, em ondas, quasi a tocar-lhe os joelhos, e não me fartava de admirar as linhas esculpturaes de que era feito o seu corpo de beldade grega, cheio de vida

e de graça. — Dizem que a vista é o mais intelectual dos nossos sentidos; mas eu tenho de mim para mim que nenhum outro nos dá mais sensações d'Arte, que nenhum espiritualisa tanto os nossos desejos, sem lhes tirar aquele fundo de sensualidade amorosa que ha nas inclinações mais castas.

Esquecia-me a notar os contrastes de côr a que se prestava a sua pele de jaspe, que dir-se-hia ter acabado de sair dum banho de leite aromatisado, naturalmente aromatisado, de cabrinhas serranas. Tudo me lembra, a olhal-a como atravez dum cristal baço, da vida intensa que vivemos; mas só me é agradavel recordar o prefacio do livro que andamos a compôr, durante longos mezes, um poema sem versos, entretecido na poesia da nossa estouvada mocidade.

...Ergue-se para sair, não tendo dado por mim, entretida a conversar, e lá se me vão os olhos num alvoroço comprometedor, presos á graça dos seus meneios, que é tudo quanto resta de adoravel Tanagra que ela foi, um mimo d'Arte na suprema exaltação da fórma, sonho de poeta erotico para quem tudo, na vida, é gôso sensual.

Não a via ha tantos anos!

Non resurrexit...

Ainda hoje se não sabe bem porque Deus fez o mundo. O certo é que o fez, e na opinião autorisada dos maiores doutores da Egreja, fel-o d'um bocadinho de nada, que era então a unica materia prima disponivel. Tambem se não sabe ao certo quando isto sucedeu, mas deve ter sido ha muito tempo, porque nem mesmo os jornaes de grande circulação deram a noticia do facto, o que deixa presumir que ainda não existissem. Pessoas da maior respeitabilidade, incapazes de mentir, afirmam ter o mundo sido feito n'uma semana, trabalhando Deus Nosso Senhor sem descanço vinte e cinco horas em cada dia. Acabada a sua tarefa, e sentindo-se fatigado, decretou o descanço semanal obrigatorio, providencia esta que ergueu protestos de muita gente, salientando-se no movimento a classe dos barbeiros, que logo se dividiu em dois campos, cada qual escanhoando a questão conforme o seu criterio.

Durante muito tempo a concordia reinou sobre a Terra, os animaes todos viviam fraternalmente, tratando-se sem aquellas — tu cá, tu lá — como nos colegios. Porque Adão se aborrecia muito no paraizo, obrigado á convivencia com as bestas da terra,

segundo as suas especies, e com as aves que voam debaixo do firmamento, segundo o seu genero, o Senhor, apanhando-o um dia a dormir a sesta, á sombra d'uma nogueira, arrancou-lhe uma costela, e afeiçoou-a em geito de mulher. Já todos os animaes viviam acasalados, cada qual unido ao seu similhante, e todos procurando crescer e multiplicar-se, conforme era da vontade do Senhor. De começo não se aperccberam Adão e Eva da sua completa nudez, mas a outra bicharada não fazia cerimonia com elles, e d'ahi a pouco, ilustrados pelo exemplo, estavam a trincar a maçã, que era um louvar a Deus. Tal crime de desobediencia não podia ficar impune, e por isso o Senhor os pôz fóra do Paraizo, não obstante Adão oferecer uma renda adeantada, e todas as bemfeitorias á sua custa.

Durante muito tempo viveram os homens na iniquidade, e como desagradasse a Deus ver a Terra corrompida, chamou todos os aguadeiros do céu e mandou que sobre ella despejassem os barris. Foi assim que teve logar o Diluvio. Todos os homens morreram, bem como toda a carne em que havia respiração de vida debaixo do ceu. Noé salvou-se, bem como a sua familia, metido dentro da Arca com varios pares... do reino, que lhe haviam sido indicados pelo Senhor, dominando um pouco a sua furia justiceira.

Largos periodos transcorreram, sucedendo-se as gerações ininterruptamente, sem mais diluvios, porque o Senhor, vindo á consciencia do seu desproposito, jurou nunca mais ferir vivente algum, mergulhando-o nas aguas. E como penhor do seu juramento, desenhou no céu o *arco da velha*, um grande arco polichromo, em cujas extremidades ha panelas com dinheiro, muito dinheiro, uma riqueza fabulosa que pertencerá de direito e de facto a quem lá for buscal-a.

Entretanto resvalavam os homens á mais feia abominação, ofendendo o céu a cada instante, e com taes ofensas acordando as coleras do Eterno, que olhava para a Terra com medo de perder a cabeça e fulminal-a com um raio. Um povo havia entre todos os povos que achou graça perante a face do Senhor. Esse seria o povo eleito, fadado a grandes destinos, o povo redemptor. A abominação era de cada vez maior em Sodoma, dançando-se nas ruas, sem pejo algum, o jogo napolitano, que fôra importado de Gomorrha, onde estava muito em uso. Assim as duas cidades foram arrasadas, chovendo sobre ellas, durante horas, enxofre e fogo vindos do céu.

Já os prophetas annunciavam tempos novos, e nos astros viam-se signaes indistinctos, que prenunciavam a realisação de misterios. Foi quando alguem disse a José que sua mulher se encontrava no seu estado interessante, e que a creança uma noite viria ao mundo sobre as palhas d'um estabulo, entre camponezes, sob o olhar muito doce, de uma ternura infinita, humido e aveludado, d'uma vaquita loira. Quando chegaram de longe, guiados por uma estrela, os reis magos da lenda, já o pequeno fizera o milagre de pedir á mãe que o deixasse ir lá fóra, porque não se sentia bem da barriguinha.

Andava então Herodes com a furia de matar creanças, e como chegasse aos ouvidos de José o risco que corria o filho, meteram a roupa n'um saco, e uma bela noite, sem dizerem agua vae, montados n'uma burrica... toc .. toc... abalaram para o Egipto. Passado algum tempo Herodes falecia com uma indigestão d'ameixas, e como seu filho, de nome Arqueláo, ficasse reinando na Judéa, e tivesse fama de ser mau como seu pae, José pegou na mulher e no filho, montou-os na burrinha, e foi alugar casa na cidade de Nazareth, onde a vida era barata, e os car-

pinteiros como elle sempre encontravam que fazer.

Foi crescendo em annos o pequeno, crescendo ainda mais em sabedoria. Aprendeu a ler pelo methodo de João de Deus, que já ao tempo fôra adoptado oficialmente em todas as escolas da Galiléa, e aos oito annos fazia exame de instrução primaria, deixando assombrados os mestres, que não tinham memoria d'um prodigio assim. Como se produzisse em Nazareth uma crise de trabalho, abalaram os paes do menino para as Caldas, que então se chamava Cafarnaum, e tinha lyceu.

Tentado pelas más companhias, entrou Jesus a faltar ás aulas, a não estudar as lições, em termos que no terceiro anno não arranjou media para ir a exame. Rebelde aos estudos, e sem geito para o oficio do pae, abalou a correr mundo, falando pelos cotovelos, dizendo coisas enormes, pregando enormes descomposturas nos scribas e phariseus. Bem depressa se tornou famoso, e porque se mostrasse altivo para com os grandes, e docil para com os pequenos, a gente do povo adorava-o, seguindo-o por toda a parte.

Uma tarde entrou em Jerusalem seguido de milhares de pessoas, montado n'uma jumenta, e como fosse orar no Templo, onde tinham assentado banca os mercadores, poz tudo de pernas para o ar, zurzindo os vendilhões com um cavalo marinho. Foi principalmente a partir de então que as pessoas devotas entraram a embirrar com elle.

Tantas e taes coisas fez, que o juiz Veiga, tendo recebido queixas contra elle, denunciando-o como anarquista, mandou-o prender. Foi julgado por uma especie de fôro academico que vigorava então, depondo contra elle archeiros e bedeis, industriados por alguns doutores de capelo, da tribu dos Calinorios.

Condemnado a morrer na cruz, logo se formou uma

grande commissão, com gente de todos os partidos, para não ferir a nota irritante da politica, a qual redigiu um abaixo assignado, pedindo a commutação da pena, e expol-o a assignatura dos povos, desde a Galiléa ao Jordão. Esse abaixo assignado deveria ser entregue a Pilatos, mas a isso se opoz terminantemente Caiphaz, que se achava, por conselho dos medicos, mudando d'ares em Carnide.

Por maneira que foi o pobre nazareno crucificado, morto e sepultado, e o seu corpo, em sangue, metido n'um lençol branco — tão branco como a sua alma — desceu ao tumulo orvalhado do pranto enternecido d'aquellas boas mulheres que tinham vindo de muito longe, desde os confins da Galiléa, aclamando-o e adorando-o, presas da irresistivel seducção que havia nas suas palavras e nos seus gestos, enamoradas do seu perfil hebraico, d'uma suavidade infinita... Como elle tivesse annunciado a sua resurreição, ao terceiro dia, fizeram construir sobre o seu sepulcro a Egreja romana, e puzeram-lhe de guarda, para o matarem de novo, se preciso fosse, os centuriões da Companhia de Jesus.

— E ahi está porque elle não resurgiu.

A natureza criminosa

No monologo recitado por Guerra Junqueiro a D. Luiz Morote, a proposito da actual situação politica em Portugal, o artista afirma se superior ao politico, vale bem mais que o philosopho revolucionario o poeta philosopho. Não pretendo fazer hoje uma analyse miuda de quanto Junqueiro disse ao nosso confrade de Madrid, que o escutou enlevado, bebendo-lhe as palavras, deixando-se ir na corrente d'aquelle espirito dominador atravez do qual tudo nos parece belo, mesmo quando nos aparece deformado. Ha ahi alguem que achasse disformes os monstros de Victor Hugo? Os seu bandidos são creaturas grandes como deuses, e os seus marrecas e aleijados quasi têm a beleza d'Apollo. Tal é o poder do genio, que amplifica tudo em que toca, e mesmo quando não guarda as proporções da geometria ou da logica vulgares, é tal o cunho de belleza que imprime ás suas creações, que ellas empolgam a nossa simpatia, mesmo que escandalisem a nossa intelegencia. Ora Guerra Junqueiro é o maior de todos os discipulos de Hugo, não lhe faltando uma só qualidade, como talvez lhe não falte um só dos defeitos do Mestre. Que admira, então, que elle veja as coisas como os outros as não vêem, não

certamente como ellas são na realidade, mas como ellas lhe aparecem, banhadas na luz coruscante do seu espirito!...

Disse Junqueiro a Morote que a Natureza é o mal, a Natureza é o crime eterno, desde a pedra até ao homem. Em meu entender humilde, sem nenhuma especie de autoridade, o crime é uma palavra sem sentido, se o considerarmos fóra do mundo social.

A Naturesa não é boa nem é má; não é justa nem injusta; não é moral nem immoral. As suas virtudes, como os seus crimes, são termos de uma linguagem figurada, metaphysica, ainda em uso na literatura folhetinistica, mas já sofrivelmeute desacreditada. Dizendo que ella nos oferece o exemplo da mais implacavel insensibilidade, e d'um imoralismo feroz, Renan fez apenas uma phrase rhetorica, a que não se pode dar o valor d'um argumento.

A chuva que rega os campos e faz crescer as searas, é tão moral, no fim de contas, como o fogo que as queima, vindo de longe, n'um pé de vento, quando já as espigas aloiram n'uma promessa de abundancia.

Um rio trasborda do leito, e alaga as terras marginaes, que se tornam d'uma abundancia estranha ao retirarem-se as aguas. — Teremos de agradecer á Natureza esta inundação philantropica ?

Passados alguns mezes, porque se fundiram os gelos da serra, ou porque se abriram as cataratas do céo, o mesmo rio volta a inundar as mesmas terras, afogando os trigaes, e espalhando a fome em roda. — Havemos agora exprobar á Natureza a sua inundação malefica ?

Já era tempo do homem perder a stulta pretensão de que tudo foi feito para elle, com o unico fim de lhe lisongear os caprichos, e satisfazer-lhe as necessidades. O determinismo exclue a finalidade; mas a

cada passo encontramos individuos que já conseguiram desembaraçar-se da ilusão do livre arbitrio, e ainda conservam a crença nas chamadas causas finaes.

As plantas tiram da terra os alimentos de que carecem, e aproveitando a energia calorifica e luminosa do sol, sempre rico e sempre prodigo, constroem esses complicadissimos edificios moleculares, que são todo o dominio da chimica biologica.— Diremos que esses principios elementares, esse calor, essa luz, foram expressamente creados para uso e proveito das plantas, organismos já complicados, d'uma structura, dificil ? Mas porque não havemos então dizer que o mar foi feito para os peixes, e que tendo-se reconhecido, á ultima hora, que a agua salgada incomodava os saveis e outros figurões da mesma delicadeza e susceptibilidade, para elles se fizeram esses inumeros aquarios, a que chamamos rios, e essas bellas piscinas a que chamamos lagos ?

O conceito de Junqueiro não é novo, a respeito da criminalidade da Natureza ; é um conceito theologico, velho como a propria theologia, e tão falso como ella. No seu furor de generalisação á *outranse*, o grande criminalista italiano, Cesare Lombroso, não hesitou perante os maiores arrojos ; mas se bem lermos a sua obra, não encontramos lá enunciada a criminalidade... das pedras. Quanto aos vegetaes, segundo o professor de Turim, o caso não pode ser duvidoso — alguns são terriveis criminosos. As chamadas plantas insectivoras, por exemplo, são d'uma criminalidade tão manifesta, algumas d'ellas, que pasma a gente de não encontrar ao longo de toda a evolução juridica, d'uma exuberancia tropical a mais pequena allusão a esses malfeitores... *in herbis*. A *Drosera*, por exemplo, tem uma singular habilidade para apanhar os insectos que podem servir á sua alimentação, e põe no exer-

cicio da sua actividade criminosa um tamanho sangue-frio, uma tamanha crueldade, que não ha maneira de lhe conceder um minimo de sentimento piedoso, uma particula infinitesima de moral, — Segrega uma substancia odorifera, que os atrae, e mal elles vão pousar-lhe nas folhas, iludidos e descuidados, prende-os n'uma especie de tentaculos resistentes, esmaga-os até á trituração e come-os com gulodices de canibal.

Lombroso vê n'este facto um esboço de criminalidade, generalisando até ás plantas o que sucede na sociedade dos homens. Podia muito bem chamar á Drosera... um criminoso nato, porque aquelle cheiro agradavel com que ella atrae os insectos, aquelles tentaculos com que os esmaga, aquella especie de succo gastrico em que os digere, tudo isso afirma o seu instinto ferozmente carniceiro, a fatalidade d'um temperamento criminoso... na opinião dos insectos, se é que elles têm opinião em assumptos de criminalidade.

Os crimes da Natureza!

Ella fez Nero, como fez o divino Platão; fez um dia o Christo, como fez mais tarde Torquemada. Ao lado da florsinha que nos encanta, cresce a herva que nos mata.

A Natureza criminosa!

Mas então o homem, esse santo, em que ventre foi gerado?

As crenças sinceras

De todas as babozeiras lapidares que fizeram a celebridade e a fortuna do conselheiro Accacio, uma das que se repetem por ahi com mais frequencia é esta — *devemos respeitar todas as crenças sinceras.*

O sr. conselheiro, se fosse obrigado a explicar-se sobre o que deve entender-se por *crenças sinceras,* havia sentir-se um pouco atrapalhado. Uma crença é sincera, não porque se afirme de maneira a dar uma perfeita impressão de sinceridade, mas porque, de facto, ella é dominadora na consciencia, imprime n'alma um vinco, que é quasi uma cicatriz, se permitem a exageração metaphorica.

Um individuo, seja elle quem fôr, ouve missa todos os domingos, confessa-se uma vez. pelo menos, em cada anno, compra sempre, pela quaresma, uma bula de pataco, e entra com egual quantia para o cofre das almas.

Um tal individuo será, como parece, um catolico sincero?

O que nós sabemos é que elle tem o procedimento que a religião catholica impõe aos seus fieis, mas não sabemos se o faz por ser um hypocrita habil.

Se nos disser, o sr. conselheiro Accacio, que deve-

mos presumir sincera a crença d'um individuo que, pondo em concordancia os seus actos com as suas palavras, vive correctamente a dentro d'uma seita ou confissão, o sr. conselheiro, honra lhe seja, diz uma coisa banal, mas sensata. Os phenomenos psychologicos são meramente subjectivos, e por ora não se faz a analyse qualitativa da alma como se faz, nos laboratorios chimicos, a analyse d'um sal.

E' justificado a apego do sr. conselheiro á sua formula, visto como ela contribuiu largamente para a sua fortuna e a sua celebridade; mas s. ex.ª não levará a mal que nos declaremos sem respeito pela babozeira que ella encerra.

Uma crença pode ser sincera, d'uma absoluta sinceridade, sem todavia merecer o nosso respeito. O que é sincero, seja qual fôr a este respeito a opinião do sr. Acacio, não é sempre respeitavel. Circumscrevendo-nos aos dominios da religião catholica, perguntamos ao sr. conselheiro se é respeitavel a crença de certos pobres diabos na intervenção da Providencia em phenomenos taes como a sacudidela que reduziu Benavente a um montão de terra e pedras?

E' crença de certos devotos que Deus manda a chuva e o bom tempo, faz crescer o trigo e fructificar a azinheira, quando lhe não dá para estirilisar a terra semeada, como se o cavalo d'Atila ali tivesse assentado a pata.

Não precisa dizer o sr. conselheiro Acacio que estas crenças são sinceras, porque nós sabemol-o tão bem com s. ex.ª; mas ha de permitir que lhe digamos que estas crenças são idiotas, e não merecem, por isso, o nosso respeito.

Quem reclama para si o direito de pensar livremente não pode recusar aos outros o direito de pensarem com a mesma amplissima liberdade. Talvez que o não ter crenças religiosas seja ainda, dentro de cer-

tos limites, e debaixo de certo ponto de vista, sem armar ao paradoxo, uma forma de religiosidade. Se bem sabemos do que se passa em nossa consciencia, nenhuma duvida temos em afirmar que d'ella se apagaram, da forma mais completa, os leves stygmas de religião que lhe havia imprimido uma educação viciosa.

Pois bem; não admitimos a mais leve restricção ao que se póde chamar o nosso atheismo, exprimindo por esta velha palavra uma sinthese de idéas e sentimentos que transcende a sua vulgar significação. Que um catholico, um judeu ou um protestante reclame para si o direito de ser tão livre na estreiteza da sua religião, como livres nós somos na ilimitada esphera da irreligiosidade, e primeiro do que ninguem nós lh'o reconheceremos.

Nada temos com a *sinceridade* da sua crença; mas que não pretenda constranger-nos a respeital-a, se a não acharmos respeitavel, porque essa violencia não se realisará sem protesto.

O conselheiro Acacio foi quem redigiu a Carta Constitucional, ha mais de oitenta annos, e rara é a lei portugueza, das actualmente em vigor, que não fosse inspirada por s. ex.ª. Os discursos solemnes que se ouvem no Parlamento, na sua maior parte, é elle que os pronuncia, e quem se der ao trabalho de ler com atenção as sentenças e accordãos dos tribunaes, facilmente encontrará a sua garra n'esses trabalhos do fôro.

S. ex.ª é todo o Portugal burocrata, deputado e par do reino, chefe de repartição e membro do Conselho de Estado, sendo ao mesmo tempo um livro de philosophia e um tratado de moral.

Quando Acacio diz que é preciso respeitar todas as crenças sinceras, o que elle quer dizer é isto — que é preciso respeitar a crença que elle professa. E

esse respeito exige elle que vá até não lh'a discutirem, porque já a discussão, feita embora no mais honesto dos propositos, seria uma falta de respeito.

Como foi elle quem redigiu o codigo penal, lá estabeleceu penas contra os que não respeitem a religião do Estado, que é a religião d'elle, conselheiro Acacio.

Não; póde ser legitimo não respeitar crenças sinceras, e nunca devemos respeital-as quando ellas não tiverem, dado pela sua natureza e objecto, um irrefragavel cunho de respeitabilidade.

Um individuo descobre-se á passagem d'uma procissão, ou entra n'uma Egreja e confessa-se. Sincero na crença que o leva a proceder assim, ou procedendo assim hypocritamente, por conveniencias de qualquer especie, a ninguem é permitido crear-lhe embaraços no exercicio da sua liberdade de consciencia. Mas a todos assiste o direito de não *respeitarem* a sua crença, analysando-a, criticando-o, fazendo d'ella o mais rigoroso exame, acabando por mostrar que ella deve ser posta de banda, por absurda, ou deve ser condemnada, por immoral.

Estamos certos de que o sr. Acacio é sinceramente crente; mas como tambem estamos certos de que é sinceramente tolo, professamos pelas crenças de s. ex.ª a mesma falta de respeito que professamos pelas tolices da outra gente.

As phrases lapidares!...

Valia a pena reunir em volume as que são de uso mais frequente, pelo menos as que parecem de melhor tom, redondas e sonoras, e pôr-lhe este titulo — *Evangelho d'asneiras*, pelo conselheiro Acacio.

Dava rios de dinheiro... se o comprassem todos os parentes de s. ex.ª.

O Orçamento

Pois é verdade...

Em 1640, n'um dia frio de janeiro, brumoso como são os dias de inverno, em Londres, a cabeça de Carlos I rolou no cadafalso, exactamente como sucedeu á de Luiz XVI, tambem n'um dia frio de janeiro, em Paris, a quasi seculo o meio de distancia.

Quando os imperantes atiram os seus povos para os campos de batalha, sacrificando milhares de vidas prestimosas a caprichos de bastidores ou a ambições dynasticas, a Historia regista o feito, ás vezes na mais gloriosa das suas paginas, onde tão sómente deveriam ser inscriptas as acções nobres, generosos, humanitarias. Mas que um dia um povo, como sucedeu na Inglaterra, como sucedeu em França, pegue na cabeça d'um monarcha, e lh'a separe do corpo pela espessura exigua d'uma lamina cortante, e logo a Historia regista o feito na pagina destinada aos grandes crimes, ás abominações de sangue que ficam a chorar na torrente dos seculos lagrimas de piedade, com soluços de vingança. E, comtudo, a vida é uma só para cada homem, tão irreparavel, uma vez perdida, quando se trata d'um imperador como quando se trata d'um vagabundo. Sabe alguem o nome d'esses milhões de

creaturas, irremediavelmente sacrificadas pelos reis no transcurso dos seculos dynasticos?

Mas sabe-se o nome dos reis que a justiça popular tem executado, e para a memoria d'esses a voz da Historia tem sempre uma palavra de dó, uma lagrima de saudade... E' que os cadafalsos que os povos erguem para executarem os reis, de longe em longe, assentam no ponto culminante d'um cyclo historico, e as cabeças que tombam d'essas alturas vertiginosas, escorrendo sangue, parece desenharem no espaço, em caracteres inapagaveis, uma legenda tragica, em que as gerações vão lendo, ininterruptamente, os crimes d'uma familia e as desgraças d'uma patria.

Pois é verdade...

O sr. ministro da fazenda, ao citar a Inglaterra, a proposito de orçamentos dictatoriaes, recordou sem duvida os annos tristes do reinado de Carlos I, o mizerando neto de Maria Stuart, decapitada em plena mocidade, avelhentada d'um longo captiveiro de dezenove annos, que foram dezenove seculos de torturas, evocando na estreiteza pouco alumiada do seu carcere as montanhas verdes da sua Escocia, e na viuvez do seu leito, duro como o coração da rainha Izabel, sonhando as horas felizes que passara ouvindo as cavatinas de Rizzio, o misero cantor italiano que um dia, no quarto da soberana, foi apunhalado por sicarios.

Pois é verdade...

O conde de Strafford, depois da morte violenta de Buckingam, foi o favorito do rei Carlos. Homem energico e ambicioso, tendo n.uma grande conta os seus merecimentos de toda a ordem, para engradecer a sua pessoa meteu-se a engradecer o poder real. Queria o absolutismo em favor do povo, e como visse no parlamento uma restricção da soberania regia, aconselhou a monarchia a adial-o *sine die*, embarçosas

como eram aquellas assembléas populares. Já o monarcha tinha reflexionado que — *todos os reinos christãos, em velhos tempos, tinham adoptado os parlamentos; mas um dia os respectivos monarcas, tendo reconhecido as suas proprias forças e considerando o espirito turbulento d'aquellas assembléas, a pouco e pouco, gradualmente, fizeram predominar as suas prerogativas. A tal ponto que na christandade inteira, com excepção do nosso paiz, os parlamentos foram abolidos.*

Sob a ameaça da Escocia, erguida em pé de guerra, o rei convocou o parlamento, em ferias durante onze annos! Saiu-lhe mais arisca que elle esperava essa assembléa reunida á pressa, e que terminantemente lhe recusou os subsidios de que elle dizia carecer para sustentar a guerra. Como já as tropas escocezas acampassem na fronteira, tratou o monarcha de convocar o parlamento livre, conforme os desejos da nação.

Não pretendo, a proposito do Orçamento, fazer um curso de historia, e por isso me dispenso de dizer aqui o que foi o *longo parlamento*, como caiu na desgraça o favorito do rei, acusado de traição, e pelo seu regio amo entregue ao carrasco, como um bandido vulgar. Tão pouco me ocuparei d'essa famosa guerra civil, que durante quatro annos convulsionou a Inglaterra, paralysando toda a sua vida de trabalho.

Estavam d'um lado as tropas do rei, e do outro lado as tropas nacionaes. Refugiado em York, Carlos seguia anciosamente as peripecias da lucta, mal provido de recursos para uma campanha demorada. Vendido por dinheiro, como qualquer objecto de trafico mercantil, o rei foi encarcerado n'uma fortaleza, á disposição das tropas rebeldes, de que Cromwell era o supremo commandante. Elle, que sempre despre-

zara o parlamento, pondo acima dos direitos da nação as prerogativas da sua magestade, via-se agora preso como o ultimo dos seus subditos, á mercê da generosidade dos seus adversarios, mais poderosos do que elle. Acusado de traição, foi levado perante um tribunal *ad hoc*, composto de juizes, deputados e officiaes do exercito. O partido de Cronwell, dos independentes, lançara uma proclamação, em que afirmava que só a vontade do povo faz lei, visto como n'ella reside e d'ella dimana toda a auctoridade legitima. Condemnado á morte, deram-lhe tres dias para preparar as malas. Findo este curto praso, n'um amanhecer fresco de janeiro, brumoso como são geralmente os dias de inverno, em Londres, Carlos I subiu as escadas do cadafalso, e dois carrascos, vestidos como se fossem marinheiros, acomodaram-lhe geitosamente a cabeça no cêpo, e um d'elles descarregou o ferro homicida, que logo brilhou aos olhos da multidão tinto de sangue real.

Ainda hoje, em Whitehall, quem evocar nas sombras da noite aquella scena terrificante, verá surgir o espectro de Carlos I, trazendo impressa nas faces lividas de executado a longa historia dos reis traidores, sobre que recaiu, implacavel, a justiça vingadora dos povos.

Um aniversario

Faz hoje dois annos que morreu Hygino de Sousa.

Para quasi todos nós, os seus amigos, a sua morte foi uma surpresa, a maior parte nem sabendo da sua doença, quando elle já agonisava.

Faz hoje dois annos!

Na vespera os cirurgiões tinham-lhe aberto o ventre, e essa operação inutil déra-lhe alivios extrordinarios.

— *Isto foi uma resurreição*, dizia o pobre Hygino, quando voltou á consciencia de si mesmo, passada a bebedeira chloroformica.

E logo o seu pensamento voou para longe, para muito longe, indo cair n'essa montanha da Suissa, onde brincava o seu filho, onde sofria a sua mulher, ignorante por completo da tremenda catastrophe que a ameaçava. Horas depois, n'um estremeção, como se o sacudisse a garra d'um monstro enfurecido, o pobre Hygino circumvaga os olhos baços pelas paredes nuas do quarto, e logo cae na inconsciencia agonica dos que já não vivem e ainda não morreram, luz que já não esclarece, e ainda não se apagou de todo. D'ahi a pouco estava morto, e a noticia espalhava-se pela

cidade, produzindo em todos que o conheciam o pasmo, a saudade e a dôr.

Tinha estado com elle, em Paris, havia pouco tempo, e, posto me tivesse impressionado muito desagradavelmente o seu ar cançado, abatido como um velho, não tinha previsto tal desastre.

Hygino de Sousa trabalhava como pouca gente n'esta terra de preguiçosos. A sua clinica absorvia-lhe muitas horas, clinica de consultorio e clinica de hospital, qualquer d'ellas fartamente concorrida, como as mais fartamente concorridas lá de fora. Honesto e caprichoso, quando não via doentes folheava livros, consultava revistas, em termos de conservar-se ao corrente do movimento scientifico, literario e artistico do seu tempo.

Conseguira, em meia duzia d'annos, ser um mestre na especialidade a que se dedicára, e, como se esse labor enorme fosse coisa de pequena monta para a sua extraordinaria actividade, foi preparando um concurso para a Escola Medica, que o recebeu no seu gremio com afecto carinhoso.

Desde então Hygino de Sousa passou a trabalhar mais do que permitiam as suas forças, malbaratando a sua saude como um estroina malbarata a sua riqueza. Constituira familia, e parecia-lhe pouco tudo quanto fizesse para garantir-lhe um futuro prospero, se viesse a sucumbir a meio caminho da vida.

Pobre Hygino!

Ninguem seria capaz de advinhar os thesouros de ternura, de tocante afectividade que se ocultavam por detraz da sua aparencia fria. Quem não o conhecesse de perto havia imaginar que a sua calma era feita de indiferença, e que o seu grande ar superior era feito de vaidade ou de orgulho.

Tinha, é certo, a consciencia do seu valor, e achava indigno encolher-se n'uma falsa modestia, para não

irritar os tolos. Não consentiria que outros o amesquinhassem e começava por não se amesquinhar a si proprio, mantendo sempre, e em todas as circunstancias, uma linha de correcção e uma attitude de altivez que lhe conciliavam a estima d'uns e o respeito de todos.

O traço caracteristico da sua intelligencia era a reflexão; a qualidade basilar do seu caracter era a vontade. Quando lia, estudava. A sua lettura era ás vezes uma lição amena, mas era sempre uma lição proveitosa.

Tambem os seus desejos nunca eram meros caprichos, a que se aferrasse agora para os abandonar logo. Quando queria, punha no seu querer o melhor da sua vontade.

Isso nos explica a razão por que Hygino de Souza fez sempre a sua carreira em linha recta, indo direito ao seu fito, vencendo todas as resistencias, resistindo a todas as dificuldades. Querer alguma coisa, para aquelle homem forte, era realisal-a. Tinha uma extraordinaria confiança em si, e provinha d'essa confiança serena a sua tenacidade imperturbavel.

O movimento de protesto, provocado pelo *ultima-fum*, foi, sobretudo, alentado e dirigido pela mocidade das escolas, sendo principalmente em Lisboa, como era natural, que esse movimento se intensificou, passando, em breve, de ser lyricamente patriotico, a ser francamente revolucionario.

Hygino de Sousa foi, desde o primeiro momento, o chefe escolhido pela academia, o seu director, o seu homem.

Funda-se a *Patria*, e elle, que nunca fizera jornalismo, posto á frente d'esse jornal, que era quasi um pamphleto, afirma-se como jornalista da mais forte envergadura, subscrevendo artigos de mestre. A sua producção era um pouco torturada, mas os periodos

saiam lhe redondos, e, se era sempre elevado o seu pensamento, raramente deixava de ser correcta a sua forma.

Dentro em pouco o estudante Hygino de Sousa era um dos homens politicos mais conhecidos no paiz, e tanto se impoz ao respeito, á estima e á consideração dos dirigentes do partido republicano, que estes não hesitaram em fiar d'elle a resolução de problemas graves. A sua lhaneza atraia; a sua impassibilidade inspirava confiança; a sua firme decisão incutia animo. Estava lhe destinado um grande papel na politica portugueza, nenhum homem da sua geração reunindo tão grande somma de qualidades para se impôr e dominar.

Lançado na vida clinica pela necessidade imperiosa de ganhar a vida, a pouco e pouco foi-se tornando estranho á vida do partido republicano, onde, todavia, se conservou sempre, com a mesma pureza de crenças que ruidosamente afirmara nos ultimos annos da sua vida academica. Exactamente por ser grande o seu valor, e saber-se que dentro do partido republicano o seu prestigio era enorme, tentou-se comprometel-o no conceito publico, rebaixal-o na opinião dos seus amigos desauctorisal-o perante os seus correligionarios.

Um dia Hygino de Sousa vê morrer a pobre velhinha que era sua mãe, e logo no dia seguinte, ainda elle chorava abraçado ao cadaver, o Rei mandava-lhe os pezames, sem nenhum respeito pela sua dôr, tentando junto d'uma cova aberta o aviltamento d'um caracter.

Quando Hygino de Sousa nos perguntou se devia agradecer aquella gentileza, nós respondemos-lhe que talvez ficasse bem á sua magnanimidade esquecer aquella injuria, que representava uma tentativa baixa de corrupção.

O certo é que a partir de então Hygino de Sousa deixou de interferir na vida do partido, e na grande massa republicana deixou de soar o seu nome como o d'um apostolo, sem, todavia, o considerarem renegado.

Os amigos dos reis, ensina a historia, quasi nunca são os amigos do povo, e Hygino de Sousa pareceu, em certos momentos, ser de uma complacencia demasiada para com o Chefe do Estado.

Pobre Hygino!

Nunca uma sombra embaciou a nossa amizade de irmãos; nunca uma suspeita entrou no meu espirito ácerca da integridade do seu caracter. Se hoje vivesse, estaria aqui, trabalhando comigo, ajudando-me a levar o pezo d'esta cruz, exagerado para as minhas forças, insignificante para a minha boa vontade.

Apercebido do laço que lhe armavam, havia de reagir com toda a elevação da sua alma nobre, d'uma inteireza rara.

Ha dois annos!

Quando se perde a alegria que faz rir, ha um certo prazer em chorar.

Pobre Hygino!

Crimes passionaes

Outro dia, na Boa Hora, um individuo foi condemnado a 23 mezes de prisão, multa, custas e sellos do processo, por ter vitriolado duas irmãs, uma das quaes fôra sua amante.

Este crime de *vitriolagem* é, na quasi totalidade dos casos, um crime *passional*, pouco freqüente entre nós, mas d'uma espantosa frequencia em Paris, onde raro é o dia em que uma bola de vitriolo não estala na cara da amante infiel ou do namorado em demasia *volage*.

A nossa lei penal, que ha muito deveria ter sido largamente reformada, inclue a *vitriolagem* nos crimes de ofensa corporal, e condemna o criminoso em uns tantos mezes de prisão, conforme a impossibilidade de trabalho dura mais ou menos dias. O julgamento faz-se em policia correccional, podendo o juiz ser mais ou menos severo, segundo as suas disposições de momento, e segundo a sua orientação philosophica, em sciencia criminal.

Por via de regra, os crimes passionaes, em França, não indignam por ahi além os jurados, quasi sempre burguezes pachorrentos, implacaveis quando se trata de atentados contra a propriedade, mas d'uma extre-

ma benevolencia para com os crimes que se diz serem o resultado d'um exacerbamento de paixões, as violentas paixões que desencadeiam tempestades, levando algumas vezes ao heroismo, algumas vezes á loucura, a maior parte das vezes ao crime, e não raramente á morte.

E' um crime passional o do marido que, encontrando a mulher pelo braço do amante, á saida d'um hotel ou á entrada d'um *restaurant*, despeja sobre os dois as balas todas do seu revolver. Este crime é dos que não escandalisam a Opinião, antes concitam, na maior parte dos casos, as geraes simpatias, encontrando nos tribunaes uma notavel athmosphera de benevolencia.

A amante abandonada, exgotados todos os meios de chamar o pae dos seus filhos a uma vida commum, roída pelo ciume ou atormentada pela mizeria, mete na algibeira a arma homicida, e deita-se á procura do homem que a poz á margem da larga estrada da vida, morta para as alegrias da familia, herva das ruas que o transeunte pisa, farrapo d'alma em que ninguem repara. Tambem este crime é dos que a Opinião geralmente não condemna e os tribunaes geralmente absolvem.

Não é permitido a cada qual fazer justiça por suas mãos; mas no codigo penal de todos os paizes ha sobrevivencias das mais remotas eras, mal se conciliando com a philosophia penal moderna. Assim é que o marido atraiçoado pode matar a esposa adultera, se a apanhar em flagrante delicto, e com ella, no mesmo instante, o seu cumplice, não incorrendo n'outra penalidade que não seja o desterro, para fóra da comarca, por seis mezes. E se em vez de os matar, os moer de pancadas, deixando-os em estado de não poderem ganhar a vida, de nem sequer renovarem o seu crime, a justiça não lhe toca ; ignora o seu pro-

cedimento, como se d'elle não resultasse a perda de valores sociaes.

Só em legitima defeza, para não morrer, é licito a qualquer matar, e a lei estabelece que o homicidio, por exemplo, não é crime punivel, se aquelle que o praticou o fez para que o não matassem. O certo é que a nossa organisação psychica, considerada sob varios aspectos, é ainda extremamente defeituosa, producto d'uma herança muitas vezes secular, para mais tendo o cerebro humano a faculdade de guardar quanto adquiriu, e os defeitos d'essa organisação refletem-se nas leis, ás vezes são o proprio espirito que as vivifica, outras vezes são a modalidade que as deforma e perverte.

O criminoso d'outro dia, condemnado na Boa Hora pelo crime, aliaz não especificado no Codigo Penal, de *vitriolagem*, alegou a sua paixão louca pela mulher que vitriolou, e não se esqueceu de dizer, instruido como um criminoso de carreira, que a seguir a uma scena violenta com a amante, na manhã do crime, não soubera mais o que fizera, obscurecida a sua razão, por completo desequilibradas as suas faculdades mentaes.

Não ha assassino, entre os profissionaes do crime, que não diga ter sentido uma onda de sangue banhar-lhe os olhos, ao meter a faca no peito ou no ventre de qualquer, perdendo n'este instante a consciencia de tudo, e assim justificando o seu acto. Na verdade, sucede muitas vezes que a colera produz uma congestão da retina, e não se sabe bem por que artes este dado da phisiologia foi parar ao conhecimento dos *apaches*, que lhe deram uma expressão pitoresca — *j'ai vu rouge* — ignorantes da base scientifica em que assenta, ou pode assentar, a sua alegação.

Entre a scena violenta que o criminoso de que nos estamos ocupando diz ter tido com a amante, e o

acto de vitriolagem, em plena rua, n'um encontro que elle provocou, mediaram umas poucas d'horas, e certamente esse tempo todo não o passou elle tendo nos olhos uma venda de sangue, perturbada de tal modo a sua razão que se armou com uma bola de vitriolo, imaginando que era um frasco de essencias.

Não; elle escolheu o instrumento que melhor poderia realisar o seu proposito que era o de inutilisar a sua victima para o exercicio da profissão que tinha, deformando-a a tal ponto que se perdesse o capital-beleza de que taes mulheres tiram, legitimamente, uma boa parte do seu rendimento.

O que é essencial, nas gentes de theatro, é terem superiores aptidões para o desempenho da função que se impõem; mas é certo que uma bonita mulher encontra sempre mais facilidades em escripturar-se que uma mulher feia, em egualdade de merecimentos artisticos. As que além de feias são disformes, com extrema dificuldade se colocam, e a sua deformidade é sempre a razão e o pretexto para lhes darem menos dinheiro.

Ao crime de vitriolagem, nas condições em que foi perpetrado aquelle a que nos vimos referindo, devia corresponder pena maior que a applicada na Boa-Hora, respeitando-se as disposições da lei. E á victima de semelhante crime, deveria ser dada uma indemnisação tirada dos haveres do criminoso, se os tivesse, reconhecendo-se-lhe em todo o caso o direito a havel-a, se algum dia elle estivesse habilitado a dar-lh'a.

Crimes passionaes!

Mas não será sempre a paixão, algumas vezes nobre, na grande maioria dos casos vil, a determinante de quasi todas as acções criminosas?

Uma infamia

Foi ha sete annos.

Um longo cortejo seguia pelas ruas de Madrid, muito longo, e d'uma sumptuosidade rara. Havia em todos uma alegria quasi infantil, que era uma irradiação da mocidade feliz dos regios noivos, um ao lado do outro, sonhando loucuras d'amor, como as sonham todos os noivos — os que nascem em misero catre, e os que nascem em regio thalamo.

Seguia o cortejo, longo e sumptuoso, quando subitamente estoira uma bomba, e um côro de gritos se ergue, transmudada a alegria em dôr e luto, ás acclamações festivas substituindo-se as imprecações e os protestos.

O que fôra?

Um anarchista, alcandorado n'uma trapeira, quando passava o coche em que iam os noivos, sonhando loucuras d'amor, atirára uma bomba, que por acaso errara o alvo. Logo o telegrapho tornou conhecido em todo o mundo o crime de Madrid, e em toda a parte elle foi verberado com justa indignação, crime de estupida malvadez, sem nenhum alcance legitimo.

N'este mesmo jornal [1] escrevemos a proposito d'esse

[1] *A Lucta.*

crime os ligeiros periodos que se seguem sobre a epigraphe – *Uma infamia:*

«Repetiu-se agora, em Madrid, no proprio dia do casamento do rei.

Quem a praticou? Um anarquista.

Em nome de quê? Do mais alto ideal humanitario.

Atirar uma bomba ao seio d'uma multidão, fazendo voar em estilhaços homens, creanças e mulheres, é a mais odiosa infamia que imaginar-se possa.

Ha uma suprema cobardia n'esse pretendido crime heroico.

Uma idéa generosa não pode ser evangelisada por esse processo.

O que pretendem os anarquistas?

Refundir a sociedade, tornando-a melhor.

Esperam conseguil-o atirando bombas sobre a multidão em festa?

A doutrina deixa de ser sympathica, e os seus apostolos tornam-se odiosos.

Tambem nós sômos anarchistas, se o anarchismo é essa doce chimera qne embala tantos espiritos generosos, offendidos por tantas iniquidades da sociedade actual.

Se realmente é isso o anarchismo, elle marca o termo ultimo das nossas aspirações, é o verdadeiro elo de uma longa cadeia de anceios altruistas que balisam o caminho e fixam a orientação da nossa actividade.

Mas se é ser anarchista subir a uma trapeira e de lá atirar a um mar de gente uma bomba explosiva, nós engeitamos toda a solidariedade com anarchistas, porque essa infamia rebaixa o homem, tornando-o egual á féra que, sendo incapaz de sentir o bem, fosse requintadamente habil para fazer o mal.

O anarchismo, visto á luz d'uma bomba que estoira entre creaturas inofensivas, é coisa bem mais repugnante que todos os crimes da burguezia, por muito grandes que sejam.

Em nome do verdadeiro anarchismo, entendido como um ideal supremo de justiça e de bondade, protestamos contra essa infamia.»

Isto escrevemos, ha sete annos, a proposito do attentado de Madrid, por occasião do casamento do rei Affonso. O facto de se tratar d'um rei não podia ser motivo bastante para calarmos o nosso protesto contra um crime repugnante, e talvez um pouco menos repugnante do que estupido. E porque tal escrevemos, protestando contra a tentativa de morte, por meio de bomba, em relação a um imperante, plena auctoridade temos para erguermos o nosso mais vehemente e indignado protesto contra o crime de terça-feira, na rua do Carmo.

Contra quem foi que o homem do estandarte negro, ao que parece trabalhador n'um estabelecimento publico, contra quem foi que elle atirou a sua bomba assassina, fabricada com o unico proposito de matar?

Foi contra toda a gente que se achava dentro da zona que podemos chamar perigosa, isto é, na area em que podiam fazer estragos os projecteis que na bomba se continham. N'esse espaço havia pessoas de todas as edades e de todas as condições, homens, mulheres e creanças, representantes da burguezia e do operariado, politicos de todas as escolas, republicanos, monarchicos, socialistas e acratas, individuos que ali tinham ido de proposito para verem, e outros que ali tinham sido detidos pela multidão, andando a tratar dos seus negocios.

Contra quem foi que o homem do estandarte negro arremessou a sua bomba?

Foi contra toda a gente que viu deante dos seus olhos allucinados, incapazes de fixarem um alvo na multidão hectoregenea e movediça. Sahira de casa resolvido a perpretar o crime; havia de pratical-o aqui ou além, onde pudesse fazel-o com mais garantias de exito e mais probabilidades de segurança individual.

Talvez que os estilhaços da bomba só victimassem creaturas inoffensivas, mulheres e creanças, homens do povo que as festas distrahiam da sua miseria, e porventura tambem algum apostolo do anarchismo, algum poeta ou algum philosopho dos ideaes libertarios. Podia muito bem dar-se o caso de não ser victimado nenhum dos representantes das classes previlegiadas, embora o burguez não desdenhe metter-se nas multidões, arriscando as algibeiras e os callos. Tudo isto podia succeder; mas quando o nosso homem sahiu de casa, levando na algibeira, com a maior cautela, a terrivel bomba homicida, elle apenas considerou que tinha um instrumento de morte, e tinha de o empregar na melhor occasião.

E assim fez.

O crime é de todos os tempos, mas esta modalidade de crime é inteiramente moderna, e pretende ser um requinte de civilisação, a forma legitima d'uma propaganda humanitarista, visando a estabelecer um regimen de felicidade commum, que faça baixar o céu á terra.

Certos estamos de que não ha ninguem, por maior que seja o seu egoismo, e por mais obtusa que seja a sua sensibilidade moral, que não reconheça a tremenda iniquidade que resulta das flagrantes desigualdades sociaes. Por via de regra os philosophos do anarchismo teem razão na critica que fazem da viciosa organisação social que se patenteia aos nossos olhos, e se impõe ao nosso exame; mas desde que saem do

campo vasto da critica, isto é, da negação, para o campo das soluções positivas, então a sua philosophia é uma especie de romance á Julio Verne, architectado sobre um vago e inconsciente possibilismo economico-social, menos engenhoso e divertido que as aventuras do capitão Grant, e incomparavelmente menos pittoresco que a viagem á lua dentro d'uma bala.

Sim, as desegualdades sociaes, que veem de muito longe, são na verdade tremendas, e confrange a alma o espectaculo de tanta degradação, tanta miseria physica e moral como a que se patenteia aos olhos d'um observador intelligente e imparcial. Mas, é rematada loucura imaginar que taes desegualdades podem ser rasoiradas com bombas de dynamite, que sobre a base do crime pode erguer-se um novo e melhor edificio social.

Bakounine prégou a destruição universal, embalado no sonho d'uma felicidade que seria impossivel se não assentasse n'um terreno egualitario. Destruir para edificar é menos um ideal de philosopho que um programma de mestre d'obras.

A obra da reforma social, que é preciso emprehender com audacia e proseguir com tenacidade, exige o esforço de todos os bons cidadãos, seja qual fôr a esphera em que elles exercem a sua actividade legitima, isto é, socialmente util; mas só podem fazer mal a essa obra os desvairamentos criminosos no genero do que na terça-feira alarmou Lisboa, introduzindo no programma das festas um numero feito de lama amassada em sangue.

A bomba é infame, e a propaganda que se faz com ella é a negação de todo o ideal de justiça e bondade de que se reclama o anarchismo, como aspiração humanitaria.

Fialho d'Almeida

N'uma especie de biografia de Hintze Ribeiro, publicada n'um jornal franquista do Porto, Fialho d'Almeida advoga a constituição de dois partidos dinasticos, regenerador e progressista, cada um d'elles integrando-se no respectivo grupo dissidente. No entender do saudoso pamphletario dos *Gatos*, cabe aos dissidentes d'um e d'outro partido — *manter em Portugal o principio dinastico, que a mór parte da gente julga compativel ainda com o avanço na terra e o desenvolvimento das liberdades modernas.*

Escusado será dizer que *a mór parte da gente* deve ser o saudoso escritor, a quem se devem algumas das melhores paginas da moderna literatura portugueza. Vida nova nunca se fez com gente velha, escreveu Fialho d'Almeida n'aquelle prodigioso numero dos *Gatos* em que Sergio nos aparece, tocando violoncello, n'um café da Mouraria, e o cadaver de D. Luiz é transportado de Cascaes para os Jeronymos, entre archotes, n'uma scenographia horrivelmente bela, a duas côres, como se por um quadro de Ribera passasse, rutilo e quente, o pincel de Salvator Rosa. E velhos são esses dissidentes todos para

quem Fialho apela, cançado antes de tempo, muito prematuramente perdido para a Arte, lá de longe em longe aparecendo para nos afirmar que teve talento — um raro talento de homem de letras.

No recanto da sua aldeia, onde passa a mór parte do anno, mal acordam echo as tempestades da vida moderna, anciosa e febril, queimando-se no fogo de todas as paixões, nobres umas, degradantes outras, e todas ellas tendo como resultante final uma ascenção bemdita para o supremo bem, para o supremo amor, para a suprema justiça. Tudo lá chega reduzido ou amplificado, sem verdade — ou seja a verdade das proporções, ou seja a substancial verdade das coisas.

Quando a voz das multidões estruge pelas ruas e pelas praças, fazendo ouvir o protesto das consciencias altivas contra a opressão d'um absolutismo insolente e desvairado, cuida o Fialho, lá no recanto da sua aldeia, que é o Gavroche das cidades que anda a molestar os burguezes, trauteando-lhes aos ouvidos, por entre roncos e silvos, os *couplets* mais em camisa d'alguma *chanson* canalha. Parece-lhe então que lhe percutem o figado ou lhe atenazam os rins, e não se furta á grave injustiça de atribuir á Democracia o que é simplesmente devido ao artritismo.

Um policia que desembainha o chanfalho, arrogante e malcreado, visto de Cuba, n'uma crise de arthralgias constitucionaes, facilmente assume a grandeza epica d'um Napoleão a deixar cair phrases do alto das pyramides, ou commandando os exercitos nos assolados campos da Europa continental.

Que admira, sendo assim, tudo chegando deformado áquelle recanto da provincia onde Fialho passa a mór parte do anno, sem lazer para recordar velhos escriptos, velhos principios, velhas pregações, que admira que elle acredite sinceramente que — *nos pro-*

grammas d'estes novos partidos cabem as aspirações da democracia mais pura, e o avanço das sciencias economicas, politicas e moraes mais arrojadas?

Como Fialho se arrependeria de ter escripto isto, se arrancando-se ámanhã ao seu ostracismo voluntario, viesse a saber que o Messias franquista creou o gabinete negro dentro d'uma lei de imprensa que já arrastou aos tribunaes, sujeitando-os a pesadas condemnações, um sem numero de jornalistas; que achando ainda insuficiente, como mordaça para o espirito, essa infamissima lei, fez aquelle inconcebivel decreto de vinte de junho, que permite aos governadores civis suspenderem os jornaes quando muito bem lhes parecer!

Que funda magua, que densissima tristeza enublaria o espirito de Fialho d'Almeida se elle soubesse que esse governo, dentro de cujo programma cabem os avanços das sciencias economicas, politicas e moraes mais arrojados, rasgou em dois bocados a toga de venerandos juizes, servindo se de um como escova para as suas botas, e servindo-se de outro como esfregão de cosinha!

Mas elle nada sabe, recluido no seu canto, e os echos que lá lhe chegam, confusos e amortecidos, só fornecem ao seu espirito vagos elementos de apreciação, escassos fundamentos de critica.

Ribombou um trovão? Imagina que na rua, um acrata que passava, estoirou uma bomba de dynamite. Ouve falar em dictadura? Imagina que resuscitou Pombal, e logo uma alucinação da vista lhe mostra os Tavoras perneando na forca, os jesuitas saindo a barra, e o padre Malagrida posto a assar no espeto, como um leitão de mez e meio.

Soubesse elle que alguns oficiaes, no Porto, cingindo a catana, tinham ido de restolhada, em grupo

numeroso, inscrever-se no centro franquista! Dissessem-lhe que outros oficiaes, em Lisboa, aproveitando um minimo pretexto, tinham ido a casa do presidente do conselho deixar-lhe os seus cartões de visita! Debalde tentariam fazer-lhe ver que os bilhetes são papeis, e que se é certo, como se afirma, que o diabo atracou uma tranca, como se fosse uma espingarda, e com ella matou uma velha ramelosa, não consta da Historia nem da Mythologia que tal coisa se fizesse com um cartão de visita. — Para o efeito moral, escreveu Fialho nos *Gatos*, tanto faz intervir nos destinos do paiz com bilhetes de visita como a tiro.

E dando á cortezia dos bilhetes uma significação que ella não podia ter, vendo a possibilidade de uma revolução republicana n'um futuro muito proximo, concluiria assim — *Caberá pois ao exercito a missão de com a espada cortar as ultimas liassas que prendem o throno á tradição politica do paiz.*

O seu belo sonho de republicano!

Fossem lá dizer-lhe, quando elle andava no turbilhão da vida, escrevendo paginas immorredoiras, d'um brilho que dificilmente se eguala, e d'uma audacia que ainda mais dificilmennte se excede, fossem lá dizer-lhe que dentro dos programmas monarchicos, quaesquer que sejam, cabem os avanços das sciencias economicas, politicas e moraes mais arrojados!

Mas elle ignora quanto se passa fóra do seu canto, no coração do Alemtejo, e os echos que lá chegam, confusos e amortecidos, só fornecem ao seu espirito vagos elementos de apreciação, escassos elementos de critica!

O peor é que elle prende em Cuba, por um egoismo de *retraité*, aquelle adoravel pamphletario que Lisboa conheceu, ha annos, audacioso e irreverente, cheio de graça e de razão, iconoclasta de velhas e

ainda reverenciadas e divindades a diluir a sua grande alma de artista em paginas que se lerão sempre, com amor, pelos tempos fóra, emquanto houver espiritos cultos e delicados, que entendam a lingua em que ellas estão escritas.

E não ha philoxera que lhe estrague as vinhas?

Não ha burgo que lhe rôa os montados!

...Nem ha maneira de lhe apanhar uma chonica para a *Lucta!*

*

Só hontem, de tarde, tive conhecimento da morte do Fialho, em Cuba, terra da sua residencia. Não o sabia doente, e ainda ha poucos dias Teixeira Gomes me dissera que elle viria muito proximamente a Lisboa, o que não julgava prudente, tamanha corrente de animosidade haviam creado os seus ultimos artigos na imprensa brazileira.

Fui dos amigos de Fialho d'Almeida, dos que mais sinceramente o estimavam, dos que não punham restricções á admiração pelo seu talento, que em toda a parte seria de *élite*. Tanto como eu o estimava e admirava Chrispiniano da Fonseca, o mais inteligente e culto dos rapazes da sua geração, e com elle planeei um dia, publicava-se então a *Patria*, sovar sem piedade o Fialho — no generoso intuito de o obrigarmos a sair da vida *malsaine* de lisonja em que o traziam os cabotinos e os imbecis.

Duraram largos annos as nossas relações, que violentamente quebrei no dia em que Fialho se propoz colaborar n'uma infamia por mera paixão politica. Até então, sempre os seus defeitos, os seus maus procedimentos haviam encontrado em mim generosidade e misericordia, parecendo-me que muito se devia desculpar ao grande, ao extraordinario artista que elle era. No dia em que Fialho, já resolutamente lan-

çado no caminho da mais feroz e estupida reacção, apareceu colaborando n'um jornal thalassa, n'esse dia escrevi a seu respeito, qualquer coisa que fosse uma admoestação e uma advertencia. Encontrei-o no Martinho, á tarde, e quando imaginava que Fialho iria dizer-me uma palavra de queixa ou de protesto, elle apenas me disse: — *Nunca escreveste coisa tão amoravel, imaginando talvez que tinhas sido feroz.* E era verdade.

Não escreveu Fialho d'Almeida uma grande obra; mas deixa algumas paginas que durarão emquanto durar a lingua portugueza. Não havia ahi mais delicada alma d'artista, e poucos artistas possuem a inteligencia que elle tinha, com um poder de observação verdadeiramente excepcional. Tinha a impressionabilidade d'uma chapa photographica quando via diante de si alguma coisa que valesse a pena fixar — ou fosse uma romaria no Minho, ou fosse um quadro de ceifeiros no Alemtejo. Sente-se o calor mordicante do sol d'agosto, no districto de Beja, lendo esse admiravel trecho de vida campesina, que Fialho teve ocasião de observar muita vez, que por certo muitas vezes observou quasi sem sair de casa, chegando á janella ou ao postigo.

Não pretendo fazer, n'este momento a critica da obra literaria de Fialho d'Almeida, que o grande Camillo saudou, tirando respeitosamente o seu chapeu, mal elle apareceu com meia duzia de chronicas e um pequeno volume de contos, audacioso, todavia, como se já fosse um triumphador. Escriptas quasi á beira da sua sepultura, estas poucas linhas servem apenas a afirmar o meu apreço pelo escriptor illustre que desaparece, e a minha magua pelo facto do seu desaparecimento.

A apostasia de Fialho, em materia politica, representou sempre, para mim, um caso de psychologia

morbida, que foi a sua maior tortura. Dizia-me ainda ha poucas horas Guerra Junqueiro, que foi dos grandes amigos de Fialho — *Mais uma victima do Franco.*

Na verdade, Fialho d'Almeida foi um dos muitos homens inteligentes que o franquismo intoxicou, pervertendo-lhe a vida mental e minando-lhe, de forma indirecta, a saude physica. Visitei com Fialho a *morgue*, quando lá estavam os cadaveres do Costa e do Buiça, e senti que n'esse momento alguma coisa se quebrara a dentro d'aquella personalidade eminente.

João Franco conseguira chamar ao seu gremio aquelle gato assanhado, fazendo-lhe sentir no lombo a macieza dos arminhos de par do reino. O assassinato de D. Carlos fel-o tomar de horror pela democracia republicana, que elle, na sua furia cega de sectario, reputava auctora do crime.

Sentindo que o abandonavam os seus melhores amigos, Fialho ha muito que não se demorava em Lisboa, consumindo no isolamento do seu recanto provinciano a raiva d'uma impotencia, que sonhara triumphos.

Feita a Republica, pensei em trazer Fialho para o campo de que desertara, e a um seu velho e dedicado amigo dei parte do meu proposito, afirmando que mais uma vez o filho prodigo seria festivamente recebido. Alguem o fez acreditar na possibilidade d'uma restauração monarchica, e isso o levou a escrever em jornaes brazileiros coisas infames, e que nem ao menos eram intelligentes, a respeito da Republica Portugueza. Se assim não fôra, o Fialho teria retomado o seu lugar entre velhos correligionarios, prestando ao seu paiz, sob o regimen em vigor, os altos serviços que podia prestar-lhe um tão elevado espirito.

Morreu um thalassa, não ha duvida; mas esse thalassa era um escriptor da raça a que pertenceram Ca-

millo e Eça, uma raça infelizmente quasi extinta, forçoso é constatal-o. Dizia Flaubert que de boa vontade faria uma hecatombe de imbecis para evitar uma dôr de cabeça a um homem de genio. Quantas hecatombes não valeria então a pena fazer para de novo chamar á vida e á actividade de espirito esse pobre Fialho de Almeida?

E' preciso ver bem os seus papeis, que entre elles ha, com certeza, muitas paginas que não podem ficar perdidas para a nossa literatura. Mais de quatrocentas paginas me disse elle ter escripto sobre a Galliza, e da sua recente viagem á Allemanha e á França deve elle ter apontamentos preciosos, que não devem ficar esquecidos.

Pobre Fialho!

Nem sequer me lembra que elle desertou do nosso campo, para só evocar, com infinita magua, as horas descuidosas e folgazãs do seu convivio, admiravel conversador que elle era, d'uma graça em que havia arestas de diamantes, e scintilações que eram rastros de estrellas, breves e fugidias.

O horror que elle tinha á morte!

Nunca lh'o ouvi dizer, mas ia jurar que elle chorou lagrimas amargas no dia em que o apparecimento d'alguns cabellos brancos lhe anunciou as inevitaveis geadas d'esse pavoroso inverno, que é a velhice.

Morreu pelo coração?

Foi, talvez, por lhe não ter metido dentro uma pequenina porção de afecto, corrigindo o que no sangue tinha de immensamente corrosivo.

Folia carnavalesca

Tristezas não pagam dividas, e como o portuguez é homem de boas contas, vá de aproveitar estes dias de folgança... para diminuir os seus debitos.

De coisas sérias não se trata em pleno carnaval, e melhor fôra que os jornaes se não publicassem n'estes dias, inutil como resulta a sua leitura — o que de resto sucede nas outras epocas do anno.

Nem toda a gente pode ausentar-se de Lisboa por tres dias, indo passal-os no campo, e dos que ficam nem todos podem fechar-se em casa — *não estou para ninguem!* — porque tal não consentem os deveres do oficio. E como está assente que nos tres dias do carnaval quem anda nas ruas é para se divertir, ou para servir de divertimento aos outros, quem deambular, tratando dos seus negocios, indifferente ao pagode carnavalesco, arrisca-se a ser maltratado, e se quizer obrigar os importunos a um pouco de respeito pela sua pessoa, arrisca-se a levar uma sova, e ainda por cima ser preso.

Ainda não dei pela decadencia do carnaval, porque sempre o conheci como elle hoje se me apresenta — réles, semsaborão e grosseiro. Talvez n'outros tempos fosse mais brutal, atirando laranjas e ovos á

cara das pessoas, e das janelas deixando cair sobre os passeantes alqueires de tremoço, que melhor aproveitado seria deitado a porcos. A luva cheia de farelo ou de areia já não se usa nas brincadeiras carnavalescas; mas se nos livramos das *cocottes* atiradas das janellas, não conseguimos livrar-nos das *cocottes* que giram de rua em rua, procurando desenvolver nos homens apetites libidinosos — pelo processo por que póde desenvolver-se a electricidade dispondo da pelle d'um gato e uma vareta de vidro.

A nota caracteristica do carnaval que se exhibe por ahi é a falta de graça e de elegancia, a absoluta carencia d'um signal exterior de bom gosto, qualquer coisa que traia uma delicadeza de espirito. Faz dó o babado desvanecimento dos papás que passeiam os meninos, fedelhos de quatro ou cinco annos vestidos de general, outros fazendo de noivos, casaca e chapeu de pello, conduzindo pelo braço a eleita do seu coração, uma garota da mesma idade, toda vestida de branco, a classica flôr de laranjeira no cabello. Tudo quanto é pequenino tem graça, mas esses bébés apresentam-se geralmente mal vestidos, e são quasi sempre feios.

Mas vá, com os petizes ainda a gente transige, passando por elles sem se demorar a olhal-os, e só os vendo quando os tem ao pé, que a sua minuscula estatura facilmente se encobre n'um passo para traz ou para diante. O que não se tolera é que marmanjões de todas as idades e todos os tamanhos — um metro e cincoenta para cima — andem por ahi vestidos de mil côres, enfarpelados em chitas ordinarias, os homens vestidos de mulher, as mulheres vestidas d'homem, e todos *habillés* sem a menor sombra de gosto, alguns sem vislumbres de pudor, como o figurão que ainda hontem pôz em alvoroço uma rua do Bairro Alto, ameaçando toda a gente de marradas authenticas.

Podia o carnaval ser o motivo e a occasião para festas interessantes, resuscitando épocas de refinado bom gosto, e então seria bom que se fizessem exhibições na rua, que o grande publico tambem precisa divertir-se, e ninguem o convida para as salas e nos theatros não se entra senão passando pela bilheteira. Bem sei que taes festas custam dinheiro, muito dinheiro, e anda toda a gente por ahi a dizer que a vida está carissima. Mas não se faça então a reles parodia com que nos massam todos os annos, pois que se não é legitimo exigir que no mais simples jantar burguez se beba Champanhe em taças douradas, ha o direito de não querer que aos convivas se forneça gazoza, obrigando-os a tragal-a como se fôsse bebida fina.

Só uma vez entrei em folias de carnaval — ha quantos annos! — n'uma terra de provincia. O rancho era de dez ou doze, todos mascarados, alguns não tendo outra caracterisação que não fosse um grande nariz postiço. Assentára-se no programma a realisar — fogo vivo para todas as janelas onde houvesse raparigas, e o assalto a algumas casas onde houvesse pessoas conhecidas. Um d'esses assaltos foi a casa da senhora D. Joaquina, que Deus haja, em cujas janelas havia uma ranchada de galantes raparigas. Houve dança, um pequeno serviço improvisado de bolos e vinho dôce, correndo as coisas de tal guiza, que de ali foi cada qual para sua casa arrumar as suas recordações — muito mais dôces que o vinho.

Por que motivo ainda hoje, em pleno seculo XX, ha de o kalendario regular as nossas tristezas e as nossas alegrias? Pessoas que durante o anno, quasi sem interrupção, andam sérias e macambuzias, quasi tristes como se as afligisse uma grande saudade, soturnas como se vissem perigos no futuro, em chegando o carnaval desenrugam a face e esticam as pernas,

joviaes como o melro que assobiava na eira, em cima do velho chapeu alto do prior. Nada as preocupa durante o breve espaço de trez dias, umas vezes mascaradas e outras vezes sem mascara, indo a toda a parte, metendo-se com toda a gente, fazendo graças e dando piparotes, algumas alentando-se com o sumo da uva manipulado de varias maneiras, e muitas outras não precisando d'esse estimulo para se aguentarem n'uma alegria desenvolta, frequentando os bailes em que se paga, entrando nas casas em que se come, e em toda a parte justificando a theoria darwiniana sobre a descendencia do homem,

O melhor do carnaval, para muita gente, é a liberdade que elle a todos outhorga, liberdade de mãos, que chega a ser excessiva, e liberdade de lingua — *honni soit...* — que chega a não ter limites. Portugal é o Paiz classico do apalpão, não havendo gente no mundo que sob este ponto de vista possa egualar-se á gente portugueza. Para o exercicio d'esta prenda, o luzo tem as mãos em toda a parte — no electrico apalpa com os pés, nos animatographos apalpa com os joelhos, e metido n'um ajuntamento apalpa com o corpo todo. Ora o carnaval é a epoca singularmente propicia a este genero de *sport*, não apenas onde a luz é discreta, mas no meio da rua, n'uma sala de espectaculos, á vista de toda a gente. E a par d'isto, pode-se dizer tudo — uma galanteria ou uma baboseira — mais frequentemente uma baboseira, sem que alguem se incommode com isso. Não vale a pena córar por detraz d'uma mascara, porque essa congestão resultaria inutil como afirmação de pudor.

Pois é verdade, o carnaval arrasta-se miseravelmente por essas ruas, mal vestido, sem maneiras distinctas, acotovelando as pessoas que passam a tratar da sua vida. E não lhe pode fugir quem quer, indo para o campo, longe de todo o bulicio, metido n'uma

casa sem luxo, mas de conforto, ora entretido a ler os grandes mestres d'outr'ora, que são ainda os mestres do nosso tempo, ora espraiando a vista por algum monte ou vale proximo, ouvindo o marulhar da ribeira que ali passa, a quebrar-se nas rochas, e vendo passar na encosta, distante, o rebanho das mansas ovelhas, que o pastor conduz ao redil.

O regicidio

A serie de crimes iniciada em dez de maio com a dissolução arbitraria do Parlamento teve na tarde de sabado o seu episodio mais tragico e mais commovente.

O rei foi morto, o principe real foi morto, e sobre os seus cadaveres tombaram os cadaveres de tres homens ignorados, que forçaram as portas da Historia a tiros de carabina e de revólver.

Quem matou esses cinco homens?

Talvez seja facil declinar alguns nomes, que a estas horas andam por ahi na boca de toda a gente, ainda ha pouc obscuros como o bocado de carvão ou a gota de petroleo que a Terra guarda nas suas entranhas fundas. Hão de, necessariamente, individualisar-se responsabilidades, porque tal é a natural tendencia do espirito humano, propenso a atribuir ao antecedente mais proximoo valor d'uma causa immediata.

Inventou-se Deus para lhe attribuir os sucessos extraordinarios em que parece não intervir o homem — nem para os produzir, nem para os encaminhar. As grandes brutalidades da Natureza são lançadas á sua conta, e tamanha é a simplicidade do maior

numero, que lhe basta ter pronunciado um nome, para crer que formulou uma lei ou descobriu uma causa.

Sucede em relação ao mundo social o mesmo que em relação ao mundo phisico, porque o espirito que analisa e critica é sempre o mesmo, não podendo ser diverso, n'um caso e n'outro, o seu processo de critica e de analise. Mesmo as pessoas que já se despojaram da ilusão do livre arbitro não se furtam ao vicio psichologico de atribuir á vontade arbitraria e caprichosa dos homens o que é simplesmente o *aboutissement* logico, iamos a escrever fatal, no sentido determinista da palavra, d'uma serie longa de causas e efeitos, em que essa vontade entrou, como efeito e como causa, mas em proporção insignificante.

A tragedia de sabado foi o episodio mais funebre e mais commovente da serie de crimes iniciada em dez de maio com a dissolução arbitraria da camara dos deputados.

Cinco homens foram mortos a tiro, e como se dois caissem do Olympo e tres surgissem do inferno para se encontrarem, todos elles cadaveres, no egualitario campo da morte, a cidade assistiu ao espectaculo estranho. verdadeiramente dantesco, de morderem o pó da rua, no mesmo beijo de gelo, á mesma hora, os mais altos representantes da aristocracia e os mais obscuros representantes da plebe, empreendendo juntos a viagem de que se não volta.

Mas quem matou esses cinco homens?

Imaginou-se que este povo era de lama, e porque elle sofrera resignado, durante largos annos, as mais impudentes extorsões, e as mais injustificadas violencias, creu-se na sua incapacidade absoluta de reacção, talvez por entorpecimento phisico, talvez por anesthesia moral. E então ousou-se tudo—as maiores vilezas e as

maiores infamias, o que pode ferir mais escarninhamente o brio, e o que pode ultrajar mais cruelmente a dignidade.

Todos nós, homens honestos de todos os partidos, sofriamos a humilhação d'uma dictadura que nos vexava e escarnecia, e andavamos por ahi, indignados uns, desalentados outros, e entristecidos todos, consumindo a dor extrema, a magua intima de quem sente a injuria que lhe fazem, e não toma a desafronta que se lhe impõe. Era d'uma insolencia desmarcada a dictadura, e porque a toleravam com protestos dubios, opondo uma resistencia de cera á sua teimosia de ferro, julgou-se firme e arraigada, arvore frondosa que o vento agita mas não derruba, e em cujos vasos circula uma seiva estranha, feita d'oiro e de lama.

Lançou-se o pregão, por esse mundo além, da nossa deshonra e do nosso aviltamento, fazendo acreditar aos estrangeiros que Portugal era mais do que a nação moribunda a que aludira Salisbury no seu famoso discurso; era a nação já morta para todas as luctas, um estafermo apodrecendo no monturo e dando ainda a impressão de vida, graças á sua fauna parasitaria e cadaverica.

E não pensaram, por um momento, que estavam a fazer uma sementêira d'odios; esqueceram que ia dentro de cada afronta que nos cuspiam na face, o germen d'uma vingança!

Se era possivel uma infima oligarchia de tiranetes, sem grandeza moral, sem elevação intelectiva, se era possivel tripudiar indefinidamente sobre uma sociedade pacifica mas honesta, morigerada mas digna, de reacções lentas mas seguras, capaz de levar a paciencia até ao martirio, mas egualmente capaz de levar o protesto até ao heroismo?

Na longa serie de crimes, iniciada em dez de maio

com a dissolução arbitraria do Parlamento, o episodio de sabado á tarde avulta como sendo o mais tragico e o mais commovente. Foi ainda um crime da dictadura, seja quaes forem os nomes que se apontem como dos individuos que mataram os cinco homens, todos elles novos, e dois ainda creanças, que na rua do Arsenal, ao entardecer de um belo dia cheio de sol, viveram o seu ultimo minuto.

— Que a morte d'um d'elles — não é verdade? — não foi um assassinato — foi um suicidio.

Rei morto, rei posto

Deve ser uma coisa bem facil o oficio de rei.

Anda uma creança a brincar, descuidada, e como suceda, imprevistamente, ficar vago um throno, vão arrancal-a ás suas brincadeiras, sentando-a n'elle, com muita magestade. Mal se ageita a pegar no sceptro a mão que ainda ha pouco empunhava um chicotinho de trança, para fustigar cavalos de pau, e assenta mal n'uma cabecita loira, ainda virgem de pensar, uma corôa reluzente d'oiro, pesada como oito seculos de Historia, havendo n'uma pedras de menor preço, e havendo na outra paginas da maior gloria.

Deve ser uma coisa facil reinar.

O principe Luiz Filippe foi rei, virtualmente, no curto intervalo de dois tiros, o que prostrou o pae, sem vida, e o que a elle lhe deu a morte. Era necessario que duas sepulturas se abrissem para o filho segundo de D. Carlos ascender ao throno, e essas duas sepulturas abriram-se, ao mesmo tempo, quando menos o previam todos, a não ser talvez o granadeiro, muito afastado de Frederico quando os primeiros tiros soaram.

Deve ser uma coisa facil reinar.

A corôa pousou na cabeça de D. Manuel saida do

cano d'uma espingarda, e se elle nunca tinha sonhado com ella na puerilidade dos seus anceios de grandeza, ao vel-a tinta de sangue, como se a erguesse d'um cadafalço, ha de ter sentido a instintiva repulsão de quem, para subir uma escada, tem de pisar cadaveres.

Coisa bem simples deve ser o oficio de rei, visto como póde desempenhal-o uma creança qualquer, indecisa ainda na formação do espirito, ainda hesitante no revelar d'uma tendencia superior, em que se contenha um destino, modesto ou grandioso, não importa, mas um destino que já se esboce nas incertezas d'uma previsão racional.

O saber, a experiencia, um largo conhecimento dos homens e das coisas, deveriam ser predicados indispensaveis em todo aquelle que enfeixa nas suas mãos, para os dirigir, os destinos d'uma sociedade. Mas parece que nada d'isso é necessario a um rei, visto como se vae arrancar uma creança aos seus brinquedos para a sentar no throno, metendo-lhe na mão um sceptro, pondo-lhe na cabeça uma corôa, e lançando-lhe aos hombros debeis um manto de largas pregas.

Vagasse um logar de cosinheiro no Paço dos nossos reis, e não seria admitido a preenchel-o quem não abonasse largamente, da fórma mais autentica, as suas aptidões na arte dificil de Vatel. Mas vagou a suprema magistratura da Nação, e foi-se buscar ao Paço, para preencher a vaga, uma creança que ainda hontem dormia em berço de grades, um adolescente que tem por ventura a natural vivacidade das suas dezoito primaveras floridas, mas não tem o saber e a ponderação que se requer para presidir superiormente á governação do Estado.

Que insignificante coisa deve ser reinar, se para isso não é preciso a minima preparação, um treino em que se hajam consumido longas horas durante

largos annos, n'um convivio intimo com os livros e com os homens, considerando os phenomenos do mundo social, os que constituem a historia de hontem, e os que, produzindo-se agora, hão de ser a historia d'amanhã, sob um ponto de vista rigorosamente scientifico.

Um rei de dezoito annos!

Da sua boca ingenua, que talvez ainda não poluisse uma mentira, sahiu a condemnação do absurdo monarchico, em palavras que alguem lhe dictou, obrigando-o a repetil-as como uma lição decorada, minutos antes de principiar a sessão do Conselho de Estado:

Nem pela minha edade e falta de experiencia, nem ainda pela direcção que foi dada á minha educação, me posso julgar habilitado para tomar, por mim, as resoluções que as circumstancias excepcionaes de momento reclamam.

Elle o disse, o joven rei de Portugal, e embora essas palavras verdadeiras lhe fossem dictadas por alguem, antes da sessão do conselho de Estado, a Historia recolhe-as da sua boca, e ellas serão, porventura, o commentario doloroso, e de certo modo redemptor, do final do seu reinado.

Não o educaram para rei, disse o joven Monarcha, e mal pensou elle, dizendo isto, que assim denunciava a unica garantia aceitavel de vir a ser um chefe de Estado mais homem que os seus pares, deformados desde o berço no sentido de justificarem a phrase do famoso convencional.

Coisa bem simples deve ser o oficio de rei, visto como pode desempenhal-o uma creança qualquer, indecisa ainda na formação do espirito, ainda hesitante no revelar d'uma tendencia superior — um adolescente que se vae arrancar aos seus brinquedos, tirando-o de cima d'um cavalo de pau, e indo sental-o no throno, com muita magestade.

Camara Pestana

Hontem, no Parlamento, foi apresentado um projecto autorisando o governo a ceder o bronze necessario para um busto de Camara Pestana, e mandar fazer a respectiva fundição no Arsenal do Exercito. Não é muito o que se pede ao Estado republicano para honrar a memoria do medico illustre, que a peste vitimou ha treze annos. Não vá imaginar-se que o pobre Camara Pestana, victimado no exercicio da sua nobre missão, quando procurava enriquecer a sciencia, e do mesmo passo aumentar as garantias de defeza humana contra um inimigo terrivel, não vá imaginar-se que esse grande infeliz desceu á cova no meio da geral indifferença, e que só agora se deu pela sua falta, para se lhe prestar homenagem condigna.

Não. A morte de Camara Pestana convulsionou o paiz inteiro, em condições tão excepcionalmente tragicas ella se deu, e desde logo se procurou honrar o seu nome e celebrisar a sua memoria, reunindo-se n'esse pensamento de justiça todos que tinham qualidade para o fazer. O chefe de Estado, D. Carlos, visitou Camara Pestana horas antes d'elle morrer, e no Parlamento a sua morte teve commemoração alta e condigna, confundindo-se todas as vozes no elogio

ao professor, martir voluntario do dever, o iniludivel dever que todos os dias colloca os medicos á beira d'um abysmo. O Instituto bacteriologico tem hoje o seu nome, e á santa velhinha que era sua mãe, bem como á encantadora creança que era sua filha desde a primeira hora ficou assegurado um viver com desafogo, o necessario para que nunca sentissem agravar-lhes a immorredoura saudade o espinho d'uma necessidade material de qualquer ordem. Não; a Monarchia, faça-se-lhe essa justiça, não faltou ao que lhe cumpria com respeito a um morto, que fôra um dos illustres filhos da nossa terra. Cercou das maiores considerações o seu leito de agonisante, e como elle deixasse na pobreza dois bocados da sua alma, garantiu-lhes o conforto, a que tinham direito, e que seria um crime negar-lhes.

O que se pretende, agora, é o complemento d'essa obra de gratidão e justiça, um bronze em que o genio amoravel do esculptor faça reviver o homem illustre que ha 13 annos a peste victimou, descuidadamente entretido a procurar conhecimentos que enriquecessem a sciencia e habilitassem os clinicos a melhor combaterem um dos mais temiveis morbos que affligem o homem. Não se trata d'uma estatua na praça publica, que essa manifestação seria excessiva, desrespeitosa por isso mesmo do modesto grande homem que foi Camara Pestana. O portuguez não tem, em geral, a noção das proporções, exagerado em quanto faz, umas vezes exaltando, outras vezes deprimindo, movido mais por sentimentos do que por ideias, pois que n'elle a capacidade affectiva é muito maior que a capacidade intellectual.

No Campo de Sant'Anna, em frente á Escola Medica, ergue-se uma estatua de Sousa Martins, que foi uma das mais bellas intelligencias da nossa terra, espirito d'uma rara penetração e maleabilidade, enrique-

cido com uma prodigiosa somma de conhecimentos, subtil até á advinhação, incapaz de circumscrever-se nos limites d'uma analyse rigorosa, o que explica o minimo valor da sua obra scientifica, attestada n'umas pobres lições que os discipulos compilaram, mal apercebidos do mau serviço que prestavam ao professor illustre, porventura o maior, mais brilhante e mais imaginoso dos oradores portuguezes, de tamanha seducção, a falar, que os seus ouvintes nem davam pelo quasi disforme da sua figura e a rara fealdade da sua cara.

Pois bem; Sousa Martins foi estatuado na praça publica, mercê da grata e obstinada amizade d'um homem para quem elle era uma quasi potestade divina, um super homem que era necessario collocar bem patente á veneração publica, banhado de luz, em pleno ar, como o vulto d'um heroe ou d'um santo. A homenagem digna de Sousa Martins seria um busto de marmore ou de bronze a dentro da Escola Medica, n'um logar d'honra, obra que significasse o reconhecimento consciente do seu valor, que era grande, era enorme, mas não se vincara em trabalhos que perdurassem, e o attestassem áquelles que o não tinham ouvido, que chegaram depois d'elle, quando já não havia echos da sua palavra magica.

A morte de Camara Pestana foi a grande perda da medicina portugueza no ultimo quartel do seculo passado, o que não quer dizer que elle fosse o unico medico de valor que a morte nos roubou. Elle era, no rigoroso significado da palavra, um homem de sciencia, capaz das mais rasgadas e mais fecundas iniciativas intellectuaes. Tinha a Paixão do estudo e a ancia da verdade scientifica, que elle sabia não ser nunca definitiva tirando d'ahi o necessario estimulo para trabalhar ininterruptamente, partindo do facto adquirido, isto é, da verdade provisoria, para uma

verdade nova. O que ahi temos, em materia de sciencia medica, particularmente nos dominios da bacteriologia, não foi elle que o creou, mas fez-se a sua creação mercê do impulso inicial que d'elle veiu n'este campo de actividade intellectual.

Morreu novo de mais para deixar a obra que havia a esperar da sua alta capacidade scientifica; mas viveu o tempo bastante, e produziu o trabalho necessario, para affirmar uma rara aptidão, uma excepcional competencia, um valor intelectual dos que celebrisam um nome e são o orgulho d'uma raça.

Fui do curso de Camara Pestana, e pena tenho que o espaço me falte para contar hoje aos meus leitores o que foi a ascensão d'aquelle homem para as culminancias do saber, surprehendido pela morte quando já quasi as tocava. Elle marcou o inicio de uma nova era nos trabalhos da medicina portugueza, e marcou-o quando ainda era estudante, necessitando de quebrar teimosas resistencias para não sucumbir aos primeiros passos.

O que hoje escrevo a seu respeito, escrevo-o para os que foram seus companheiros e seus amigos, e esses bem sabem que não exagero o valor que lhe attribuo, e só lamentarão que não pudesse recordar aqui toda a sua vida, n'uma evocação que o puzesse diante de nós, em toda a sua grandeza psychica e moral.

Morto ha 13 annos, em plena mocidade!

Pobre Pestana...

Apreensões

Se o pessimismo é uma doença, como já tenho visto affirmado, posso dizer que a esse respeito goso de bôa saude. Em face d'uma contrariedade, ocorre-me sempre o pensamento de que ella poderia ser maior, e isso representa uma consolação, da qual tiro força e animo para não esmorecer ou recuar. Sempre me assustou mais o perigo figurado que o perigo real, e a essa circumstancia devo a bôa sorte de não perder a cabeça quando mais necessario se torna servir-me d'ella.

Não soffro de pessimismo, se é que elle é uma doença, embora não tenha aquella forma de daltonismo que tudo faz vêr côr de rosa. No trabalho admiravel de Sorel sobre a psychologia da violencia, demonstra-se que o pessimismo valeu sempre muito mais que o optimismo, como factor de progresso. Talvez não fôsse difficil a qualquer, tendo a intelligencia e a illustração de Sorel, demonstrar a these contraria, com o mesmo rigor de logica, e o caso serviria apenas a mostrar que a verdade nunca anda pelos extremos, como da virtude se diz, em conhecido proloquio.

Ser pessimista porque se vê e se affirma o lado

mau das coisas, não atravez d'uma frouxa e morbida sentimentalidade, mas da observação e da critica, no campo da analyse fria e serena, é condição necessaria, pelo menos vantajosa para corrigir e aperfeiçoar. Este pessimismo é qualquer coisa de equivalente á duvida methodica no campo da especulação philosophica, é a expressão d'um juizo critico que só *nega* para ter o direito de *affirmar.* Ninguem dirá que este pessimismo é doentio, e até ponho em duvida que a isto se chame pessimismo, no usual significado da palavra. Mas entre o achar tudo mau, e empenhar os possiveis esforços para tudo melhorar, e o achar tudo mau, e nada fazer, na deprimente certeza de que resultaria inutil todo o esforço tentado, entre estes dois estados d'alma ha positivamente um abysmo, a incomensuravel distancia que vae do perfeito equilibrio do espirito á completa degradação mental.

Semelhantemente, ser optimista porque se reconhece que as coisas vão bem, unicamente porque poderiam ir peor, e d'ahi tirar estimulos para as melhorar, é ainda fazer prova de bom juizo critico, o que de forma alguma póde considerar-se phenomeno morbido. Mas ser optimista porque se considera que tudo vae pelo melhor, no melhor dos mundos, não sentir o que a realidade offerece de irregular, de monstruoso, de possivelmente catastrophico na sequencia dos factos produzidos, é affirmar um optimismo levado a extremos pathologicos, uma vesania alegre como a de certos delirantes que, sem consciencia de sua qualidade humilde, se reputam importantes personagens.

Não sou pessimista, mas preoccupa-me o espectaculo que offerece a sociedade portugueza, sem iniciativa nos dominios da intelligencia, e sem reacções no dominio da moral. Este espectaculo já se observava nos tempos da Monarchia, mas então havia uma sociedade a dissolver-se, havia um regimen a desa-

gregar-se, havia o ruir d'uma edificação oito vezes secular, não como póde ruir um blóco, mas como rue um conjunto, esboroando-se em varios pontos, n'estes menos, n'aquelles mais. Esperava-se que nos escombros ficasse sepultada a velha sociedade, isto é, o erro, o vicio, o preconceito, a mentira, todas as podridões d'um velho mundo que desaba para não mais se erguer. Mas não se esperava apenas isso, porque isso era apenas o aspecto negativo da revolução que preparavamos. Ha em todas as ruinas um ar de melancholia, que entristece, porque ellas são a nota plangente desferida á beira d'um tumulo mal cerrado. — A poesia da morte é o sofrimento diluido em lagrimas. Não é assim o espectaculo que offerecem as ruinas d'uma vasta construcção social, porque ahi a morte é a propria condição de vida, e sente-se dentro d'ellas um fermentar de energias potentes, que vão revelar-se em obras maravilhosas.

Certo é que a Monarchia baqueou ha tres annos, e parece que isso serviu apenas, ou para bem pouco mais serviu do que para revelar em toda a sua hediondez a ulcera cancerosa que vae roendo implacavelmente a alma nacional.

Apraz-me acreditar que n'este paiz ha energias latentes, isto é, qualidades superiores de intelligencia, pelo menos qualidades nobres de caracter que nos permittam encarar o futuro com segurança. Mas que estimulos será então necessario empregar para que essas forças cineticas se tornem em forças actuantes, por maneira que de nós proprios não tenhamos vergonha, sentindo-nos pequeninos de dignidade, miseraveis creaturas que da covardia fizeram uma regra de vida, e do egoismo um preceito de moral?

Imaginará alguem que se faz uma sociedade nova, subsistindo formulas velhas?

A proclamação da Republica foi apenas a condi-

ção para se adoptarem processos mais justos, mais racionaes, de maior valor moral que os da Monarquia, mas foi apenas isso, e não uma varinha magica, como nos contos de fadas, capaz de improvisar maravilhas de toda a ordem. Uma sociedade nova tem de assentar sobre uma nova moral, e a tres annos de Republica nós constatamos que se repete a Monarchia, não pelo que diz respeito ao mau uso dos dinheiros publicos, mas em todas ou quasi todas as suas outras ruins praticas e manhas.

Porque não havemos de dizel-o?

O caracter da gente portugueza soffreu uma terrivel depressão em seculos de disciplina jesuitica, e justificado nos parece o receio de que elle não mais readquira o seu *tonus* normal. Nos individuos falta o brio, nas classes falta o pundonor, e raro succede que, posto um caracter á prova, elle não falhe miseravelmente.

E' que a má herança que nos legou a Monarchia era peor do que poderia suppôr-se, e em tres annos não se refaz a estructura mental d'um povo, condição indispensavel para que possa regenerar-se.

Reflexões calmas, as que ahi ficam, d'uma tristeza que os factos justificam, e que por fórma alguma diminuirá o nosso ardor no trabalho.

Virtudes democraticas

Faz hoje 34 annos que morreu Alexandre Herculano. Ao tempo frequentava eu o segundo anno de lyceu de Beja, em que era professor de Historia o sr. Gustavo, empregado nos correios. Fui á aula do sr. Gustavo, na esperança de lhe ouvir algumas palavras sobre o glorioso extincto; mas o sr. Gustavo não ligara importancia ao successo, e mandou que um dos alumnos papagueasse as tres ou quatro paginas do velho Doria, que eram a lição d'aquelle dia.

Não direi que o procedimento do sr. Gustavo me ofendeu grandemente, mas impressionou d'alguma fórma a minha rudimentar sensibilidade literaria, existindo ainda hoje o vinco d'essa lamentavel falha do *magister*.

Porque os jornaes muito encareceram os raros talentos do morto, reproduzindo trechos da sua melhor prosa, d'envolta com bocados da sua melhor poesia, a um amigo que tinha uma pequena bibliotheca herdada, pedi um livro qualquer de Herculano, o que quizesse emprestar-me, e que julgasse á altura da minha compreensão. Emprestou-me o *Eurico*.

Vão passados 34 annos, e ainda não se apagaram as impressões d'essa leitura, feita em grande parte

com os olhos razos d'agua, no capitulo *Impossivel*, chorando convulsivamente, como se a Hermengarda fosse a minha namorada, ou como se o Eurico fosse meu condiscipulo.

Era um melancolico, Alexandre Herculano, e foi nas paginas do «Eurico» que elle mais derramou a sua tristeza, escrevendo-as com uma tinta que dir-se-ia feita da maceração de violetas em gotas d'orvalho matutino, puras como lagrimas de virgem. Verdadeiro poema em prosa, raros livros possuem, como este, o poder emocionante que subjuga o espirito, tornando-se incapaz de analyses e raciocinios. E' possivel que a verdade historica falhe n'um ponto ou n'outro; mas em cada linha ha um fio de poesia, que é ao mesmo tempo feito de risos que mal afloram aos labios, e são tristes como os reverberos da lua no marmore desbotado dos tumulos.

Ha 34 annos!

Rasguei a farpela, andando com o parocho de Carpeia pelos alcantis do Calpe; galopei no seu murzello, atravez das tiuphadias em desordem, apavoradas ante o *guerreiro negro;* assisti á degola das monjas no convento da Virgem Dolorosa e tremi de horror sagrado ante o acto da abadessa Chrimhilde, armada de punhal, como uma mãe gauleza, salvando pela morte a honra das filhas; atravessei o rio com a Hermengarda ás costas, ouvindo tumultuar lá em baixo, n'uma especie de furia homicida, as aguas brancas de espuma; estive na Caverna de Cavadonga, e alli ouvi da filha de Favila, no delirio de seu sonho, palavras que eram um cantico de amor á beira d'um sepulchro.

Quando Eurico abalou da Caverna, resolvido a morrer, porque entre os dois a fatalidade abrira um abysmo invadiavel, eu lamentei a cegueira dos seus preconceitos, e senti que se tornavam froixos aquelles laços que me prendiam ao poeta guerreiro,

com o qual sonhara nas solidões do Calpe, batalhara nas margens do Chrissus e psalmodiara na cathedral de Hispalis. De modo que ao vel-o arremessar para longe o elmo, offerecendo a cabeça nua aos golpes do infiel, quasi senti o allivio de quem acorda d'um pezadelo, e verifica que fôra tudo sonho.

Pois foi ha 34 annos...

Recordando esta data nacional, não quiz apenas reviver as impressões doloridas da primeira leitura que fiz de Herculano, e então me puz a considerar o historiador como homem de caracter, austero e nobre caracter que é a sinthese da alma nacional no que ella tem de mais puro e mais elevado. E como tivesse ali á mão as *Conversas*, de Phocion, em edição do seculo 18, puz-me a reler o interessante volumesinho, que é ao mesmo tempo um tratado de philosophia, de politica e de moral.

Montesquieu disse que n'uma democracia, mais do que no regimen monarchico, as virtudes são precisas, e a sociedade será tanto mais progressiva e feliz quanto a virtude dos cidadãos fôr em grau mais elevado. Quatro seculos antes de Christo o grego Phocion demonstrara a necessidade de grandes virtudes para bem alicerçar uma Republica, que sem ellas, a despeito das brilhantes aparencias que tenha, não será forte nem duradoura.

Recordar Phocion a proposito de Herculano, é prestar ao historiador portuguez a mais justa homenagem que possa ser-lhe prestada. Foi grande a sua inteligencia, e bem documentado se encontra o seu valor em trabalhos que viverão a vida de Portugal, por muito que uma critica honesta e competente, que ainda se não fez, reduza as suas proporções. Mas o seu caracter foi um sol limpido, sem mancha, um admiravel conjuncto de virtudes civicas, revendo toda a nobreza da raça.

Fugiu, por orgulho, ao bulicio da vida, ao desordenado tumultuar das paixões sociaes?

Tinha bem o direito de ser orgulhoso o solitario de Valle de Lobos, e não era preciso sel-o muito para sentir o asco e o nojo d'essa frandulagem que irreverenciosamente lhe sujava as botas mal o apanhava fóra da sua herdade.

Phocion, o grande patriota que em mais de um lance fizera cobrir de gloria as tropas gregas, não precisou isolar-se, porque o condemnaram á morte. E como não tivesse com que pagar o veneno que lhe apresentou o executor da justiça popular, sereno como o varão justo de Horacio, levando a taça aos labios, disse a um dos amigos que o acompanhavam: — *Visto que é preciso pagar a morte em Athenas, salda por mim esta divida, e dá doze drachmas ao executor.*

E morreu como Socrates.

Crenças e convicções

Dizia-me ainda ha poucas horas um dos homens eminentes do partido catholico que as forças do partido republicano estariam consideravelmente augmentadas, se não fôra a sua guerra á Egreja, sem respeito pelas crenças de cada um. Pela boca d'este chefe se exprimiram todos os seus correligionarios, porque em todos elles existe o convencimento de que o partido republicano tem feito propaganda atheista, como se fosse seu proposito derrubar ao mesmo tempo o throno e o altar, lançando na mesma fogueira, para arderem ao mesmo tempo, as taboas do throno e as ripas da cruz.

E' certo, e não haverá a minima vantagem em negal-o, que muitos dos propagandistas republicanos não professam a religião catholica, o que não quer dizer que professem qualquer outra. Em Portugal, todos o sabem, o numero de protestantes é tão diminuto que passa despercebido, sendo talvez o nosso paiz aquelle, d'entre os paizes catholicos, em que a propaganda protestante tem recrutado menos adeptos. N'esta occidental praia lusitana, quem não é catholico é porque não enferma de religiosidade, sendo todavia, certo que ha muitos atheus que vão á

missa, e ha muitos catholicos que se não sabem benzer.

Nas classes cultas do nosso paiz — tudo é relativo — a religiosidade é uma herança desvalorisada, e os correspondentes actos de culto são uma fórma de *sport* barato, um *chic* de convenção que faz *pousar* creaturas vaidosas, sem outros meritos ou defeitos para darem nas vistas. Não quer isto dizer, bem entendido, que vejam assim todos os catholicos, pois bastantes conheço e muitos mais ha de haver, que são catholicos sinceros, devotos fervorosos para quem Deus é uma realidade quasi palpavel, e o culto, exercido mais ou menos espectaculosamente, uma imprescindivel necessidade do seu espirito devoto.

Comprehendo muito bem que um republicano seja catholico, e Roma já disse que não lhe importam as formas de governo, querendo apenas que dentro de cada uma se não violente a consciencia dos filhos de Deus.

Mas quando foi que o partido republicano se declarou em guerra com a Egreja, promovendo a sua ruina ou o seu descredito, ameaçando-a para o futuro, como se fosse tão necessario eliminar Deus como depôr a Casa de Bragança?

Não, o partido republicano é tolerante em materia religiosa; simplesmente essa tolerancia é extensiva a todas as religiões, como não podia deixar de ser. N'um Estado republicano é indispensavel não affrontar a consciencia de ninguem, cercando do mesmo respeito os differentes cultos, sem privilegios para este ou para aquelle.

Simplesmente...

Os republicanos querem o registo civil obrigatorio, e porque em toda a parte, e em todas as occasiões opportunas, formulam essa reclamação, queixam-se os catholicos de que elles atacam a Egreja, como se ti-

vesse alguma coisa que ver com a religião o registo que se faz d'um nascimento, d'um matrimonio ou d'um obito.

Razão de queixa teriam os cathoiicos se o estabelecimento do registo civil obrigatorio os estorvasse de fazerem o seu registo parochial, baptisando-se, casando-se e enterrando-se conforme manda a Santa Madre Egreja. Razão de queixa temos nós contra os catholicos quando elles chamam concubinato ao casamento que nós celebramos na administração do concelho, perante testemunhas idoneas, invocando a magestade da lei, superior á qual, se ella é recta e justa, não ha outra magestade.

Razão de queixa contra os catholicos temos nós quando elles nos obrigam a enterrar os nossos mortos queridos, bocados da nossa alma que desaparecem na valla, como se fossem animaes d'outra especie, a um canto do cemiterio, que todavia se chama o campo da egualdade. Em que affrontamos nós a consciencia dos catholicos quando pretendemos que no campo da morte não haja outra distincção que não seja a que a vaidade de cada um torne patente sobre os sete palmos de terra em que apodrece cada cadaver?

O registo civil obrigatorio, dando plena satisfação á consciencia de quem não é religioso, por forma alguma violenta a consciencia dos catholicos, visto como elles pódem inscrever-se nos registos das Egrejas para os efeitos espirituaes.

Está convencido um catholico de que as crianças que não mergulham na pia d'agua benta o corpinho rosado e tenro, e não recebem na boquita innocente o halito, ás vezes empestado, d'um padre, não pódem ter salvação?

Mas o facto de haver o registo civil obrigatorio não estorva os paes catholicos de levarem á egreja os seus

pequenos, para ahi os inscreveram no registo da parochia, executadas as varias formalidades rituaes.

Considerações analogas poderia fazer com respeito ao juramento, que de resto já não é obrigatorio, embora estejamos ainda em monarchia, senão em determinados casos.

A consciencia d'um catholico não é afrontada pelo facto de nos tribunaes se não deferir a ninguem o juramento sobre uns Evangelhos... ou sobre um diccionario. Cada qual é livre de fazer, *in petto*, o juramento que lhe impuzer a sua consciencia, e pois que é um compromisso tomado para com Deus, nada perde do seu valor por não ser feito em voz alta, acompanhado de gestos.

Afrontada é a consciencia do livre-pensador quando o obrigam a um juramento que lhe repugna, invocando uma divindade que não admite, porque nada a impõe á sua razão. Nem vale a pena dizer que um tal juramento não obriga moralmente aquelle que o presta, se o não prestou espontaneamente, sem a menor coação.

Não é verdade que os republicanos combatam a Egreja com o mesmo fervor sectario com que combatem a monarquia, e bem sabem que afirmam uma falsidade os que afirmam o contrario.

A Egreja tem a sua politica, que é coisa diferente da fé, e essa politica os republicanos combatem-n'a no exercicio d'um direito que não lhes póde ser contestado.

Sempre a Egreja aspirou á dominação dos povos, e essa aspiração subsiste ainda, pois nada significa contra a sua existencia a debilidade dos meios de que ella hoje póde lançar mão para lhe dar realidade.

Circumscripta aos limites do espiritual, a Egreja catholica tem o respeito do partido republicano, como o tem o Egreja protestante, como o teria a Egreja

musulmana, se houvesse d'isso por cá. Mas, transcendendo esses limites para crear influencia na esphera do temporal, o partido republicano não póde quedar-se, perante ella, n'uma atitude de tolerancia ou de respeito que seria meramente idiota.

Se tivessemos feito uma propaganda hipocrita estariam hoje acrescidas as nossas forças?

Talvez, mas estaria diminuida a nossa auctoridade, e só de a manter e engrandecer devemos preocuparnos.

Os instaveis

Se o franquismo é um caso interessante de psychologia colectiva, o sr. presidente do conselho offerece-nos um exemplo ainda mais curioso de psycho-pathologia individual.

Em nosso entender, sem autoridade, s. ex.ª é caso tipico do que se chama em medicina psychiatrica — *instabilidade mental*. E' uma lei bem conhecida da vida psychica normal que o pensamento varia incessantemente, mas essa variação, exercendo-se dentro de certos limites, não importa a descontinuidade, isto é, não quebra os laços que prendem uns aos outros os diferentes estados de consciencia, as construções mentaes que umas nas outras se encadeiam, formando um sistema, no rigoroso significado da palavra. Ora se é verdade que o normal é essencialmente sistematico, tudo quanto é asistematico é morbido. Assim a *instabilidade mental*, abrindo lacunas na vida do espirito, interrompendo a seriação logica das suas construções, tem de ser, não pode deixar de ser considerada como uma psychose. Para muitos ella representa apenas a forma larvar de perturbações bem definidas, como por exemplo a epilepsia, para outros

ella é uma entidade morbida autonoma, com caracteristicas proprias e inconfundiveis.

Não poderiamos entrar aqui n'esta discussão, que nos levaria muito longe, e para a qual nos falta a competencia, digamol-o francamente, sem fingida modestia. Os leitores d'um jornal, mesmo os que lêem para se instruirem e não sómente para se recrearem, não toleram as longas dissertações eruditas, mesmo quando d'ellas se ocupa alguem de reconhecida autoridade.

A vontade, nos instaveis, é frouxamente constituida, tão frouxa como o caracter. Em taes individuos, como muito bem diz Krafft-Ebing, a vontade é ilusoria na sua aparente exuberancia, e na sua real futilidade. Ha nas suas tendencias uma estranha mobilidade, como nas suas idéas, como nas suas emoções, e d'ahi resulta que os seus actos são incoordenados, muitas vezes contradictorios, faltando á sua conducta caprichosa uma direcção estavel. Aquilo que ainda ha pouco queriam com muito ardor, já agora lhes não interessa, e dentro em nada será para o seu espirito movediço um objecto de repulsão. Um instavel interessa-se por tudo, e de tudo se desinteressa com egual facilidade. Domina-os uma necessidade imperiosa de mudar, a fixidez constituindo para elles um verdadeiro tormento.

Dificilmente suportam as contrariedades inevitaveis na vida commum, e isso os marca d'um cunho de insociabilidade, ás vezes muito notavel. Como escreve Duprat, a disciplina social torna-se-lhes insuportavel por virtude da sua relativa fixidez. D'aqui resulta, muito naturalmente, a exageração d'um individualismo impertinente, de caracter morbido, que os põe em conflito com o seu meio, a que não querem submeter-se, e que não sabem dominar. E porque são impulsivos, com facilidade passam das idéas aos actos,

a consciencia commum, que é uma potencia colectiva, exercendo sobre elles uma quasi nula ação inhibitoria.

Algumas vezes expansivos como os maniacos, mostram-se outras vezes retraidos e timidos como os melancolicos. São capazes de todas as audacias, mas são egualmente capazes de todas as covardias, e quasi no mesmo instante em que se afirmam modestos, revelam um orgulho incommensuravel.

Tudo n'elles é incoherente e de curta duração; apenas é constante... a sua *instabilidade*.

Se em muitas ocasiões se exaltam sem motivo, n'outras ouvem na mais estranha impassibilidade coisas que indignariam profundamente um individuo normal. Parece que os domina então uma grande anesthesia moral, sobre que não exercem influencia os estimulos ordinarios. As tendencias superiores, tanto d'ordem moral como d'ordem esthetica, existem n'elles em grau muito diminuido, algumas vezes faltando por completo.

De todas ás formas d'Arte a musica é para elles a mais grata, porque se casa melhor do que qualquer outra com a instabilidade do seu espirito, e não exige segundo Mogy, nenhum esforço de inteligencia para agradar. Incapazes de conservar por muito tempo uma certa atitude mental, afirmam agora e negam logo, enchendo a vida de contradições, de incoherencias, ás vezes escandalosamente brutaes. As suas concepções absurdas são ás vezes bem coordenadas, e isso faz com que muita gente os tenha por aquillo que não valem. Em muitos instaveis é bastante forte a queda para o mysticismo religioso, alguns acreditando sinceramente que lhes compete uma missão providencial. A falta de logica nas acções deriva da falta de logica nas idéas, visto como estas coisas são solidarias.

Digamos ainda que os *instaveis* são sujeitos a ilu-

sões e alucinações, cujo mecanismo nada tem de especial. Dos dois elementos que se conjugam para assegurar a estabilidade mental, propria dos espiritos sãos, o instavel só possue o primeiro, o factor biologico: falta-lhe a vontade firme, a tendencia dominadora, que são a expressão do caracter.

Convém dizer, para evitar que algum mal intencionado desvirtue as nossas intenções, que tomamos aqui a palavra caracter na sua acepção psychologica, e não como habitualmente se faz, na sua acepção moral. Poderiamos fazel-o sem escrupulos, em primeiro logar porque se trata d'um funccionario publico ocupando a mais alta posição a que pode ascender um individuo, dentro d'um regimen em que a suprema magistratura é hereditaria; em segundo logar porque discutir scientificamente o caracter moral d'um individuo, é insultal-o tão pouco como discutir a sua inteligencia, a sua memoria ou os seus calos.

Sucede ainda que o sr. presidente do conselho, ignorante da psychologia, como de tudo mais, a si proprio passou um diploma de desqualificado, palavra grosseira e injuriosa que reproduzimos aqui, unicamente para reforçarmos com mais um argumento o diagnostico que fizemos de *instabilidade mental*.

Muito sucintamente fizemos hontem a historia clinica do *instavel*, apontando os symptomas que caracterisam e definem esta psychose, por muitos considerada apenas como o exagero d'um facto normal, por outros havida como uma entidade morbida, uma planta doentia que só nasce e se avigora n'um terreno pathologico, ordinariamente epileptoide.

Conhecida a physionomia psychica do *instavel*, pode o leitor, embora leigo n'esta ordem de estudos, verificar se ella é, substancialmente, a do sr. presidente do conselho, e para isso quasi lhe bastaria passar em revista quanto aqui temos transcripto dos seus

discursos e prégações, antes e depois de chamado aos conselhos da Corôa.

Na sua peregrinação pelo paiz, evangelisando o seu programma, o sr. João Franco falou sempre como um mystico, um iluminado, um profeta que anuncia os novos tempos, um Messias que Deus enviou á terra para cumprir grandes feitos. Em termos bem claros o dizia a cada passo, e as palavras *missão*, *providencia*, *destino*, constantemente lhe acudiam aos labios, como se fossem a expressão verbal d'um pensamento dominador e fixo. O que Deus faz é sempre bom, disse s. ex.ª, mais tarde, ainda possuido do seu papel messianico, e ao mesmo tempo recordava com prazer os cinco annos da sua adversidade, como os grandes mysticos abençoavam as torturas que os aproximavam da Divindade, consubstanciando se com ella nos seus extasis e arroubamentos. Ora esta religiosidade *fruste*, esta queda para o mysticismo, é predicado vulgar dos *instaveis*, como de tantos outros degenerados.

As desgraças do Paiz, que elle carpia a toda a hora em tom lamuriento, provinham das administrações relaxadas e ineptas, sem honestidade e sem tino. Prometia então uma era de moralidade, de intransigente moralidade, afastados das areas do thesouro todos os venaes, todos os corruptos.

Havia uma grande firmeza n'estes seus dizeres, e via-se um abysmo entre a sua phalange e os agrupamentos partidarios sobre os quaes tinha lançado lama aos punhados, negando-lhes todas as virtudes e acusando-os de todos os crimes. Mas eis que dentro em nada estava ligado a um d'esses agrupamentos, precisamente aquelle cujo chefe fôra pelos seus mais maltratado, só o dispensando de entrar na Penitenciaria por ter ingressado em Rilhafolles. Outro não poderia ser o procedimento d'um *instavel*, sem consistencia

de idéas, sem consistencia de sentimentos, movediço como a canna verde, a dobrar-se em todos os sentidos, mal lhe toca um bafejo d'aragem.

No parlamento, um dia, n'uma d'aquellas replicas sacudidas tão proprias do seu caracter, s. ex.ª reivindicou o titulo, que sabia darem-lhe, de novo Messias, dizendo que efectivamente lhe cabia o papel messianico de restabelecer a moralidade na administração, e a pratica respeitosa da lei em todos os actos da vida governamental. Como o proprio Jesus, vagabundeando pela Galiléa, o Messias franquista clamava que não vinha para destruir a lei, mas para dar-lhe cumprimento, e só por ignorancia dos livros sagrados é que não empregou a propria phrase biblica — *emquanto não passar o ceu e a terra não passará da lei um só i ou um til, sem que tudo seja cumprido.*

Ouvindo isto, quem havia então prever a dictadura que ahi temos, a não ser quem estivesse no segredo da grave perturbação de que enferma aquelle espirito, que por maior desgraça se formou á revelia, sem estudo, sem disciplina scientifica, sem o correctivo d'uma educação bem dirigida, que fosse uma therapeutica bem ordenada?

Dissemos que os *instaveis* são muito sujeitos a ilusões e alucinações, e tal é o caso do sr. presidente do conselho, como todos sabem. Regressando d'uma reunião politica, em Alcantara, em plena rua, dentro d'um trem, com um amigo ao lado, o sr. presidente do conselho *viu* um homem avançar para elle, com um punhal na mão, disposto a cravar-lh'o no peito, como se fosse outro Bruto erguendo-se, vingador, perante este novo Cezar. Não ha duvidas que o sr. presidente do conselho *viu* o seu *assassino*, viu-o tão realmente como nós estamos vendo o papel em que escrevemos. Para estes desgraçados todos os

phantasmas são reaes, como são reaes as vozes que ás vezes lhes chegam do céo, ordenando-lhes coisas absurdas, ás vezes coisas abominaveis. Dizia um alucinado a Griésinger, seu medico assistente: — *D'onde procedem as vozes que eu oiço? Não sei; mas eu oiço-as tão real e distintamente como a sua voz.* Tantas vezes estas alucinações levam á pratica do crime individuos que não têm o temperamento criminoso. *Têm* deante de si um individuo que os *ameaça de morte*, armado de navalha ou de revolver, e, victimas da sua alucinação, tornam-se assassinos, com medo de serem assassinados. Milagre foi que o sr. presidente do conselho não matasse alguem, na sua jornada de Alcantara, vendo deante de si, creado pela sua imaginação doente, um homem que pretendia matal-o. Deve ter-se produzido então, felizmente para todos, uma d'aquellas inhibições a que são muito sujeitos os *instaveis*, e para as quaes a sciencia não tem facil explicação.

A vida pratica

Quando chove, a mais segura maneira duma pessoa não se molhar... é não sahir de casa. Ha os trens, os automoveis, os carros do Jacinto e os electricos. Bem sei que ha tudo isso; mas um automovel póde ter uma «panne», obrigando quem vae nele, se tiver pressa, a ir-se embora *pedibus calcantibus;* o trem póde sofrer avaria, a morte subita dum cavalo, por exemplo, por lhe rebentar um aneurisma da aorta, e para chegar aos outros carros, mesmo tendo-os á porta, ainda é necessario dar alguns passos — o bastante para se molhar. Quando se abrem as cataratas do céo, que em boa verdade, diga-se entre parentesis, já deviam ter sido operadas, uma pessoa que sae á rua, ainda que não seja senão por alguns minutos, arrisca-se a ficar talqualmente uma esponja embebida, por muito que se resguarde. As capas de borracha são um grande meio protector, mas a sua eficacia é muito sujeita a falhar. Que o digam os medicos especialistas, que vivem de lavar bexigas, como certas mulhersinhas vivem de lavar casas. As galochas, com a adjuvante d'umas polainas de coiro, são muito para recomendar; mas não evi-

tam a humidade, capaz, por si, de produzir uma constipação que leve a gente d'esta para melhor.

Não ha duvida; quando chove torrencialmente, como hontem, o melhor é cada qual deixar-se ficar em casa, na morna tranquilidade do lar. O demonio é que muita gente não póde fazer isto, e dos que saem nem todos pódem andar de carro. Lá para o futuro as cidades serão cobertas, preservando-se os respectivos habitantes das importunidades do calor do verão, e dos incomodos da chuva no inverno. Bem sei que é dificil construir um guarda chuva que cubra uma grande cidade como Lisboa; mas ser dificil não é a mesma coisa que ser impossivel, e no andar que as coisas levam, de progressos a galope, tempo virá em que a palavra impossibilidade desapareça dos dicionarios.

Não tardará que se chegue ao centro da terra, e uma vez estabelecido ahi um nucleo de colonisação, continuar até ir bater com as ventas nos antipodas— salvo seja — será obra de algum trabalho, algum dinheiro e alguma pertinacia. Os aeroplanos, que por emquanto se limitam a furar o espaço na altura de poucos kilometros, num futuro breve serão verdadeiros comboios ligando os planetas mais distantes, estabelecendo relações imediatas entre aqueles que são habitados e promovendo o povoamento dos que tiverem condições para que o homem lá se amosende. Ha de aparecer, forçosamente, um engenheiro que aproveite, para o estabelecimento de taes comunicações, a força de atracção, como já hoje se aproveita, embora escassamente, a força dos ventos e das marés.

Receia a gente perder a cabeça a conjecturar o que será o mundo, o que será o Universo d'aqui por alguns anos, talvez umas centenas, talvez uns milhares, quando o homem souber fazer uma utilisação

mais larga e mais inteligente dsa forças da natureza. Muito se tem progredido, e todavia o que está feito consideram-n'o os possibilistas da sciencia como o preambulo modesto do que está para fazer-se. Não custa muito acreditar no céo e no inferno, embora sobre um e outro se tenha dito muita asneira, os mais grossos disparates. Se elles existem, o homem ha de lá chegar um dia, não como essencia espiritual, mas como *touriste* insaciavel de ver, conduzido por um Mr. Cook mais sabio que os filosofos gregos, e mais audacioso que todos os heroes de Homero... de Lencastre. Se, na verdade, o Inferno é aquele terrivel logar de sofrimentos, onde as almas penam no fogo eterno, algumas revolvendo-se na caldeira do Pero Botelho, em azeite fervendo a milhares de graus, se o Inferno é essa coisa abominavel que a teologia descreve, á certa que o homem ha de lá chegar um dia, armado em bombeiro voluntario, e pondo a funcionar as suas bombas, que ao tempo serão grandes como leitos de rio, apagará todas as caldeiras e fornalhas, pondo o proprio diabo a escorrer como bica de telhado.

A gente devia ter a faculdade de acreditar na existencia de tudo quanto lhe dá prazer, ou seja prazer de espirito, ou seja prazer carnal. Crer pode, em muitos casos, ser um caso de tortura; mas por via de regra é um manancial de goso, uma deliciosa fonte a que a gente cola os labios e bebe como se fosse o mais puro nectar em calice de ouro lavrado.

Que mal faz acreditar na imortalidade da alma?

Dizem os materialistas que nunca a viram, sem pensarem que a maior parte das coisas em que a gente acredita, nunca nos passou por diante dos olhos. O céo tem isto de mau — ser muito habitado por crianças... e por idiotas. Porque hão de ser bem aventurados os pobres de espirito, se isso não é qua-

lidade que elles adquirissem pelo seu proprio esforço, por actos da sua vontade? Pelo menos, devia lá haver, na côrte celestial, um sector, um manicomio, onde entrassem em deposito essas almas desgraçadas, proporcionando-lhes embora todos os deleites que elas fossem capazes de gosar. E uma grande créche, melhor talvez, um grande numero de créches, por modo que os pequenos não servissem ás outras almas de aborrecimento e incommodo. Custa muito aturar crianças, pelo menos cá na terra, quando choram ou quando berram. E' verdade que elas, coitaditas, pagam essas impertinencias com a maior prodigalidade, dando-nos o riso dos seus labios frescos e as caricias das suas mãosinhas aveludadas.

Pois choveu imenso, hontem, tanto e de tal maneira que muitas pessoas timoratas, vendo as regueiras como se fossem rios caudalosos, acreditaram que ia haver novo e mais terrivel diluvio universal. As searas no Ribatejo, estão debaixo de agua, e por toda a parte cada poça é uma lagoa, e cada lagoa é um mar. Os cães bebem de pé, nas ruas, e os rebanhos, por esses campos além, fogem como na Biblia, exactamente como se tivesse entrado com elles o demonio.

Ha pessoas tão felizes que podem ficar *chez elles* em dias assim de tempestade, bem enroupadas, bem comidas, — salvo seja — nada lhes faltando do conforto que proporciona a civilisação moderna... a quem é bastante rico para o pagar. O Tejo, lá em baixo, carrancudo e barrento, vê-se bem que já não poder beber mais, e o oceano, em vagalhões que são montanhas, sente que o estoira uma congestão, se os rios teimosamente continuarem a despejar nele o excesso das suas aguas.

Passam-se os dias sem que se veja o sol, decorrem as noites sem que se lobriguem estrelas, e no

meio da cerração, desenhando seu vulto gigante, aparece-nos Niobe chorando a sua dôr infinita, a manarem-lhe dos olhos torrentes caudalosas de lagrimas — *sunt lacrymae rerum.*

Ouve-se o vento a soprar, cançado das suas correrias loucas, e tem-se a visão de pobres creaturas que a fome expulsa de casa, para irem de rua em rua implorando a caridade — em dias de Carnaval!

O Entrudo — que porcaria!

O Inverno — que tristeza!

Do que já fui me sinto tão diverso
A'queles que não vejo e que converso.
Que me queixo do tempo e do que vejo.

Viagem de estudo

Não ha razão nenhuma para que o sr. D. Manuel seja uma creatura inteligente. Tal predicado não avulta na dynastia de Bragança, e, certamente por um lamentavel esquecimento da Historia, aparece muito apagado na familia dos Orleans. O mais certo, pelo menos o mais provavel, é ser o Monarcha uma vulgar mediocridade intelectual, porventura o representante legitimo, sob todos os pontos de vista, d'uma aristocracia degenerescente, muito proxima da extinção.

Demonstrou-se que não tinham razão os phisicos d'outras eras quando diziam que a Natureza tem horror ao vacuo; mas não se demonstrou ainda que ella tinha a mais pequena simpathia pelos privilegios de casta, quer se trate das aristocracias de sangue, quer se trate das aristocracias de talento.

Anda por ahi, nas mãos de toda a gente, o livro de Jacoby, sobre a degenerescencia de certas familias reinantes, com privilegios de poder, e sabe-se que os intelectuaes de maior valor, quando não morrem sem filhos, reproduzem-se em creaturinhas de cerebro liso, como os perus ou como os peixes.

Pessoas que conhecem de perto o sr. D. Manuel afirmam ser elle um pobre rapaz sem mocidade, pa-

thologicamente triste, pouco robusto de corpo e d'uma insignificancia mental que se descobre sem esforço. Para mais, S. M., embora não fosse educado para rei, nunca deixou de respirar a atmosphera da côrte, sequestrado a todo o convivio são, entre mentiras e farças.

Pois bem; o sr. D. Manuel ha quasi um mez que foi levado de Lisboa para o Porto, em companhia do seu presidente de conselho, dando-se como razão de tal viagem a necessidade que tem o Monarcha de conhecer o seu reino e fazer-se conhecer dos seus vassalos. No alegre dizer dos jornaes monarchicos, S. M., anda a estudar o norte do paiz, vendo tudo com os seus proprios olhos, ouvindo tudo com os seus proprios ouvidos, apalpando tudo com as suas proprias mãos, como quem deseja corresponder ás gravissimas responsabilidades do seu cargo, e d'ellas tem plena consciencia.

Já se diz que o sr. D. Manuel, uma vez estudado o norte, passará a estudar o sul, e como não ha nenhum motivo plausivel para S. M. votar ao desprezo os outros pontos cardeaes, presume-se que a seguir estudará o oriente, acabando os seus estudos... fóra da barra.

Porque se não ha de dizer toda a verdade?

Anda a fazer-se com o pobre moço uma exploração ignobil, que o tornaria ridiculo aos seus proprios olhos, se elle fosse capaz de perceber a situação que lhe crearam os seus amigos e conselheiros.

Não ha cretino de palacio que não tenha falado pela sua boca, obrigando-o a declamar umas coisas, pueris ou grotescas, que nem por se coarem atravez dos seus labios juvenis perdem o cunho que trouxeram dos cerebros dessorados em que se geraram.

O pobre moço!

Quem reunir em volume todos os discursos que

elle tem papagueado no Porto e nas immediações, umas vezes respondendo a operarios, outras vezes respondendo a cathedraticos, terá confecionado um curioso documento para se avaliar da mentalidade oficial n'este começo de seculo, que é ao mesmo tempo, para nós, um começo de reinado.

A miseranda farça!

Toda a gente sabe que o joven rei apenas diz o que lhe ensinaram para dizer, a maior parte das vezes nem se dando ao trabalho de imprimir a taes arengas um certo ar de espontaneidade. Mas ao mesmo tempo embasbaca toda a gente ouvindo os seus dizeres, não faltando quem leve a impudencia a ponto de encarecer a rectidão dos seus juizos e a profundeza do seu pensar.

Outro dia, falando a professores, recomendou que procurassem formar o espirito dos seus alumnos, incutindo-lhes as melhores ideias, mas que não se esquecessem de lhes formar o caracter, incutindo-lhes os melhores sentimentos.

Imagine-se uma rapariguinha de colegio a dar conselhos ás mães sobre o modo de crearem os filhos!

Dos genios já alguem disse que não tem sexo; mas ainda se não disse que os reis não têm edade, e mal parece ouvir dissertar gravemente um fedelho, como se fosse um homem.

Ainda não ha um anno que o sr. D. Manuel é rei; até ao momento de o sentarem no throno, como era filho segundo, não sentira a necessidade de estudar o paiz, que outro haveria de governar. De modo que cingiu a corôa na mais perfeita ignorancia ácerca da situação economica, financeira e politica da nação, rei por acaso, estudantinho das primeiras letras que, andando a brincar no intervalo de duas aulas, encalhou n'umas pedras soltas e foi cair... em cima d'um throno.

Sem sahir do seu palacio, no recolhimento da sua dôr, cercando-se de livros, de relatorios, de jornaes, ouvindo este e aquelle, o Monarcha podia muito bem estudar o seu paiz, por maneira a ter, que mais não fosse, a plena consciencia dos seus actos, em materia de administração.

Mas assim!

Constantemente em festas, sem tirar do nariz os oculos côr de rosa que lhe puzeram em Lisboa, quando abalou para o norte, o estudo que elle tem andado a fazer, almoçando aqui, jantando além, ouvindo tretas e respondendo lôas, deve de ser de bem mais tristes consequencias para a Nação do que a ignorancia em que elle se achava quando deixou de ser principe para ser rei.

O que admira é elle não ter ainda metido nos discursos algumas das muitas anedoctas do sr. presidente do conselho.

Aos reis sucedem ás vezes precalços curiosos.

D. Carlos foi uma vez a Beja, assistir ás festas do Sacramento. De caminho, inaugurou a adega social de Vianna. A viajata era obrigada a dois discursos — um para a adega e outro para o Santissimo Sacramento.

Receando confusões, S. M. meteu o discurso da adega n'uma algibeira e o do Sacramento na. outra. Baldada precaução! Quando o eonologo acabou o seu discurso, agradecendo a El-Rei a honra, etc., etc.,... S. M. rapa da algibeira um papel, e principia a ler... o discurso do Sacramento.

— Póde dar graças a Deus o sr. D. Manuel por não o terem obrigado a ler aos conegos de Braga... uma anedocta makavenka.

A justiça

Ha dias foi julgado na Boa Hora um famoso gatuno de carteiras, de cujo cadastro se vê que já soffreu dez condemnações, sendo a menor de quinze dias e a maior de dois annos de prisão. Este meliante fôra pronunciado por ter, na estação do Rocio, roubado uma carteira com importantes valores. Outros furtos, da mesma natureza, tinha já praticado em Lisboa, mas foi o da estação do Rocio que forneceu base para o processo. O famoso carteirista é homem novo, uns trinta annos, e tem sido identificado com nove nomes, de cada vez attribuindo-se uma nacionalidade.

O tribunal que o julgou foi informado, pelas estações competentes, da sua biographia criminal, que, se não era completa, era sufficiente, parecendo que, além das condemnações averiguadas, em numero de dez, como já disse, elle soffrera mais algumas, coisa de nada — uns mezes de prisão em Barcelona, coisa parecida em Bilbau, e um anno de repouso forçado em Paris, na famosa prisão de La Roquette.

Não assisti ao julgamento, e por isso não sei com absoluta segurança, até que ponto houve falta de provas para ser condemnado o incorrigivel carteirista,

ao que se vê muito pouco habil no exercicio do seu mister. O que sei é que ao tribunal foi dado conhecimento do cadastro do gatuno, e esse cadastro, sobre cuja authenticidade não é permitido levantar duvidas, é como acima disse.

Quando a policia de Londres soube que este cavalheiro ia ser julgado em Lisboa, logo para aqui dirigiu o seu pedido de informações quanto ao resultado do julgamente, e quando lhe pareceu que talvez houvesse descuido em informal-a, não sabendo que a nossa justiça se mexe com lentidão, renovou o com maior instancia, em officio que de nada mais tratava.

Não vale a pena fazer agora uma longa e erudita dissertação sobre criminologia, que isso está feito em muitos livros de todos os tamanhos e preços, sendo facil ao leitor, a quem o assumpto interesse, consultal-os sem grande dispendio e sem grande trabalho. Já para ahi se disse, não sei quem, e o nome pouco importa, que pode haver crime sem haver criminoso, como pode haver doença sem haver doente. Acredito agora que não era *blague* o que em tempo se disse de haver em Portugal institutos medicos onde se ensinava a medicina... no espaço, pois só com um tal ensino se podem formar clinicos que produzam uma affirmação d'este quilate. E' certo que um qualquer de nós, o mais forte e sadio, pode ter dentro de si o germen d'uma perigosa doença, a tuberculose, por exemplo; mas ser portador da *causa especifica* d'uma doença não é ter essa doença, não é, sequer ao menos, ser um *predisposto* para contrahil-a, tomando a palavra no seu verdadeiro significado. A verdade assente desde ha muito, a incontestavel verdade, é que ha doentes e não ha doenças, a menos que se queira confundir o *bacillus* de Koch, por exemplo, com o quadro de symptomas varios que definem e caracterisam a tuberculose.

Poder-se-ha dizer, semelhantemente, que ha criminosos e não ha crimes?

Tudo depende da definição que se der do crime, e do crime tem-se dado quasi tantas definições como tantas estrellas tem o céo. O crime supõe a existencia necessaria do agente que o pratica, e assim todas as vezes que se constata a existencia do crime, isto é, d'um acto em que concorrem os elementos substanciaes que constituem a sua natureza criminal, implicitamente se affirma a existencia d'um criminoso, aquelle que o praticou. Por muito valor que se dê ás cathegoricas affirmações de Lombroso, a verdade é que o criminoso se revela pela pratica do crime, seja qual fôr a soma de caracteres anthropologicos que n'elle concorram, e que o façam considerar um degenerescente ou um degenerado do typo criminal. Tal que não apesenta um só dos caracteres somatices ou funccionaes que a escola lombrosiana aponta como sendo essencialmente caracteristicos dos criminosos, póde consumir o melhor da sua actividade na pratica de actos delictuosos, e tal outro que reune todos ou quasi todos os caracteres do pretendido criminoso nato, irá do berço ao tumulo sem ter dado um passo fóra da moral estatuida, e dos codigos adoptados.

Mas não foi para dissertar sobre escolas e theorias criminalistas que me dispuz a escrever este artigo, o qual não tem outro intuito senão o de chamar a attenção do publico para a justiça da Boa-Hora.

Um incorrigivel gatuno, como aquelle de que me estou occupando, é ali arrastado por motivos de larapiação apanhado com as mãos nas algibeiras d'um caminhante incauto, e apezar de se vêr, pelo seu cadastro, que elle é um profissional do roubo, a justiça absolve-o e deixa-o ir em paz.

E' bem possivel que o criminoso seja, em muitos casos, menos responsavel pelo seu crime do que a

sociedade em que elle se formou, e em que elle exerce a sua actividade; mas nem por isso elle perde o seu direito á defeza, sem embargo das responsabilidades moraes que lhe compitam em cada caso especial. Sem exclusivismos de escola, e fugindo cautelosamente de todos os exageros, parece-me que ao criminoso se póde attribuir, em geral, a plena responsabilidade do seu primeiro crime, a maior parte de responsabilidade no segundo, da mesma natureza que o primeiro, e apenas a que lhe pertença, como cumplice, no terceiro, cujo verdadeiro auctor é a sociedade.

Quer dizer, o miseravel carteirista que ha dias foi absolvido na Boa-Hora, a despeito do conhecimento que teve o tribunal do seu edificante cadastro, já não é gatuno por sua conta e risco — é um agente de roubo que a sociedade traz em exercicio, para castigo das pessoas descuidadas. — Que elle encontre no seu caminho os seus benevolos julgadores, porque só assim os meretissimos juizes tomarão pleno conhecimento das necessidades da defeza social.

A revolução necessaria

Passa hoje mais um anniversario do 31 de janeiro.

A brutalidade do *ultimatum*, colhendo o paiz em plena modorra de vida sem ideal, erguêra-o n'um repelão de gado espantadiço, que lobrigasse na treva o olhar em braza da fera ameaçadora. Houve no primeiro momento um estremeção de susto e desespero; ergueu-se um côro de maldições e de protestos, e foi, durante largos dias, como se galvanisassem um cadaver, retezando-lhe a musculatura flacida, e enchendo-lhe o coração inerte d'um sangue arterialisado e quente. Mas tudo passaria breve, como um fogacho de palha, se a mocidade academica, n'um impulso de generosidade compadecida, audaciosa e intemerata, não tivesse procurado, desde logo, dar ao protesto nacional uma fórma consciente, e systematisar as energias que acordaram, no sentido de redimir velhas culpas e evitar novas catastrophes.

Fundou-se então *A Patria*, jornal academico collaborado por toda a gente, isto é, pelos rapazes de todas as escolas, jornalistas improvisados que ali vinham, roubando tempo ao estudo, muitos faltando ás aulas, dizer as coisas generosas que sentiam, e

tambem as coisas incongruentes que pensavam. Desde logo se revelaram aptidões de primeira ordem, verdadeiros temperamentos de escriptor, a que apenas faltava a especial cultura e a necessariamente disciplina. Mal feita como era, *A Patria* encontrou no publico uma extraordinaria sympathia, e como quer que a audacia incuta animo, começaram os protestos populares a ser de cada vez mais vehementes, e as reivindicações nacionaes a serem formuladas n'um crescendo de intimativa, que bem depressa se tornou em exigencia sem dilações.

A monarchia era incapaz de reparar o mal que fizera? Pois então que se fossem embora os Monarchas, deixando o paiz, na posse de si mesmo, liquidar as suas contas, e preparar os seus destinos. E porque não haja exemplo d'uma forma de governo ceder graciosamente o logar a uma outra, convencida da sua inutilidade ou dos seus perigos, toca a preparar a revolução, cada qual pondo n'esse empenho o melhor da sua vontade, do seu valor, da sua dedicação, dos seus enthusiasmos... e da sua inexperiencia.

Todo o movimento nacional de protesto, como já foi dito, partiu da mocidade das escolas; foram os rapazes que o iniciaram; foram elles que lhes deram forma e vulto. No Porto o jornal de João Chagas, audaciosamente revolucionario, foi o clarim que tocou a fogo, o hymno ao som do qual os regimentos sairam dos quarteis, não para fazerem a republica, mas para morrerem por ella, na embriaguez de uma lucta heroica, que foi ao mesmo tempo uma heroica asneira. Não temos responsabilidades directamente ligadas a esse infausto successo: mas entendemos que todo aquelle que, antes ou por occasião do ultimatum, fallando ou escrevendo, proclamou um dia a necessidade d'uma revolução em Portugal, teem de

considerar-se solidarios com os homens do 31 de janeiro. Não pretenderiamos um quinhão de gloria, se o movimento tivesse vingado; mas desde o momento em que soubemos que elle fracassára, reivindicamos honestamente a parte de responsabilidades que n'elle poderiamos ter. Consta isso de documentos escriptos, e se o recordo agora, é porque o facto me dá a auctoridade precisa para fallar d'aquella triste jornada com a maior independencia. Outros o renegaram desde a primeira hora, outros o renegam ainda, já sem medo de lhes chamarem covardes, mas com receio de que os considerem estupidos. E quantos eu conheço, que são as duas coisas ao mesmo tempo!

* * *

Fechou-se a era das conspiratas; a rhetorica ainda sopra no canudo revolucionario, mas só produz um sussurro de canavial agitado pelo vento. Acabou o namoro escandaloso ás tropas, um *flirt* em que andou o partido republicano, annos e annos, rondando pela parada dos quarteis, dando d'olho ás bayonetas... calladas, até que apparecesse um espadalhão afiado, que quizesse cobrir-se de gloria... em vez de se cobrir de ferrugem. Os pronunciamentos, que em Hespanha nunca deram resultado, embora sejam coisa bem hespanhola, são processos revolucionarios que repugnam á nossa indole, ao nosso feitio, ao nosso sentimento.

O partido republicano portuguez, hoje mais forte do que nunca, prepara-se para vingar o 31 de janeiro, fazendo uma verdadeira revolução. Para isso não tem que aliciar sargentos; não tem que aliciar officiaes; não precisa andar pelos quarteis ou pelos navios, como um conspirador d'officio, pescando vaidades, ambições ou descontentamentos. A revolu-

ção que urge fazer, a grande, a fecunda, a redemptora revolução, não pode ser feita pelas tropas; hão de faze-la os evangelisadores de princípios, os semeadores de ideias, os apostolos do bem e da verdade, do direito e da justiça. E só quando elles tiverem realisado a sua obra eminentemente revolucionaria e eminentemente pacifica; quando elles tiverem espalhado a luz a jorros, illuminando as intelligencias, e tiverem apostolado pelo exemplo das mais altas virtudes contra todos os crimes e vicios, só então soará o momento da outra revolução, e para a fazer não será necessaria a audacia d'um heroe, bastará a firme decisão de meia duzia de individuos.

Aos mortos tudo é indifferente; mas se aos que apodrecem nos cemiterios chegasse um echo das nossas luctas, os que cairam varados pelas balas, nas ruas do Porto, ha quinze annos, gostariam de saber que aproveitamos com o seu erro, e que preparamos a realisação do seu sonho, que é tambem o nosso sonho, pela forma mais racional e mais segura.

Dois mortos

D'aqui por algumas horas, um longo cortejo funebre atravessará as ruas de Lisboa, comboiando os cadaveres de Miguel Bombarda e Candido dos Reis, o illustre psychiatra assassinado doze horas antes de principiar o movimento revolucionario, e o prestigioso almirante que se suicidou tres horas depois d'elle iniciado.

Foi uma grande fatalidade o desaparecimento d'estes dois homens á hora em que eram mais precisos, quasi no momento supremo em que os seus olhos, cançados de mirar o futuro atravez de esperanças brumosas, iam ver tremular no alto das torres e dos edificios a sagrada bandeira da Patria, vermelha como se a ensopasse o mais generoso sangue portuguez, verde como se a tingisse o anceio dos que prendiam á Republica a ultima esperança do resurgimento nacional.

Quasi vibramos ainda da comoção tremenda que dominou Lisboa inteira mal se espalhou a noticia de ter sido morto o dr. Miguel Bombarda, assassinado por um doido com quatro tiros de Browing. E logo correu que o assassino era o instrumento da reação, implacavel nos seus odios contra o seu mais leal e

mais temivel adversario. Baldadamente se dizia que a arma homicida fôra empregada por um irresponsavel, em tempos ainda proximos internado em Rilhafolles, e pelo dr. Bombarda considerado um incuravel. A voz geral, a opinião corrente, pode dizer-se a opinião dominadora era a de que o doido não procedera por sua conta, e nem sequer se admitia que elle procedera por effeito d'uma sugestão indirecta. Dava-se, para mais, o acaso de saber muita gente que a revolução devia fazer-se d'ahi por umas horas, e o aproposito da morte do homem que mais trabalhára para ella, e que dentro d'ella havia de ter um alto papel a desempenhar era bem de molde a radicar a suspeita de que o doido fôra meramente o instrumento dos reacionarios, d'alguma forma apercebidos do movimento que se projectava.

Fosse como fosse, a physionomia da cidade immediatamente mudou, revestindo o aspecto d'aquelles dias torvos do franquismo em dictadura, quando toda a gente vivia na inquietação e no sobresalto, incerta quanto á hora seguinte, espalhada como andava no ambiente uma especie de efluvio revolucionario, que perturbava os espiritos e exaltava as almas.

Promptamente se encheu o Rocio, e pois que aos clericaes se atribuia o crime, espontaneamente, sem nenhuma especie de acordo, organisou-se a montaria aos padres. No justo receio de que a noite avolumasse as desordens da tarde, sem todavia presentir o movimento revolucionario, o governo ordenou que as tropas ficassem de prevenção, tanto as tropas de terra como as tropas de mar. E aqui está como o gesto homicida d'um doido poderia ter frustrado mais uma tentativa revolucionaria, se não estivesse assente, incondicionalmente assente, que n'aquella noite o movimento se faria, rebentando a um signal dado.

Ao metter-se no trem, o proprio trem em que se

transportára a Rilhafoles o seu assassino, para ir curar-se ao Hospital de S. José, o dr. Miguel Bombarda pediu que me fossem procurar, sem demora, porque alguma coisa tinha a dizer-me. Pouco tardou que me encontrasse junto d'elle, estendido sobre uma maca, os olhos fechados, transluzindo-lhe no rosto um grande soffrimento. Chegára a horas de recolher a sua confidencia, e porque elle poderia ter mais alguma coisa a dizer-me, incapaz de muitas palavras seguidas, aguardei que lhe passasse o somno anesthesico, só abandonando o seu leito quando entrou em delirio preagonico.

O que foram os horrores d'essa morte, já o disse aqui, molhando a pena em lagrimas. Foram poucos os que assistiram á lucta que travou aquelle homem rijo com a morte implacavel, e esses ouviram-lhe repetir bastas vezes que não valia a pena conservar a vida por aquelle preço, á custa d'um soffrimento incomportavel.

Miguel Bombarda era uma vontade intelligente, mas era acima de tudo uma vontade. Desde que se fizera republicano nunca mais pensou, dia e noite, a cada hora, a cada instante, senão em fazer a Republica. Membro do *comité* revolucionario, a obra da revolução tornou-se o objecto de toda a sua actividade, que era enorme, a tudo mais dedicando um minimo de attenção, multiplicando-se para estar ao mesmo tempo em toda a parte, e quasi realizando esse milagre.

Queimava-se na febre revolucionaria, mas essa febre avigorava-lhe a energia, e tamanha era a sua fé, tão radicada a sua crença, que as contrariedades nem sequer o detinham um instante para ver se o caminho que trilhava era o mais direito e o mais curto.

— *Façam a Republica, façam-n'a,* disse-me o desgraçado, ao mudarem-n'o da maca para a meza das

operações, já a sofrer horrivelmente, mas ainda esperançado em que a mão habil d'um cirurgião amigo havia de triumphar do perigo.— *Entrava nos meus calculos morrer cedo, mas não assim, estupidamente.*

Aludia á revolução, em que teria um posto d'honra, isto é, um logar de maior perigo, oferecendo o peito ás balas.

O estupido crime d'um irresponsavel!

Se não sobrelevasse a irresistivel força das coisas á contingente vontade dos homens, elle poderia ter retardado o advento da Republica, podendo mesmo comprometer, de forma irremediavel, os destinos nacionaes.

* * *

Se aos mortos não fosse indiferente tudo, e n'isto consiste a felicidade de morrer, os dois cadaveres que iremos logo acompanhar ao cemiterio teriam uma grande satisfação de marcharem juntos a caminho do Nada. Entre a morte de Miguel Bombarda e a morte de Candido dos Reis mediaram algumas horas apenas, a distancia que vae das seis da tarde ás quatro da madrugada.

Candido dos Reis era o chefe revolucionario que devia tomar o comando das tropas de mar, indo buscar as guarnições aos navios, e desembarcando com ellas. Elle era a maxima garantia d'exito, não só pela sua bravura, calculada e fria, mas tambem pelo seu prestigio, que ninguem, na corporação, egualava.

Republicano desde sempre, nunca se urdiu um movimento de conspiração em que elle não entrasse. Pode dizer-se que a republicanisação da marinha fôra principalmente elle que a fizera, e o espirito revolucionario que n'ella se desenvolvera, era positivamente a sua obra.

Muito intelligente, muito illustrado, Candido dos Reis era mais do que tudo isso um grande, um modelar caracter. Quem fosse homem de bem, havia de ser como elle, podendo dizer-se que em escrupulos d'honra ninguem o excedia, sendo muito difficil egualal-o. Era quasi um jacobino, mas porque era tambem um homem reflectido, entrando em todas as conspirações nunca atirou para a boca dos canhões os que se confiavam á sua direcção.

Recorda-me bem do que foi aquella noite do 28 de janeiro.

As tropas conservaram-se socegadas nos quarteis, de prevenção, e os paisanos recolheram apressadamente a suas casas, na anciosa espectativa de acontecimentos graves. Esses acontecimentos não se produziram, e todavia o momento parecia propicio, singularmente favoravel á eclosão d'um movimento revolucionario. Ahi pelas alturas da meia noite, livido, com um ligeiro tremor na voz, aparece-me Candido dos Reis, a preguntar o que se devia fazer. Respondi-lhe que nada havia a fazer, senão esperar. Mas elle era d'outra opinião, e francamente nol-a expoz, com a firmeza e decisão que punha sempre nas suas palavras.

— *Não, alguma coisa ha a fazer. Vou ao corpo de marinheiros, e se não me estoirarem logo á entrada, venho com elles para a rua. Depois será o que fôr.*

Respondi-lhe simplesmente: — *Isso seria apenas uma loucura, se não fosse tambem um crime, porque toda essa gente seria fuzilada pela municipal, e os regimentos continuariam aferrolhados nos quarteis.*

Candido dos Reis ficou por instantes calado, n'uma concentração de espirito que tinha alguma coisa de terrivel, porque era toda a sua alma elaborando um pensamento tragico.

— *Bem; n'esse caso vou fazer saltar os miolos.*

A morte era uma coisa que o não apavorava, e por isso a mettia constantemente nos seus calculos. Tinha uma especie de hypertrophia do ponto d'honra, e acreditava demasiadamente na efficacia d'uma bala para resolver difficuldades, em materia de dignidade pessoal. A revolução devia fazer-se n'aquelle dia, mas como não era possivel fazel-a, entendia elle, quasi o unico chefe revolucionario em liberdade, que não podia airosamente sobreviver ao fracasso.

Se havia ahi alguem convencido de que o exito da revolução que nos deu a Republica estava perfeitamente assegurado, esse alguem era Candido dos Reis. Por varias vezes me disse que eram de sobra as forças de terra e mar que estavam dentro da conspiração, e mesmo figurando que á ultima hora muitos dos conspiradores trairiam os seus compromissos, ainda assim tinha por certo que o movimento seria triumphante. Por isso mesmo se assentára em que elle se faria, houvesse ou não houvesse prevenções, e como fosse ordenado pelo governo que os navios sahissem do Tejo para Cascaes, no dia 4, esse foi o dia marcado para a Revolução.

Na vespera, á noite, tinhamos ido, elle e eu, discursar n'uma festa em Algés, no Centro Patria e Liberdade, e no regresso, Candido dos Reis mostrou-se alegre e prazenteiro como nunca o viramos.

— *Já reparou como estou faceto? E' que vejo diante de mim, inevitavelmente, o triumpho ou a morte.*

O suicidio não é sempre um heroismo, não é sempre uma covardia, não é sempre uma loucura. A morte não redime tudo, e pode muito bem succeder que um individuo, mettendo uma bala na cabeça, para expurgar uma falta, cometta um verdadeiro crime.

Candido dos Reis matou-se já depois de iniciado o movimento, julgando-se irremediavelmente perdido. Não quiz sobreviver a mais uma tentativa fracassada e, embora esse fracasso não fosse da sua responsabilidade, quiz tingil-o com o seu sangue, crendo que d'esta forma o tornaria respeitado e digno.

Lastima foi, e grande lastima, que se deixasse obscurecer o seu espirito luminoso, porque um pouco de calma e reflexão ter-lhe-hiam feito ver o caminho por onde devia seguir.

A sua morte, como a de Miguel Bombarda, podia ter compromettido irremediavelmente a causa da Patria, que era a mesma causa da Republica. Tal não succedeu, felizmente, e o caso prova apenas que não ha homens indispensaveis, havendo apenas homens uteis, em differentes proporções e limites.

Deve ter sido grande a tortura moral de Candido dos Reis, motivada pelo que julgou ser uma derrota sem combate, determinada por uma imprevisivel covardia; mas com certeza não lhe tremelicou a mão quando encostou á tempora a boca da arma homicida. A morte era uma solução que elle trazia sempre na algibeira, prompto a servir-se d'ella, sem trepidar, quando ella se lhe afigurasse unica.

Mas a hora não é para analyses e criticas, é para o pranto saudoso pelos queridos mortos que vão passar, d'aqui a nada, a caminho do cemiterio, apotheosados por muitas dezenas de milhares de pessoas, toda a população d'uma cidade republicana que não poderá assistir ao saimento funebre com os olhos enxutos.

Ladislau Parreira, o bravo comandante das forças de mar, na falta de Candido dos Reis, escreveu isto n'uma carta a um amigo: — *A parte que me cabe na implantação da Republica é tão pequena que se reduz a um simples cumprimento da minha*

palavra, dada ha mais de 13 annos ao meu chorado almirante Candido dos Reis. Elle foi a alma de todo o movimento revolucionario. Por isso peço a todos os republicanos portuguezes, e por intermedio do meu amigo aos da minha querida Serpa, que quando hajam de exaltar os feitos de qualquer militar da Republica, sem esquecerem a bravura d'esse belo povo, tenham sempre uma saudade para o que foi o primeiro militar da Republica.

Curvemo-nos respeitosamente á passagem dos nossos queridos mortos, e não esqueçamos nunca que elles prepararam a obra que nós realisamos, regaram com o seu sangue, para que se formasse e crescesse, a arvore de que nós havemos de colher os fructos.

As penitenciarias

Não é muito variada a pathologia d'uma Penitenciaria, o que não quer dizer que os individuos ali reclusos, e só pelo facto da reclusão, perdessem alguma coisa da sua capacidade morbida. Não; o que elles perderam, arrancados á vida livre, foi o contacto com mil circumstancias que pódem ser o motivo ou a occasião de doença.

Se compararmos a hygiene das prisões com a hygiene das casas operarias, embora ainda haja prisões-pocilgas por esse mundo fóra, reconheceremos facilmente que a Sociedade se preocupa mais carinhosamente com os seus elementos damninhos do que com os seus elementos prestimosos. O Christo, dizem os livros sagrados, quando lhe censuravam os cuidados que prodigalisava aos maus, respondia que só os doentes precisam de tratamento, tanto mais solicito quanto a doença é mais grave.

Ha uma quantidade grande de doenças medicas que não pódem transpôr as portas d'uma Penitenciaria, e só por excepção ali se dão acidentes que tornem precisos os serviços d'um cirurgião. Gente nova, pela maior parte sadia, os condemnados á Penitenciaria pouco adoecem, boa como é a hygiene da habi-

tação, regular e suficiente como é a comida, methodico como é o trabalho.

Não é extremamente rara n'uma Penitenciaria, a tuberculose, e muito mais frequente que a tuberculose é a loucura, que póde revestir fórmas diversas, não constituindo de modo algum, como se pretendeu em tempos, uma doença especifica, *sui generis*.

Póde achar-se exagerada a opinião de Nacke, segundo a qual o medico d'uma Penitenciaria não deve ser um medico qualquer, mais ou menos conhecedor da pathologia e therapeutica ordinarias, mas um medico alienista abalisado.

No que não ha exagero é em querer que os medicos das prisões não sejam absolutamente ignorantes da psychiatria, e estejam d'algum modo ao corrente da sciencia criminal do seu tempo.

Figure-se que amanhã o dr. Miguel Bombarda era substituido na direcção de Rilhafolles por qualquer clinico que o governo, por conveniencias eleitoraes, deslocasse de Traz-os-Montes para Lisboa. Talvez que o facto não chocasse grandemente o publico; mas os que sabem o que é um manicomio veriam n'elle mais do que um disparate, um verdadeiro crime, embora sem sancção marcada no codigo.

Pois esse medico transmontano, que ficaria mal n'um manicomio, ficaria egualmente mal n'uma Penitenciaria, se para lá fosse, e essa é a nossa hypothese com os vulgares conhecimentos clinicos de que precisa, para ganhar a vida, um João Semana.

Nem todo o criminoso é um louco, mas sendo geralmente o criminoso um anormal, não admira que se toquem muitas vezes, tangencialmente, as espheras da criminalidade e da loucura. Esta circumstancia, que não é uma hypothese vã, explica a necessidade do exame medico, no ponto de vista da sanidade mental, de todos os individuos que teem de respon-

der por crimes e delictos d'uma certa categoria, e egualmente explica a necessidade de medicos alienistas em serviço nas Penitenciarias e estabelecimentos congeneres. Não se póde deixar ao criterio meramente juridico dos majistrados, instruindo um processo, decidir da necessidade do exame psychico do inculpado, por muito escrupulosa que seja a sua consciencia.

Tivemos ocasião de seguir, durante dois annos, o curso de medicina legal psychiatrica que dirigia na *enfermaria do Deposito* o professor Garnier. Não se imagina a quantidade de individuos loucos que os tribunaes de Paris condemnam como vulgares criminosos, sem a minima preocupação a respeito da sua integridade psychica. O professor Garnier, auctor d'uma vasta obra, não era positivamente um sabio alienista, mas tinha uma rara habilidade para interrogar os doentes, obrigando-os a falar por maneira que punham na mais clara evidencia as minimas falhas do seu espirito. Appareciam com frequencia simuladores, e com um raro tacto o professor Garnier distinguia logo, quasi na primeira abordagem, os que o eram a valer e os que apenas exageravam uma qualidade morbida de que eram portadores, sem d'isso terem consciencia. Dizia Laségue que só póde imitar-se bem a doença de que se é portador, embora não a exteriorisando por fórma a tornal-a conhecida. Isto quer dizer, descontando o exagero de Laségue, que um individuo não mente á sua vontade, arbitrariamente, fazendo de epiletico ou de paralytico, conforme lhe apetece.

Um dia foi levado para o serviço de Garnier um individuo qualquer, que elle nunca tinha visto, e que d'ahi a nada era apresentado ao curso como um paralytico geral na phase incipiente da doença. Ao cabo de duas semanas, o homem pediu a Garnier que o ouvisse no seu gabinete. Uma vez alli, disse-lhe que

era jornalista, e que tendo sido encarregado pelo seu jornal de se informar dos escandalos que se dizia terem logar na *Enfermaria*, resolvera fingir-se doente, para ser internado, e poder depois contar o que tinha visto. Estava muito grato pelo modo como havia sido tratado, e pois que só notára solicitude, carinho e dedicação para com todos os internados, desfaria as mentiras calumniosas que a respeito do *Dépôt* corriam. Que lhe perdoasse a mentira; mas só fingindo-se doente poderia entrar alli e ficar, informando-se com segurança, de quanto alli se fazia.

No dia seguinte, Garnier, contando a historia ao curso, affirmava tratar-se d'um paralytico, e tempos volvidos o homem entrava n'um asylo, e o medico inscrevia o p. g. na taboleta respectiva.

Pois bem; os condemnados pelos tribunaes, sem nenhum exame medico que affirme a sua boa saude mental, entram na Penitenciaria sem uma *biographia* que o medico utilise para o conhecimento do seu modo de ser psychologico. De resto, o individuo que praticou um crime pode não ser um alienado no momento em que delinquiu ou foi julgado; mas se o medico da prisão é, como deve ser, um psychiatra, pode surprehendel-o em começo de alienação e submettel-o logo a um regimen especial, que impeça, na medida do possivel, a plena floração da loucura.

E pois que já aludimos á dissimulação, a talho de foice vem dizer que muitas vezes o criminoso se finge louco, procurando assim ser transferido d'um logar onde não pode tentar a evasão, para outro onde crê que isso lhe será mais facil ou pelo menos possivel.

Na Belgica, se a memoria nos é fiel, crearam-se em 1891 inspecções trimestraes ás prisões, e os resultados, no ponto de vista psychiatrico, foram de natureza a confirmar a opinião dos que sustentam,

como Nacke, que os respectivos medicos devem ser alienistas com largo tirocinio em asylos de alienados.

Muito haveria que dizer sobre este assumpto; mas talvez o leitor já ache excessivo o espaço e o tempo que lhe dedicamos.

Dizia-nos outro dia um professor do Curso Superior de Lettras, que é ao mesmo tempo um ilustre oficial do exercito:

— Se eu fosse accionista do seu jornal, vendia já as acções.

— Porquê?

— Porque V. mete-o no fundo... se teima em tratar de coisas serias.

As endoenças

Já agora, deixemos passar este tempo santo, para depois voltarmos á faina de todos os dias... zurzindo o nosso semelhante.

O alvoroço com que eu via aproximar-se a semana das endoenças, n'outro tempo, quando ainda era devoto e guloso, muito temente a Deus e muito amigo de amendoas!

Aos sete annos ajoelhava pela primeira vez aos pés d'um padre, tremendo como varas verdes, com receio de que me falhasse a memoria no acto de contricção, e tivesse de sair do confessionario humilhado com uma reprimenda.

Foi ha tanto tempo!

Havia immensa gente na Egreja, homens e mulheres, todos de preto, cada qual compondo um semblante grave, que traduzisse bem o recolhimento da alma n'um exame austero de consciencia. Quando chegou a minha vez, chamado a um aceno do compadre prior, muito de minha casa, tirei o rosario da algibeira da jaqueta, e fui ajoelhar-me a seus pés, ensaiando mentalmente a confissão, seguro de que encarreirando as primeiras palavras iria desembaraçadamente até ao fim.

Era um bom homem, o padre Cardote, muito amigo dos filhos, cumprindo sem excessos de zelo os seus deveres de parocho, e nos intervallos bordando as toalhas do altar ou escrevendo poesias.

Não me lembra já o que elle me perguntou, mas recordo-me bem da penitencia que me deu — *rezar tres vezes as contas, e oferecer um quartilho de azeite á Senhora do Castello.*

Foi ha tanto tempo!

Não recebi a communhão, e isso ofendeu gravemente o meu amor-proprio, embora me explicassem, com uma grande copia de boas razões, que a hostia não podia ser dada a uma criança da minha edade, ainda sem o necessario discernimento para não confundir a substancialidade do Christo com uma rodelinha de massa, preparada sabe Deus com quanta falta de asseio.

A semana santa!

A cerimonia do lava-pés era das que mais me prendiam a atenção, embora nem vagamente lhe percebesse o alcance, o que de resto sucedia á quasi totalidade dos meus irmãos em crenças, espectadores, como eu, do chamado Drama da Paixão. Eram sempre pessoas de categoria que tomavam o logar dos apostolos, encaixilhados na sua melhor farpela, e a cada um era oferecido um grande ramo de flores artificiaes, onde sobresaia uma apetitosa maçã d'alcorce, espetada n'uma haste de arame.

N'aquelle tempo ainda havia um grande respeito pelas coisas da Egreja; a fé era mais viva, a crença menos raciocinada.

Não era qualquer que pegava ás varas do palio, nem a cruz se entregava ao primeiro que se offerecia para a conduzir, escolhendo-se sempre pessoa de respeitabilidade para esse frete divino.

O *enterro do Senhor*, com o templo bem ás es-

curas, era uma scena de catacumbas, muito propria a vergar os crentes ao peso d'uma dôr quasi real. Quando se deixava cair uma taboa, por detraz do altar-mór, a fingir que descera ao tumulo o corpo do Redemptor, havia sempre homens que choravam, mulheres que se estorciam nas convulsões d'um ataque histerico, nem sempre verdadeiro, enchendo o templo de gritos e soluços, como se efectivamente ali se passasse alguma scena tragica.

Cem annos que eu vivesse, nunca esqueceria o episodio burlesco a que uma vez assisti, dentro da egreja, em sexta feira de paixão, quando já todos os olhos se tinham fixado no pulpito, á espera de vêr assomar o prégador. Fizera-se um silencio morno e pesado em toda a vastidão do templo, que só a luz mortiça das velas esclarecia, dando-lhe o ar funebre d'uma camara ardente, em que milhares de peitos arfassem, procurando encher-se d'ar n'uma atmosphera demasiadamente espessa.

Uma lagrima que tivesse caido, n'aquelle momento, dos olhos da Magdalena sobre o seu vestido de seda, teria feito um ruido perceptivel a quem estivesse debaixo do côro, no guarda-vento. Era o momento solemne em que a voz do prégador ia fazer-se ouvir, cortada de soluços, dizendo o martirio incomportavel do Christo feito homem, injuriado e escarnecido, as mãos rasgadas e os pés em chaga, tudo sofrendo sem um queixume para nos redimir e salvar. Senão quando, subitamente, cortando aquelle silencio augusto, verdadeiramente tumular uma voz se ergueu, aspera e fanhosa, recommendando com solicitude: — *não te esqueças, Antonio, deita lá palha á nossa burra!*

Todos, homens e mulheres, tiveram a coragem heroica de não desatar á gargalhada, e a sr.ª Luzia Pernil, muito devota e muito amiga da sua burra, ageitando-se como poude, dispoz-se a ouvir o sermão,

segura de que o filho não deixaria de deitar palha ao animal.

No sabado de aleluia o scenario mudava por completo e, como houvesse a certeza de que o Christo resuscitára, toda a gente se desembaraçava do fato preto, como d'um luto carregado, ostentando as raparigas as suas mais bonitas «toilettes» claras.

A procissão, no domingo de paschoa, era um cantico d'alegria, sendo visivel a expansão das almas, já desopressas d'aquella torturante anciedade que as prendera, dias sucessivos, ás peripecias d'uma tragicomedia de que ellas só apreendiam o elemento tragico.

Já não é proprio da minha edade, nem se compadece com a minha posição, andar ahi pelas Egrejas, expondo-me a contactos perigosos, embora alçando o espirito aos paramos celestes. Mas Deus sabe com que infinita saudade relembro a *semana santa* dos tempos em que ainda tinha crenças religiosas, fortes e robustas crenças que fui deixando aos bocados pelo caminho da vida, semeado de espinhos e de abrolhos.

Se até já as amendoas me repugnam, menos talvez pela falta de devoção, mas pela falta de assucar por que o abuso chegou ao ponto de as fazerem só de gesso.

A semana santa!

A santa mocidade!

Mentiras convencionaes

Apraz-me acreditar na sinceridade de quantas pessoas se mostraram maguadas com o meu artigo d'outro dia, a proposito da morte de Hintze Ribeiro.

Quem eram essas pessoas?

Eram os seus amigos, eram os seus correligionarios. Essas pessoas choravam quando eu escrevia; e como adregasse chegar-lhes ás mãos o nosso jornal, quando ainda tinham os olhos rasos de lagrimas, sucedeu verem uma afronta onde apenas havia uma opinião.

Fui injusto no que disse de Hintze Ribeiro?

Não acredito na infalibilidade de ninguem, visto como errar é proprio do homem; mas se injustiça houve na apreciação que fiz, ella resultou apenas d'uma insuficiencia intelectual, de que não tenho culpa; foi um erro honesto, de que me penitenciarei quando me provarem que errei. N'um balanço que fiz da vida politica de Hintze Ribeiro, não encontrei saldo a seu favar, e sem dizer uma palavra sobre as qualidades do homem, afirmei que o estadista fôra nefasto.

Mas o que principalmente maguou os amigos e os correligionarios de Hintze Ribeiro não foi tanto a

injustiça da minha opinião, como a impiedade do meu acto. Ha um egoismo dos que sofrem, como ha um egoismo dos que gosam, e não sei eu qual é maior — se o egoismo dos infelizes, se o egoismo dos venturosos. Quando nos acabrunha uma grande dôr, quereriamos que toda a gente d'ella sofresse, porque o sofrimento assim repartido é de menor intensidade.

Esqueceram os amigos e os correligionarios de Hintze Ribeiro que eu não era seu parente, seu amigo ou seu correligionario. Olharam para mim, debulhados em pranto, e como me vissem os olhos enxutos, imaginaram que ria da sua dôr, que escarnecia do seu luto, que não respeitava o seu cadaver. Todos os dias ahi morrem duzias de creaturas, deixando a desolação n'uma familia e a miseria n'um lar. Os amigos e os correligionarios de Hintze Ribeiro interromperam alguma vez as suas alegrias em nome d'esse respeito que se deve ter pelo cadaver? Estou a ouvir a resposta — mas não os insultámos. E' certo que não os insultaram, porque nem os discutiram, e não poderiam discutil-os porque esses pobres diabos não tinham biographia, muitos quasi não tinham nome, eram peças sobreselentes da grande machina social. Partiram-se? Inutilisaram-se? A machina continuou a funcionar sem desarranjo, e na vasta oficina rumorosa quasi ninguem deu pelo incidente banal. Essas creaturas, quando morrem, somem-se inteiramente na cova; se alguem procurar rastos da sua passagem entre o berço e o tumulo, á certa que os não encontra, a não ter-lhes seguido os passos.

Coisa diferente sucede com os homens como Hintze Ribeiro, que desempenharam na vida do seu paiz um grande e ostentoso papel. Das altas ou baixas qualidades do seu espirito, dos bons ou maus dotes do seu caracter, dependem, em certa medida, a sorte

d'um povo inteiro, a vida de muitas gerações, porque o bem ou mal que fizeram não se circunscreve ao minuto da sua existencia; é mais duravel do que ella. Se quando vivos tinhamos o direiro de os criticar, depois de mortos temos o direito de os discutir não o direito de discutir o cadaver, que vae baixar á terra, mas o direito de discutir o nome, que vae entrar na Historia, aureolado de bençãos ou coberto de oprobrios. O cadaver deixa-se ao dolorido amor da familia, á piedosa dedicação dos amigos que irão acompanhal-o á derradeira morada, onde a chimica dos cemiterios, em metamorphoses sucessivas, tirará d'aquella morte elementos de vida nova.

Porque fiz isso, porque exerci um direito que não me póde ser recusado, pratiquei uma acção má?

O respeito pelo cadaver!

Desejaria ter visto quantas mãos se estenderam á desolada viuva, significando-lhe o maior pezar, para me certificar que em muitas d'ellas não havia ainda restos da muita lama que tinham atirado á cara do marido, horas, dias, semanas, mezes ou annos atraz.

Desejaria estar perto d'esse sofá junto do qual, por horas de eterno sofrimento, a viuva de Hintze Ribeiro se deu o tragico prazer de dilacerar o coração, velando o esposo, desejaria estar perto d'ahi para verificar se em muitas d'essas bocas que iam dizer-lhe condolencias, não havia ainda fios d'aquella baba peçonhenta com que tinham envenenado a reputação do companheiro amado.

Ahi está a colecção do nosso jornal. E' pequena, folheia-se depressa. Vejam se ahi encontram uma palavra só que seja com que pretendessemos denegrir a honra de Hintze Ribeiro, o traço d'uma insinuação infamante, a sombra d'uma calumnia que abrisse, que devesse abrir entre nós e elle, por motivos de dignidade ofendida, um abismo insuperavel. Nunca o in-

sultámos, nunca o ofendemos, nunca o calumniámos. A pena com que escrevemos d'elle, quando vivo, é a mesma com que d'elle escrevemos agora, depois de morto, e essa pena não a molhámos hontem em fel, nem a molhamos hoje em lagrimas.

E falam-nos de respeito pelo cadaver!

Mas então a honra d'um homem vivo é coisa de menos valia que a convencional respeitabilidade d'um morto? E' licito apunhalar alguem na rua, comtanto que se vá depois pranteál-o ao cemiterio?

Calumnia-se o vivo, dobra-se o joelho perante o morto, e na calumnia d'hontem, como na homenagem d'hoje, ha a mesma hipocrisia, a mesma falta de sinceridade.

São convenções, bem sei, mas eu convencionei ser assim, e assim serei a despeito de tudo — que me estimem, que me odeiem ou que me ignorem.

No tribunal

— Perdão, sr. juiz; eu não disse que a minha amante se suicidou. Combinaramos suicidar-nos, e como ela não tivesse coragem para se matar...

—

Não quizesse morrer! Mas ela é que me propuzera o suicidio, farta d'uma vida, que era um inferno.

—

— Não, sr. juiz. Eu nunca tratei mal a minha amante, nem ela, coitadita, me dava razões de queixa. Em todos os lares cae, de quando em quando, um aguaceiro..

—

— Perfeitamente. Nunca as nossas altercações, as nossas desavenças, chegaram a ser tempestade. Um barulho grande, como das trovoadas de verão, e logo o arco-iris brilhando no céu desanuviado.

—

— Sim, era um inferno a nossa vida, porque umas vezes a doença, outras vezes a falta de trabalho, nos atirava para a miseria. A morte só causa horror aos que são felizes, e nós eramos imensamente desgraçados.

—

— Sim, sr. juiz; foi ela que me propoz suicidarmo-nos.

—

— E' certo. Mas ela tinha uma grande repugnancia pelo veneno, e eu receava, porque sou bom nadador, que o instincto de conservação, prestes a afogar-me, me fizesse luctar vantajosamente contra a morte.

—

— Olha quem, a minha pobre Joanna! Se ela fôsse capaz de desfechar um revolver, têl-o-ia feito contra si propria, e a estas horas eu não estaria aqui, prestando contas á justiça, como um vulgar criminoso.

—

— Não, sr. juiz; ela ainda viveu uns instantes, e isso impediu que eu me matasse.

—

— Sim; imaginei que ela poderia viver, e no desvairamento da minha dôr, apertando-a muito nos braços, colada a minha boca á sua boca, quasi me esqueci de que tinhamos resolvido ir procurar juntos, no outro mundo, a felicidade que neste jámais tinhamos encontrado.

—

— Na verdade ocorreu-me ir chamar um medico; mas não me atrevia a deixal-a. Perplexo, hesitante, vendo que ela morria, um fio de sangue a escorrer-lhe do ouvido, os labios já sem côr, os olhos de vidro embaciado, tomando resolutamente o revolver...

—

— Não tive medo, sr. juiz; mas quando aplicava a boca da arma sobre o coração, o dedo no gatilho, pronto a desfechar, a minha pobre amiga, como se a vitalisasse uma corrente magnetica, tentando inutil-

mente erguer o corpo, as mãos crispadas, um clarão a iluminar-lhe os olhos, um riso sinistro a descerrar-lhe os labios, na voz entaramelada dos agonisantes, como se me falasse do tumulo, disse-me: — *Vive, para eu ter alguem que me chore...*

—

— E eu então, deitando fóra a arma, crendo no milagre da ressurreição, novamente a aperto nos braços, outra vez colo a minha boca á sua boca, e ali fico, perdida a consciencia de tudo, até que a frieza do cadaver, trespassando-me como a lamina dum punhal, me chama á realidade.

—

— Por certo, confesso que a matei; mas outro nas minhas condições, teria procedido como eu procedi, se lhe quizesse como eu lhe queria, e fosse desgraçado como eu era.

—

— Justificar-nos perante quem? Não figurámos a hipotese de sobreviver um de nós, e se a tivessemos figurado, não seria nas condições em que veiu a realisar-se. Um moribundo não tem que justificar-se, qualquer que seja a acusação que lhe façam — a sua morte justifica o seu acto.

—

— A sociedade! Nunca ela atentara na miseria que nos consumia, para dalgum modo a minorar. Uma carta que deixassemos, a declaração assignada pelos dois, de que a nossa morte fôra voluntaria e combinada, privados de tudo quanto pode tornar a vida, senão feliz, pelo menos toleravel, uma tal carta, uma semelhante declaração, tornada publica pelos jornaes, serviria para comentarios facetos ou para compaixões hipocritas, mas não serviria para mais.

—

— Nem isso, sr. juiz. A carta não seria uma teste-

munha depondo em meu favor, porque a assignatura da minha pobre Joanna todos diriam ter sido o fructo da violencia.

—

— Remorsos não, sr. juiz, porque o remorso supõe o crime intencional, o crime de que se espera tirar algum proveito, no futuro, e eu matei... para morrer.

—

— E' verdade que não morri, mas a vida só a quero para não deixar que murchem, orvalhando-as com as minhas lagrimas, as flôres que mandei plantar na sepultura da minha pobre amiga.

—

— Tudo é indiferente aos cadaverea, bem sei; mas eu acredito na imortalidade da alma, e tenho a certeza de que a minha pobre Joanna, no dia em que fôr juntar-me a ela, não sei onde...

—

— Sim, talvez no inferno, embora eu nunca administrasse a justiça, mas tenho a certeza de que ela agradecerá o meu sacrificio, o heroismo com que lhe sobrevivi, satisfazendo o seu ultimo desejo, expresso já com a morte a entrecortar-lhe a voz.

. . . . . .

—

— A justiça? Não, sr. juiz; quem me condena á pena maxima é o juri, são os homens que a lei constitue arbitros da liberdade, da honra e da vida alheia, sem inquirir primeiro da sua capacidade para o julgamento, e da sua auctoridade para a condenação.

—

— Eu não insulto os senhores jurados. Condenam-me porque esmaguei uma vibora, e eu estou certo de que o mais honesto de todos eles tem a pesar-lhe na consciencia infamias de toda a especie. A

necessidade ainda os não levou ao crime definido e caracterisado na lei, e a justiça, quando os chama aos tribunaes, não é como reus, mas como julgadores. Não lhes quero mal. Aos que forem casados, só desejo que a companheira dos seus dias, como a que me coube em sorte, lhes faça passar metade da vida no inferno, e a outra metade na cadeia.

De regresso

O paquete *Africa*, trazendo a bordo o Principe Real, fundeou hontem á noite, ahi pelas sete horas, na bahia de Cascaes.

Devendo o desembarque de S. A. efectuar-se hoje, no Arsenal, da uma para as duas horas, conforme está determinado, o facto de chegar o *Africa* á bahia de Cascaes com mais de meio dia de antecipação, não se explica bem. Era facilimo regular a marcha do navio por maneira que não chegasse com atrazo nem com avanço, á hora justa, com um rigor de pontualidade que não está muito em nossos habitos, mas que poderia dar-se agora, por excepção digna de registo.

Podia ter-se dado a bordo qualquer acontecimento, que tornasse indispensavel a communicação com a terra, tão depressa ella pudesse efectuar-se. Mas tal acontecimento não se deu, pelo menos não consta, que se tivesse dado. Tudo estava disposto, em terra para que os navios surtos no Tejo, navios portuguezes, é claro, logo de manhã fossem rio abaixo esperar o Principe, fazendo-lhe escolta ou guarda d'honra até ao Arsenal. Isto quer dizer que nenhumas instruções tinham emanado do governo para que o

Africa aqui chegasse com uma antecipação tamanha.

O caso, verdadeiramente, não tem importancia; mas deu nas vistas de muita gente, e suscitou, apenas conhecido, os mais variados commentarios.

Seja como fôr, ahi temos de novo o Principe, provavelmente um pouco torradinho d'aquelle ardente sol africano, com os olhos cheios de luz, com a pele cheia de calor, um colonial ás direitas, pelo menos tão colonial como tantos outros que a si proprios conferem esse qualificativo, e o justificam cabalmente dizendo asneiras de branco, n'uma linguagem de preto.

A alegria infantil que elle deve ter experimentado hontem, quando avistou a terra, confusa nas brumas espessas que a envolviam, mas ainda assim ridente aos seus olhos saudosos!

Criança como é, talvez um pouco sonhador, romantico e phantasista, quando logo subir o Tejo comboiado por todos os navios da nossa esquadra, ha de ter a impressão de regressar d'um paiz de lenda, lá nos confins do mundo, coberta a fronte de loiros immarcessiveis, colhidos em mil combates heroicos. De modo que, desembarcado no Arsenal, tonta a cabeça do fumo das conquistas, orgulhoso o animo das epopeicas descobertas realizadas, nem dará pela falta d'esses conselheiros amuados, que se deixaram ficar em casa, esperando que a sua ausencia fosse sentidamente notada.

O que elle não contará de coisas que por lá viu e por lá fez, as façanhas que realisou, os perigos que correu, os lances arriscados em que caiu, por imprudencia, aventurando-se por aquelles sertões, elle sósinho, sem escolta, com o ministro atraz!

Deve fazer gosto ouvir S. A., pondo nas suas descrições todo o ardor d'uma juventude exuberante,

propenso aos exageros, imaginoso como dizem que é o sr. D. Carlos.

Gostavamos de o ouvir trocar impressões com o sr. Infante D. Affonso, um tendo percorrido a Africa e outro tendo percorrido a India, o sobrinho indo ao continente negro para augmentar o seu cabedal de conhecimentos, e o tio indo a terras gangeticas lavar em sangue de rebeldes um insulto posthumo ás barbas de D. João de Castro.

Grande coisa é nascer principe!

Os filhos dos reis, além de possuirem uma inteligencia superior, muitissimo superior á dos restantes mortaes, nascem logo com uma tal copia de conhecimentos, que dificilmente se encontram na maior parte dos eruditos, tendo consumido annos e annos debruçados sobre os livros, a folhear cartapacios. Se ha uma sabedoria infusa, é a dos principes, visto como elles sabem uma multidão de coisas que não aprenderam, e sabem-nas como aquelles que bem as sabem. Em pequeninos, quando choram, é pelo desespero de não se fazerem entender, que os orgãos da fonação, d'uma categoria inferior, não correspondem n'elles ao desenvolvimento que já tem o cerebro no acto do nascimento.

Se assim não fosse, se os principes tivessem necessidade, como qualquer de nós, de estudar para saber, e de estudar primeiramente um pouco de tudo para depois, feita a educação geral, poderem especialisar-se em qualquer ramo dos conhecimentos humanos, como havia o sr. D. Luiz Filipe, criança de dezenove primaveras, ter-se feito um colonial a valer, como disse em telegrama o sr. Ayres de Ornellas, só por ter ido um dia almoçar a S. Thomé, e no mesmo dia ter ido jantar a Angola, seguindo d'ali, mal comida a sobremeza, para Lourenço Marques, onde já lhe tinham preparado o chá e um leito fôfo de penas?

Iamos apostar que esta noite o principe sonhou com pretos, e que d'aqui a algumas horas, vendo toda a gente a fazer-lhe mesuras, abrirá muito os olhos para se certificar de que já não está em Africa.

O granadeiro

O leitor recorda-se, não é verdade?

Pois se foi ainda hontem!... Morote entrevistava o sr. presidente do conselho, que parecia estar dictando a um reporter... da Historia os sucessos do seu reinado. Fôra ministro de varias pastas quando ainda regenerador. Em 1901 tornou-se dissidente, e ahi começam os horrores da sua peregrinação a caminho do Poder. Contra elle se uniram os dois chefes rotativos, e não obstante ter do seu lado a opinião... do sr. Mello e Souza, viu-se arredado do parlamento, onde lhe competia uma larga representação. Pois não era elle o Verbo da liberdade, boiando por sobre as aguas como outrora a Arca Santa; o espectro da moralidade triumphante pairando por sobre o Terreiro do Paço, como outrora a justiça de Deus por sobre Sodoma e Gomorrha? Posta em execução uma lei eleitoral da sua lavra, que elle fabricára contra os republicanos, sucedeu-lhe não conseguir fazer-se eleger elle proprio, ficando a representação parlamentar do seu partido reduzida ao seu numeroso amigo Mello e Souza, que Hintze Ribeiro teve a condescendencia de deixar eleger por Arganil.

Uma vez, posto fóra do Poder o chefe regenera-

dor, o rei chamou-o á presidencia do conselho. Já se tinha feito a celeberrima *concentração liberal*, sobre as bases de uma reforma de contabilidade, uma reforma eleitoral, e uma lei de responsabilidade dos ministros perante o tribunal... divino.

Os republicanos, como se vissem n'elle o seu inimigo mais terrivel, assobiaram-no na gare do Rocio, antes mesmo de o rei o fazer presidente do conselho, e mais tarde, estando já a governar a Nação com tacto pombalino, pretenderam assassinal-o em Alcantara, apontando-lhe ao peito heroico... uma sardinha crua. Teve a magnanimidade de consentir que, em Lisboa, votassem os eleitores republicanos, e como esses votos assegurassem o triumpho de quatro dos nossos candidatos, com uma isenção de que não ha exemplo, permitiu que elles fossem á camara. Mostrou o maior e mais sincero desejo de governar com o parlamento, mas as oposições, falseando o seu mandato, longe de colaborarem com o governo na grande obra de regeneração nacional, trataram de crear-lhe dificuldades insuperaveis. De tal modo que, sangrando-lhe o coração, viu-se obrigado a fechar as côrtes, cuja prorogação pedira pouco antes. O paiz estava do seu lado; a corôa afirmava-lhe a sua confiança, mas isso não bastava para governar constitucionalmente, dentro da lei, como era seu desejo. Foi então que pediu ao chefe progressista, com quem estava concentrado, um adeantamento de tres ministros. Foi-lhe recusado. Uma unica coisa lhe restava — oferecer ao rei a sua demissão.

S. M. ouviu-lhe as queixas e as razões, n'um grande silencio, seguindo no ar as espiraes de fumo do seu grande charuto aromatico, de fabricação holandeza. E respondeu-lhe com uma anecdota: — Na guerra dos sete annos, Frederico, o grande, via-se em serios embaraços, e no sexto anno, no momento mais grave

da campanha, surpreendeu um granadeiro que se preparava para fugir.

Era na vespera d'uma batalha decisiva.

— O que vaes fazer?

— Senhor, vou desertar, respondeu-lhe o granadeiro.

E o grande Frederico, serenamente, convidou-o a ficar.

— Espera pela batalha d'amanhã; se a sorte nos fôr adversa, desertaremos ambos.

Tal é a anecdota do granadeiro, contada pelo chefe de Estado ao chefe do governo quando este lhe oferecia a demissão do ministerio, para não governar em dictadura.

A guerra dos sete annos, como os nossos leitores muito bem sabem, principiou em 1756 e acabou em 1763 por um tratado de paz, que foi assignado em Paris, nos primeiros dias de janeiro, sendo logo no mez seguinte assignado um outro tratado em Hubertsburg, garantindo ao rei da Prussia a definitiva e indisputada posse da Silesia, renunciando elle, em troca, a quantas conquistas fizera durante os sete annos que havia durado a guerra.

Vê-se que S. M. é lido em anecdotas, e se a contal-as se esquece de ser modesto, dada a boa memoria dos Braganças, é provavel que não deixe de ser exacto. O rei da Prussia tinha contra si os exercitos da Austria, da França e da Russia, e como se isso ainda fosse pouco, contra elle se levantaram os varios principes alemães, ciumentos e medrosos. Meteu-se na contenda a Suecia, a reboque da França, e se o seu exercito não representava uma grande força, era em todo o caso um grande estomago a devorar a Pomerania, inactivo e insaciavel. Para resistir vantajosamente a tantos e tão poderosos inimigos, era preciso ter na cabeça alguma coisa que

não fossem minhocas ou teias d'aranha; era necessario ter a coragem epica d'um Affonso d'Albuquerque e a epica nobreza d'um Nuno Alvares. Imagine-se D. João VI, cingindo a espada do Restaurador, a commandar tropas em Rosbach!...

Se a historia deu ao heroe da guerra dos sete annos o cognome de Grande, não foi talvez por elle atirar bem ao alvo, ou por fumar bons charutos; foi sem duvida por ter afirmado nos campos de batalha, como soldado e como general, que era digno de presidir aos destinos d'um povo que pretendia ser livre, que aspirava a ser grande e contra o qual se fazia uma terrivel coligação. O rei Frederico tinha necessidades de espirito que o levaram a corresponder-se com Voltaire, e é pouco provavel que na correspondencia entre os dois se falasse de toiros ou de javardos, de bailarinas ou de *chanteuses*. Conhecia a antiguidade classica; estudara muito os autores gregos e latinos, e n'esse estudo não enriquecera apenas o seu espirito, lapidara tambem o seu caracter, que não devia ser bom por herança.

Não conheciamos a anecdota do granadeiro, e temos pena de que o rei não tivesse dito ao sr. João Franco, para elle vir dizer cá para fóra, em que momento preciso Frederico dissera a sua phrase. Devia talvez ser na vespera da batalha de Liegnitz, mezes depois da formidavel derrota de Kunersdorf. Foi, em todo o caso, na vespera d'uma victoria alcançada sobre os inimigos da Patria, e não na vespera d'uma dictadura ignominiosa, em que a coisa mais limpa e mais decente que se regista é, na phrase de Morote — *la trampa de los antecipos.*

... A trampa dos adeantamentos vamos...

Comer e philosophar

Sem discutir agora o que ha de verdadeiro ou de falso na theoria do materialismo historico, tal como a formulou o seu auctor, uma coisa se pode afirmar, sem receio de contestação, e vem a ser que os grandes movimentos sociaes, os que mais avultam na historia da Humanidade, como *étapes* luminosas no caminho do progresso indefinido, tiveram como determinante invariavel uma grande idéa ou um grande sentimento, e ao lado d'esse sentimento ou d'essa idéa, como factor subsidiario, uma necessidade ou um apetite material.

A lucta contra a miseria não é simplesmente um problema economico; é tambem, e principalmente, um problema moral. Os enormes estadistas que andam ahi todos os dias, a cada hora, moendo-nos com a preeminencia da economia sobre a politica, dão-nos a impressão, quasi todos elles, de quem bacoreja uma sebenta, cuidadosamente decorada, e entendida á maneira dos papagaios. Adam Smith, antes de publicar o seu famoso trabalho sobre a riqueza das nações, publicou um importantissimo estudo sobre os sentimentos moraes. Aristoteles dedicou, na sua Ethica, um capitulo ás questões economicas, o que bem mos-

tra que para aquelle espirito excepcional, o maior da antiguidade grega, os phenomenos economicos e os phenomenos moraes, longe de se excluirem, uns pelos outros se explicam, porque uns aos outros se prendem.

Dizia Stuart Mill, o philosopho do utilitarismo, individualista até ao ultimo extremo, que mais vale ser um homem descontente que um porco feliz, e o porco só é feliz quando traz a barriga cheia. Os que acima de tudo põem a questão economica, circumscrevendo o seu ambito aos limites da sopa, vaca e arroz, mal compreenderão que não seja feliz, d'uma felicidade quasi paradisiaca, os que tiverem a raçãosinha a horas, bem comidos e bem bebidos, gente para quem este vale de lagrimas é, afinal de contas, uma rica soleira ou uma rica pastagem.

Se ainda vae muito atrazada a nossa evolução social, a nossa evolução zoologica atingiu o seu termo ultimo. Já não é possivel dirigir homens como se dirigem rebanhos, porque a inteligencia venceu definivamente o instincto, a consciencia definiu os seus direitos de forma iniludivel, e reclama-os de forma imperiosa.

Um medico muito illustre, que pelo nome não peca, considerando a extrema difusão do sistema nervoso por todo o organismo, afirmava que só havia... doenças nervosas! São exactamente como este medico os estadistas culinarios, que sem cessar berram contra os que de politica se ocupam, talvez por sugestão dos Evangelhos, que dizem não viver só de pão o homem.

Complexa como é a questão social, não é facil reduzil-a a uma formula simples e resolvel-a como se resolve uma regra de tres directa, fazendo umas pequenas operações arithmeticas. Mas o que se pode, e o que se deve fazer, é não a considerar n'um ponto

de vista unilateral, ou puramente politico, procurando-lhe assim uma solução falsa, por demasiadamente parcial.

O homem tem a necessidade physiologica de trabalhar, porque só trabalhando pode robustecer o seu organismo, tornal-o forte e equilibrado, e porque vive em sociedade, é preciso que o seu trabalho seja socialmente util, que aproveite com elle a communidade. Mas nenhum homem pode ser obrigado a trabalhar para outro homem, o que significa claramente que a todos pertence a riqueza produzida, distribuida conforme as necessidades de cada um, tacitamente admitida a hipotese de produzir cada um conforme a sua capacidade de trabalho.

O phenomeno economico da producção da riqueza não póde resolver-se cabalmente sem que primeiro se resolva o problema moral e politico da egualdade de direitos e deveres a todos reconhecida, como elementos da colectividade. A ninguem póde conceder-se o privilegio d'uma ociosidade farta, simplesmente galante ou opulenta, e a distribuição de funcções, desde que não tenha como base uma especialisação authenticada de capacidades, é um erro economico, e é ao mesmo tempo uma iniquidade.

E como poderá fazer-se uma distribuição equitativa de riqueza, se primeiro não fôr definida a qualidade social de cada homem, reconhecido a todos o direito a quanto lhes fôr preciso, correlativo da obrigação de produzirem quanto estiver no limite das suas faculdades?

O velho aphorismo latino — primeiro viver, e depois philosophar — não póde ser tomado á letra, como um programma a executar. Elle constata um facto, tão banal e comesinho, que dir-se-ia um conceito do nosso amigo Banana. Para philosophar é preciso viver, embora não se saiba, com absoluta certeza, se

tambem os mortos philosopham na sepultura em que apodrecem. Ora a verdade é que ainda se não descobriu maneira de viver sem manducar, o que por fórma alguma significa que o superior destino do homem seja comer, embora muita gente pareça não ter vindo ao mundo para outra coisa, para mais nobre mister. Viver, comendo mais ou comendo menos, com o estomago cheio ou com a barriga a dar horas, não é o problema social do nosso tempo; é o problema zoologico posto desde o primeiro dia da creação, nas recuadas eras de ha milhares d'annos, segundo afirmam os sabios.

A Natureza fez-nos animaes que comem; mas a evolução social fez-nos cidadãos que pensam, e tanto se desenvolveu o nosso cerebro, que já o estimulo maior dos nossos actos, resulta mais directamente da quantidade de idéas que produzimos, que da quantidade de suco gastrico que fabricamos.

Annos reaes

O sr. D. Manuel, rei d'acaso, fez hontem annos.

Está S. M., n'este momento, em Inglaterra, e ali recebeu as felicitações protocolares pelo auspicioso acontecimento. De Portugal lhe foram enviados muitos telegrammas, dando-lhe os parabens, e de Londres deve S. M. ter respondido a esses telegrammas, exprimindo o seu reconhecimento.

No mesmo dia, e á mesma hora, em que nasceu o sr. D. Manuel, nasceram em Portugal muitos outros individuos, Deus sabe quantos d'elles, sob todos os pontos de vista, mais bem dotados que S. M.. Dos outros ninguem sabe o nome, a não serem os parentes e os amigos, e de nenhum d'elles a imprensa fez hontem mensão, a não serem os jornaes de chronica mundana ou galante, em duas linhas de typo meudo, se algum d'elles era da alta.

O que ahi se escreveu, exalçando os talentos e as virtudes do sobrinho do sr. D. Affonso!

Fazer annos não é positivamente uma façanha tão grande como vencer a batalha das Piramides, realisar a unidade da Italia ou chegar, batendo o queixo, até ao polo norte.

Para qualquer individuo fazer annos, é necessario,

e é sufficiente, não morrer nos primeiros vinte e quatro mezes. Pode não fazer muitos; mas fará pelo menos, dois. Tendo a sorte, boa ou má, de ir vivendo, fará annos em dia certo, regularmente, com uma oscilação pendular de 365 dias de amplitude. O pouco que se sabe da psychologia intima dos outros brutos, a despeito do muito que se tem escripto a esse respeito, de forma alguma nos auctorisa a afirmarmos que não tem a noção precisa da sua edade, celebrando, sem manifestações exteriores que nos sejam perceptiveis, os seus diferentes anniversarios. Que elles tambem fazem annos, os que não morrem na mais baixa edade, é ponto sobre o qual não pode haver duas opiniões.

Não é longa, em geral, a vida dos outros animaes, alguns havendo, e são talvez os mais felizes, que morrem ao primeiro espasmo d'amor. E' o caso d'alguns insectos, de que não vale a pena dizer aqui o nome, de resto familiar aos estudantinhos do liceu.

Deve ter havido, na zoologia inferior, um Mathusalem qualquer, e correspondem inteiramente aos nossos patriarchas biblicos, no que respeita á longevidade, aquellas formas colossaes que não chegaram aos nossos dias, como o Atlantosauros, por exemplo, e de que só pelo estudo dos fosseis tomámos conhecimento.

Sem divagações eruditas, que poderiam ser tomadas á conta de pedantismo impertinente, o que podemos afirmar, com inteira segurança, e que não só todos os homens fazem annos, mas egualmente os fazem os animaes a que, sem nenhuma razão aceitavel e concludente, negamos o uso... da razão.

Veiu tudo isto a proposito do que hontem se escreveu nos jornaes monarchicos, formando todos elles um *blóco* de sabeistas, adorando o planeta errante.

Já outro dia um adorador encarecera os raros ta-

lentos musicaes do sr. D. Manuel, a ponto de ser legitimo atribuir-lhe a paternidade de quantas operas se escreveram desde que lhe nasceram todos os dentes, subscrevendo-as com pseudonimos de phantasia, para ocultar a sua modestia.

Vem agora outro, e chama-lhe historiador, assim uma especie de Mommsen em edição brigantina, talvez o continuador da *Historia* de Alexandre Herculano, o glorioso solitario de Valle de Lobos.

As coisas que só agora se sabem a respeito do sr. D. Manuel!

Chamado ao throno menino e moço, logo em seu espirito se acendeu o facho da sciencia, não simplesmente da sciencia politica, mas de toda a sciencia luzitana. Como nas transfigurações do Thabor, o joven rei passou de creança irreflectida a imperante consummado, pesando devidamente as responsabilidades do cargo que era chamado a desempenhar, e mostrando do oficio a que ia entregar-se o mais largo e mais profundo conhecimento.

A pessoas auctorisadas, insuspeitas de Republicanismo, temos ouvido encarecer a insuficiencia intelectual do rei, muito acanhado, quasi timido, interrompendo a cada instante as suas conversas politicas com os ministros ou com os chefes de partido para ir lá dentro levar perguntas e trazer respostas.

Era muito facil, no dia d'hontem, ser amavel para com o monarcha, sem todavia lhe rastejar aos pés, lambendo os degraus do trono, sujando-os com a lingua.

Que demonio!

Estamos no seculo XX; não é licito fallar hoje aos principes como se lhes falava ha trezentos ou quatrocentos annos, quando elles eram os donos dos povos, sendo ao mesmo tempo os ungidos do Senhor. Um cortezão do rei Sol, se ahi aparecesse agora, por um

milagre renovado de ressurreição, havia de ser burlesco até á gargalhada, por mais galante, por muito *raffinè* que fosse o seu cortezanismo para com o sr. D. Manuel, supondo-o rei de França.

Uma das amantes de Luiz XV, a que mais o prendeu nos seus encantos, costumava tratal-o assim, com um desdem que seria de imperatriz, se não fosse de cortezã — *La France, mon café*, e tinha o desvanecimento de se ver obedecida pela *França*, rastejante como um podengo que o dono chama para o castigar.

Simplesmente esses tempos passaram; a epoca actual é d'uma positividade implacavel, exacta como uma taboa de logarithmos, sem a leveza do sonho, sem um perfume de ideal.

Figure-se que o sr. D. Manuel, ligeiramente ferido na tarde de 1 de fevereiro, tinha sido morto como seu pae, como seu irmão, atravessando-lhe o peito uma bala perdida, se é verdade que muitos tiros se fizeram em torno da carruagem real. O sr. D. Affonso teria immediatamente ascendido ao throno, conforme preceitua a Carta.

Alguem põe em duvida que os jornaes teriam escripto a seu respeito, áparte a *radiosa mocidade*, as mesmas lôas que escreveram a respeito do seu sobrinho, e com a mesma sinceridade?

Tem S. A. a reputação de se ageitar mal com a letra redonda, a tal ponto que escreve cebolas com *s* e colarinho com *c* cedilhado.

Pois bem; se o sr. D. Manuel tivesse encontrado a morte onde seu pae e seu irmão perderam a vida, os jornaes monarchicos de todos os matizes, celebrando a sua ascenção ao throno, encareceriam os seus talentos e as suas virtudes, atribuindo-lhe todo o saber de Aristoteles e toda a diplomacia de Metternich.

Pois se elles quasi o fizeram, não passando elle de rei a dias!

Uma aventura

Paiva Couceiro abalou para a Galliza levando comsigo — a sua espada e o seu impedido.

Apenas isto?

Não; abalou levando tambem a segurança de que o governo de Madrid lhe deixaria plena liberdade para organisar a sua tropa fandanga nas proximidades da fronteira, e a promessa de que teria quanto dinheiro lhe fosse necessario para levar a bom termo a sua tresloucada aventura.

Mais nada?

Alguma coisa mais, e de maior valia — a inabalavel fé no triumpho da sua causa, a intima certeza de que restauraria o throno de Affonso Henriques, n'elle repondo essa emurchecida vergontea brigantina, que era D. Manuel II. Pouco intelligente e muito catholico, incapaz de comprehender a significação moral do *5 de outubro*, Paiva Couceiro facilmente acreditou que a Republica sahira d'um acaso, não podendo lançar nunca, e com certeza não tendo lançado ainda, raizes vigorosas e firmes.

D. Pedro IV, manobrando de longe, e só no momento de entrar em lucta vindo para Portugal, conseguira formar um exercito de 7:500 homens, os len-

darios bravos do Mindello, entre os quaes havia estrangeiros. Mais facilmente elle, Paiva Couceiro, poderia organisar uma columna invasora, visto o governo de Madrid lhe consentir que fizesse da Galliza o seu campo de operações. Installar-se-hia o mais perto possivel da fronteira, distante apenas o quanto fosse necessario para lhe ficarem asseguradas as immunidades de exilado, por maneira que os portuguezes descontentes com a Republica, e dispostos a sacrificar a vida pela Monarchia, n'um lance guerreiro, soubessem que não precisavam quasi perder o contacto com a terra patria para entrarem nos seus aquartelamentos.

Outra e bem diferente fôra a sorte d'aquelles dois mil e tantos soldados do exercito liberal que em 28 se internaram na Galliza, porque a esses não recebeu o governo de Madrid com demonstrações de simpathia, ou, sequer ao menos, de piedade, antes lhes fez um acolhimento rude, tão pouco generoso para com a sua desgraça, que dir-se-ia ter a Hespanha recebido d'elles offensas ou agravos. Apenas lhes consentiu que alli se demorassem trinta dias, ao cabo dos quaes deveriam abalar para fóra do territorio hespanhol, não bastando ao governo de Madrid o simples internamento para uma distancia grande da fronteira. Estava-se ainda muito longe d'esse famoso direito internacional que o sr. Canalejas, jurisconsulto de nomeada, arranjou para seu uso, e graças ao qual Paiva Couceiro organisou comodamente a sua columna expedicionaria, e por duas vezes, á frente d'ella, entrou em Portugal.

Não; o governo de Madrid, ha 80 annos, não consentiu que na Galliza o exercito liberal se demorasse mais do que o tempo bastante para arranjar navios, e fazer-se ao mar com rumo á Inglaterra. Esses malaventurados, tendo perdido tudo, excepto a fé no

triumpho da sua causa, foram mais tarde expulsos da Inglaterra, como o tinham sido da Hespanha, vindo formar na Terceira o chamado exercito libertador.

Paiva Couceiro, conhecendo mal a historia, e ainda peor conhecendo os factos d'hoje, sonhou com um exercito assim, talvez maior, com certeza mais aguerrido, porque seria feito dos regimentos que iriam desertar apenas elle soltasse da Galliza o seu rugido de exterminio.

Grande e dolorosa deve ter sido a sua surpreza quando, volvidas as semanas, passados alguns mezes, constatou que em torno de si não tinha mais do que umas centenas d'homens, antigos policias uns, soldados reservistas outros, e o maior numero formado de lapuzes, pobre gente do campo que para alli foi engodada com promessas.

O sr. Canalejas não se limitou a dar-lhes guarida, movido d'um sentimento de piedade; deixou que á clara luz do sol fizessem a sua instrucção, os seus exercicios, e que os seus equipamentos fossem alli feitos, com a franqueza, a que mais propriamente se póde chamar descaramento, com que se trabalharia para encommendas do Estado. Fabricas de Hespanha forneceram a Paiva Couceiro armas e munições, e se não está averiguado que o fizessem por ordem do sr. Canalejas, é seguro que nenhum procedimento official se adoptou para evitar esse inqualificavel contrabando.

Paiva Couceiro bem via que lhe não chegavam lá troços de regimentos, como elle esperara, hoje uma companhia, ámanhã um pelotão, e devia saber, por informações directas, que a disciplina nos quarteis melhorava de dia para dia, a tal ponto que a breve espaço ella readquirira a sua normalidade. Se considerarmos que a revolução quasi se fizera sem officiaes pasmaremos de que na familia militar, tanto no exer-

cito como na Armada, os factos de indisciplina não fossem numerosos e graves, ao menos nos primeiros mezes a seguir ao *5 d'outubro.*

Os cumplices que tinha aqui, em Portugal, e que eram os seus melhores informadores, com certeza se fartaram de lhe mentir, em parte sem consciencia de que o faziam, apreciando mal os acontecimentos, e d'elles tirando argumentos contra a utilidade da Republica, em parte conscientemente no proposito de lhe fortalecerem a fé, sujeita naturalmente a crises de desespero. — Tudo ia pelo melhor, no que lhe respeitava, na peor das republicas. O Paiz, transcorrido o periodo revolucionario, mostrava-se desapegado do Regimen, já sem illusões quanto ás suas virtudes milagreiras.

Acreditara, nos primeiros momentos, que tudo iria mudar para melhor, mas reconhecia já, ao cabo de curta experiencia, que a sorte dos povos não depende strictamente das fórmas de governo. O clero, todo elle, está contra a Republica, succedendo o mesmo com a magistratura, e d'isso havia provas manifestas. Nos tribunaes faziam-se comicios, sem que os juizes, ao menos por pudor, tentassem impôr a respeitabilidade do logar. Os réus accusados de conspiração eram absolvidos quasi systematicamente, e já toda a gente ria da justiça republicana, cuja vara parecia um vime, vergando sempre em favor dos thalassas. Com a marinha não poderia contar-se muito, mas o exercito não era republicano, e provava-o exhuberantemente o receio que sempre manifestaram os governos da Republica de pôrem a tropa á prova. O operariado republicano do tempo da monarchia, soffreu uma desilusão terrivel, pois não só a Republica lhe não deu ainda o que lhe promettera, mas em mais d'uma occasião o tem tratado como inimigo, attribuindo-lhe mesmo cumplicidade em manejos de

reacção. E para que tudo conspirasse em favor d'uma restauração, o Parlamento havia disposto contra si a opinião publica, incompetente e fallador, nada fazendo que o deshonrasse, mas nada promovendo tambem em beneficio do Paiz.

Estas informações eram mandadas d'aqui para a Galliza, e Couceiro acceitava-as sem discutir, crendo firmemente que assim era — porque muito desejava que assim fosse.

O que poderia tornar duvidoso o seu triumpho?

A reacção ultramontana

D'aqui por algumas horas, em Vizeu, serão julgados em processo correcional dois cidadãos acusados do crime de ofensas á religião do Estado.

Diz a Carta, ainda não revogada, que ninguem pode ser perseguido por motivos de religião; mas a Carta é um velho papel nauseabundo, e já o era antes do caceteiro D. Miguel entrar a barra, e ter-se limpado a elle:

O rei chegou, o rei chegou,
Em Belem desembarcou
E ao *papel* .....

Pois como ninguem pode ser perseguido por motivos de religião, d'aqui por alguma horas, em Vizeu, dois cidadãos, nossos correligionarios, responderão em processo correccional, acusados de injuriarem a religião do reino em dogmas relativos ao Sacramento da Penitencia, e tentarem propagar doutrina contraria aos mesmos dogmas.

Ha n'aquela cidade um *grupo do livre pensamento*, e como outro dia fizesse distribuir uma folha solta, negando a origem divina da confissão, e ao mesmo tempo fazendo ver os abusos de toda a ordem que

semelhante pratica torna possiveis, uma junta de padres foi ao tribunal fazer a denuncia do crime — como um guarda fiscal faria uma denuncia de contrabando, interessado na apreensão, até uns tantos por cento do seu valor.

Qual será o resultado do julgamento?

Que os reus sejam condemnados, que sejam absolvidos, o facto interessa-nos mediocremente n'este momento, e pouco valor tem para a critica do movimento reaccionario que se opera em Vizeu, organisado provavelmente no Paço do Bispo, que depois da morte de Alves Martins se tornou em fóco de reacção.

Ha uns quinze annos, aproximadamente, estava eu em Vizeu, e redigia um jornal com este titulo — *O Intransigente*. Mandára-me para ali, de castigo, o individuo que era então ministro da guerra, um tal Pimentel Pinto, se a memoria me não falha. Creára n'esse jornal uma secção permanente — *A reacção* — em que fazia a critica da philosophia e da moral religiosa na mais completa liberdade, sem o convencional respeito pelas mentiras consagradas. Era então bispo n'aquela diocese um insignificante jesuita, pobre de inteligencia, pobre de instrução, bastante estupido para acreditar quanto havia aprendido no seminario, e o mais que de sua conta forrageára em tratados de mystificação theologica.

Porque discutia principios e não atacava pessoas, fizera-se em torno do jornal uma atmosphera de simpathia e respeito que era como uma peia de ferro a tolher as furias da reacção.

Um dia, porém, quando menos o esperava, cae-me em cima um processo, acusado de ofensas á religião do Estado e tentativa de fazer proselytos para uma religião diferente. Pela segunda vez era processado por motivos religiosos, e sabe Deus a saudade com

que recordei o primeiro processo, andava ainda na instrução primaria, d'onde bom fôra que não tivesse passado — diga-se aqui baixinho, n'um sufocado desabafo que só podem compreender os nossos irmãos em tortura jornalistica. Era velho costume da nossa terra, velho de tempos immemoraveis, atirar amendoas aos rapazes, na egreja, pela semana santa, ao romper a alleluia. Sucedeu que n'aquelle anno algumas amendoas foram bater na cabeça do padre, e jurou o sacristão que precisamente duas ou tres que nós atiráramos tinham acertado na *mouche*, isto é, na corôa. Formulou o padre a sua queixa em juizo, e lá fomos nós metidos entre as folhas do processo, irresponsaveis pela idade, de modo que o juiz se limitou a repreender-me, pondo na repreensão que me deu pouca severidade e muito carinho.

Pois como vinha dizendo, caiu-me em cima um processo, por ofensas á religião, estando em Vizeu a cumprir o castigo de um anno de inactividade que me impuzera o ministro da guerra, ainda hoje não sei bem porquê.

Foi ha quatorze annos.

Como agora, foram os dois parochos da cidade os autores da denuncia ao Ministerio Publico, alegando que eu sustentava e defendia doutrinas contrarias aos dogmas catholicos, definidos pela Egreja, e pretendia fazer proselytos ou conversões para religião diferente da Catholica Apostolica Romana.

Mal tive conhecimento do processo que me movia a clericalha, não porque ofendesse as suas crenças, mas porque ameaçava o seu negocio, logo fiz circular um suplemento ao *Intransigente*, verberando a manobra reaccionaria, que se forjára no Paço do Bispo, em concilio de jesuitas de batina e jesuitas de casaca.

O escandalo foi enorme, e tão mal recebida foi a

noticia do processo, que um abaixo assignado que andava á recolha de assignaturas, de casa em casa, para ser depois entregue ao Bispo, protestando-lhe o respeito, a estima e admiração dos seus diocesanos, houve de ser retirado, por ninguem mais querer assignal-o.

Deu-se o caso de no theatro *Gremio* haver então uma recita de curiosos, e aparecer ali, muito propositadamente, o dr. Henriques da Silva, filho de Vizeu e lente da Universidade, a recitar *O Jesuita*.

A cada afirmação mais alta de livre pensamento; a cada escalpelisação mais funda do miseravel sotaina, da assembléa irrompiam bravos quentes como o fogo em que ardem as almas rectilineas quando pretendem macula-las os sectarios de Loyola. Essa manifestação grandiosa, que me arrancou lagrimas, fôra simplesmente a synthese de todas as murmurações, de todos os protestos, de todas as apostrophes que a infamia da querella tinha acordado na cidade.

Viu o bispo que lhe faltava o terreno debaixo dos pés, e tendo recebido o processo, nos termos da portaria de 21 de março de 1853, para indicar a materia querellavel dos nossos artigos incriminados, fechou-o n'uma gaveta, e mandou-me dizer pelo governador civil que a chave d'essa gaveta a atirára para a cisterna.

Foi ha quatorze annos.

Ainda então era da tropa, o que muito agravava o meu *crime* de irreligião, sujeito ao fôro militar. A despeito d'isso, a manobra reaccionaria não vingou, o processo não teve seguimento, dormindo ainda hoje, — quem sabe? — na gaveta em que o fechou a covardia d'um bispo, que não sei se é vivo ou morto. Na cidade havia ainda restos d'uma tradição liberal, e não se apagára da memoria de ninguem o nome de Alves Martins, modesto sem afectação, religioso sem

hypocrisia, sinceramente amigo da liberdade. Por isso a reacção fazendo mostra, contra nós, dos seus instinctos ferinos, foi obrigada a encolher as garras.

Foi ha quatorze annos.

O nosso processo continua fechado n'uma gaveta, e um processo egual vae ser julgado ali, dentro d'algumas horas, afirmando-se assim, praticamente, que ninguem pode ser perseguido por motivos de religião... desde que siga, com sinceridade ou com hypocrisia, a religião do Estado.

Como tem ganho terreno a reacção na terra de D. Duarte!

José Luciano

Ao cabo d'uns poucos d'anos de sofrimento, na sua casa da Anadia, rodeado da familia e d'alguns amigos, faleceu hontem o sr. José Luciano de Castro — o José Luciano, como toda a gente lhe chamava. A noticia da sua morte não deve ter surpreendido ninguem, porque desde ha uma semana ela era esperada a toda a hora, telegramas da Anadia tendo informado que o illustre enfermo se achava positivamente ás portas da morte. Privilegiada organisação era a daquêle homem forte, em lucta com uma terrivel enfermidade que não poupa as suas victimas, e geralmente as prostra em curto espaço, triunfando da mocidade mais vigorosa e da terapeutica mais sábia e inteligente.

Foi o sr. José Luciano de Castro uma das mais altas individualidades da politica portuguesa, um dos nossos estadistas de mais larga e acidentada carreira. Elegeram-n'o deputado ainda criança, aos vinte anos incompletos, e desde então conservou-se sempre na vida activa, profissional da politica que nela se absorve por inteiro, e só dentro dela sabe e quer exercer a sua maxima actividade. Pessoas com auctoridade na materia afirmam que o sr. José Luciano, se o não hou-

vesse empolgado a politica, teria sido um grande jurisconsulto, e os seus trabalhos scientificos, publicados em revistas da especialidade, atestam não apenas uma superior ilustração na sciencia juridica, mas um criterio d'homem de leis absolutamente invulgar. Colaborou abundantemente em jornaes, mas a esses trabalhos não ligava o seu nome, sendo por isso dificil atribuir-lhe uma obra jornalistica que á sua memoria desse qualquer especie de realce. Por certo inspirou muitas grosas de artigos de jornaes, artigos mais de polemica que de doutrinação, e só os que intimamente o conheciam, aquêles para quem o seu feitio de espirito não tinha aspectos ignorados, e a sua maneira de dizer não tinha facetas inéditas, só esses poderiam hoje apontar nos jornaes em que colaborou o que directamente lhe saíu da pena.

Foi o ultimo chefe do partido progressista, e exerceu essa chefatura durante mais de vinte anos. Com ele estiveram os homens de mais valor desse partido, como Mariano de Carvalho e Emidio Navarro, este ultimo sem contestação possivel o mais potente jornalista de combate, de ha cincoenta anos para cá. Ambos se afastaram do chefe nos ultimos tempos, e esse afastamento marcou o inicio de uma fase de lenta decomposição em que o partido entrou, e que veiu a ter o seu episodio mais grave na dissidencia provocada pelo sr. José de Alpoim.

A todos os grandes factos da vida portugueza, de ha perto de meio seculo a esta parte, anda mais ou menos ligada a responsabilidade do sr. José Luciano de Castro, sobretudo depois que a morte de Anselmo Braamcamp o colocou na chefia do partido. Contra ele se moveu, n'essa ocasião, uma formidavel intriga, no sentido de o não deixarem subir a essas eminencias, não obstante reconhecerem todos que para chefe não lhe faltava a competencia, sobrando-lhe a habi-

lidade. Fontes exercera indisputadamente a chefia do partido regenerador, e o facto de lh'a não disputarem, é a prova segura de que ele pairava acima de todos os outros, valia mais do que eles, senão pelo grau da sua inteligencia ou pela extensão do seu saber, ao menos por um conjuncto de qualidades medias, que muito bem se equilibravam. Um partido é um exercito em operações, que ora guerreia para conquistar o Poder, ora lucta para organisar a victoria. Os chefes de partido deveriam ser aclamados e não eleitos, como os chefes guerreiros nos longinquos tempos heroicos. Uma eleição é, geralmente, uma escolha entre mediocridades que mais ou menos se equivalem.

Fontes não possuia uma intelligencia mais vigorosa, nem tinha uma ilustração mais completa que a do sr. José Luciano de Castro, mais ilustrado do que ele; mas foi um chefe de mais acatada auctoridade, de mais intangivel respeito e prestigio, quasi divinisado pelos seus correligionarios, que precisavam erguer muito a cabeça para o verem. N'estes ultimos anos a chefia do sr. José Luciano era mais ficticia do que real, era quasi tão sómente nominativa, e pouco faltou para que uma noite, em sua casa, numa reunião politica, o não sujeitassem a uma verdadeira tutela.

Colaboradores teve que muito o comprometeram, e ele proprio se comprometeu gravemente na administração do *Credito Predial*. Essa desgraçada questão foi dos mais valiosos argumentos contra a monarquia, foi talvez o ariete que mais estragos fez no Regimen, batendo-o de mil maneiras, sob a forma de inflamados discursos no Parlamento, e sob a forma de artigos demolidores nos jornaes. Nada se apurou contra a honorabilidade pessoal do sr. Luciano de Castro; mas por isso a questão foi grave para o Re-

gimen, para cima do qual se lançaram todas as responsabilidades que poderiam caber aos homens.

Foi contra o partido progressista que o franquismo principalmente assestou as suas baterias, e foi da imprensa franquista que partiram os mais duros golpes contra o estadista que hoje se enterra na Anadia. Recordo-me dum artigo de Navarro, publicado nas *Novidades*, e intitulado assim — *No regresso*. Como escrito de ataque a um homem publico é das coisas mais violentas que conheço, sem descambar á grosseria. Como peça literaria esse artigo é dos melhores trechos que Navarro escreveu, e a sua prosa tinha um raro sabor literario, que ele não sacrificava inteiramente á paixoneca politica.

Pois esse famoso artigo de Emidio Navarro, escrito com uma paixão quasi a raiar pelo odio, dá a impressão dum idilio comparado a tantos que na imprensa franquista se escreveram contra o mesmo homem ilustre. Não obstante, o sr. João Franco foi levado á presidencia do ministerio pelo sr. José Luciano, que certamente ao ler o respectivo decreto de nomeação no «Diario do Governo», teve o seu mais ironico e mais flagelante sorriso.

Nunca ouvi falar o sr. José Luciano, mas tenho lido muitos dos seus discursos. Era um orador de palavra facil e correcta, mais sobrio do que abundante, mais logico do que florido. Tinha a ironia facil e delicada, sem deixar de ter veemencia e rudeza no ataque, quando isso era preciso.

A Republica veiu apanhal-o já incapaz de qualquer acção politica, desorganisado o seu partido, o vasio a fazer-se em torno da sua pessoa, e só a dedicação de amigos pessoaes alimentando-lhe a ilusão de que ainda era alguma coisa mais do que uma tradição e uma reliquia. Poderia, ainda assim, hostilisar o novo regimen, que não foi generoso para com ele

nas suas horas de triunfo; mas não o fez, não sei que o tenha feito, e esse procedimento correcto, afirmação de patriotismo, impõe-me o dever de respeitosamente me descobrir á passagem do seu enterro, com a sinceridade de quem já sabe em que especie de moeda se paga a dedicação e os sacrificios dum homem publico.

Semana Santa

Porque ha de ser vergonha dizel-o, se não é crime sentil-o?

N'esta quadra de luto convencional, d'uma tristeza que vem marcada no calendario, como a chuva e o bom tempo, abala-me o espirito para longe, para muito longe, transpondo d'um salto a distancia que separa, no caminho da vida, um entardecer d'outono d'um alvorecer d'abril.

As Endoenças da minha terra!

Tinham fama... em toda a redondeza do concelho, e pessoas que nunca as tinham visto noutra parte, com grande sinceridade, num tom de bem arreigada convicção, afirmavam que nem mesmo as de Sevilha as egualavam em pompas e grandezas.

Vinham padres daqui e dalém, muitos padres, o de Messejana, o de Ervidel, o de Montes Velhos, e os prégadores eram sempre de nomeada, que a Irmandade, para dar brilho ás festas, não se esquivava a despezas.

Enchia-se o vasto templo logo na *quinta-feira;* mas era a cerimonia do enterro que determinava a concorrencia maxima, tão grande que um alfinete, despregando-se, não cairia no chão.

O cheiro do rosmaninho, diluindo-se na atmosfera, dava-lhe uma tonalidade aromatica vagamente capitosa, que em certo modo neutralisava o efeito depressivo de todo aquele scenario, adrede preparado, no seu conjuncto, para as evocações dolorosas.

As janelas fechadas; uma profusão de luzes que escassamente alumiavam o templo; cortinas pretas escondendo todos os nichos e altares; o incenso, ardendo no turibulo, a espalhar-se em nuvens sem consistencia, lentas na sua ascensão — como a prece do que vae morrer, já enregelados os labios; em todas as pessoas o ar recolhido de quem medita, a melancolica serenidade dos que se ajuntam para sofrerem em comum...

Estou a vêr os *Apostolos* na cerimonia do lava-pés, as pessoas gradas da terra — o sr. Antonio Severino, o sr. Paula, o sr. Romão da Boa-Vista, nenhum dos quaes lera sequer ao menos uma pagina da *Biblia*, um periodo do *Novo Testamento*, a mais elementar passagem da historia sagrada, causando por isso a admiração de todos a maneira como representavam o seu papel, tão bem que dir-se-hia terem andado com o Divino Mestre pelas terras da Galiléa, lavando-lhes ele os pés, uma noite, acabada a ceia, já na alma de Iscariotes se enraizara a traição, e porventura na de S. Pedro surgira o proposito de o renegar.

O *enterro do Senhor* era a scena de mais intensidade dramatica em toda aquela representação, e nos meus ouvidos ha ainda gritos de mulheres caindo em deliquio ao reboar na vastidão do templo, convertido em *camara ardente*, o baque do pedregulho tapando a boca do sepulcro. Fecho os olhos para intensificar a evocação, num pequenino esforço de memoria, e vejo no pulpito o prégador dizendo palavras tragicas e fazendo gestos apocaliticos, tão depressa incendido

em coleras como dulcificado em ternuras, increpando as mulheres porque não choram, e logo chorando com elas, sem lagrimas nos olhos, mas com soluços na voz, a mão esquerda apontando a Virgem na desolação da sua dôr incomportavel, e a mão direita suspendendo o sudario, onde goteja sangue o corpo de Jesus.

Vai percorrendo as ruas a longa procissão, e os berros da matraca, no silencio da noite, tem o quer que seja de tragico, uma voz roufenha e seca que ao longo d'um cortejo funebre soltasse risadas de escarneo e de ameaça. Todos ajoelham á passagem dos andores, cada qual tendo por este ou aquele santinho uma devoção particular. A minha, naturalmente, era pela Senhora de Castelo, não porque a julgasse de mais valimento que as outras, mas porque ela fôra a minha madrinha de batismo, e eu fôra educado no respeito pelos padrinhos, como se fossem segundos paes. O *Centurião*, de grandes barbas de estopa, confrangia a minha alma de criança, um malvado que se não apiedára ao ver os sofrimentos do crucificado, e só depois que a terra estremeceu e se rasgaram os céus, no derradeiro estertor, reconheceu que ele era o *Justo*.

Mas eis que rompia a *alleluia;* abriam-se as janelas do templo; retiravam-se as cortinas que cobriam os nichos e os altares; apareciam os santinhos no esplendor da ressurreição; os sinos repicavam, enchendo o ar de vibrações metalicas, sem rithmo nem cadencia, em tropel, e parecia, comtudo, á minha fé ingenua, que eram canticos de alegria, vozes de saudação que a terra mandava ao céo, redimidas as almas como na historia biblica.

O Sabado de Alleluia!

Mas foi justamente n'um sabado de Alleluia — ha quantos anos! — que eu forneci ao prior da minha

freguezia — Deus lhe fale n'alma — o pretexto para me levar ao banco dos reus, acusado de menos respeito pela Igreja.

Estava na tradição e nos costumes, e bem o sabia o sr. padre, logo que rompia a alleluia, romper do côro uma especie de batalha de amendoas, atiradas pela Igreja fóra, empurrando-se a garotada a ver qual apanhava mais, o que dava origem a uma balburdia de mil demonios, na verdade pouco edificante na Casa do Senhor. E porque me encontrei, por acaso, entre os que atiravam amendoas, e porque o sacrista — Deus lhe tenha perdoado! — jurou que eu atirára a que bateu mesmo na corôa do sr. padre, fazendo-lhe um pequenino galaropo, vá de me incluir no rol dos criminosos, tendo o juiz que mandar-me embora, sem condenação, por ser muito novo ainda.

A despeito de tudo, quando chega a semana santa o espirito foge-me para muito longe, transpondo d'um salto a distancia de muitos anos, e é-me grato evocar a representação d'uma tragedia que tanto me comoveu, viva e inconsciente como era a minha fé, pequenina chapa photographica onde o santo amor de mãe fôra vincando impressões, que hoje subsistem apenas como forma de respeito por quantos honestamente crêem, e não afixam as suas crenças como os reclames de teatro.

O acto de Badajoz

A brutalidade do *ultimatum*, em 1890, convertera em odio a natural antipatia dos portuguezes pela Inglaterra, nossa aliada de ha muito tempo. Porque não pudemos desabafar n'um protesto heroico, lavando a afronta em sangue generoso, recalcámos a nossa dôr no fundo do coração, e debruçados, n'uma hora triste de recolhimento, sobre o abysmo que nos ficára separando da Grã-Bretanha, achámol-o incommensuravel.

Viveriamos, então, sós no mundo, amarrados a um throno sem prestigio, sob a tutella ou protecção d'um paiz rapace ?

A Allemanha, lá muito ao norte, povo d'uma outra raça, sem interesses afins dos nossos, sonhando um imperio colonial, a Allemanha, mesmo sem a oposição da Inglaterra, não poderia ser nossa aliada. A França era ainda uma republica demasiadamente burgueza, um bocadinho hesitante, tão pouco firme e mal alicerçada que se cria possivel uma restauração, a menos que um general ousado não se lembrasse de inaugurar uma dynastia nova. A Italia ainda hoje é apenas uma componente de valor no concerto geral das potencias, e se ámanhã conseguisse desengan-

char-se da *triplice*, como é seu desejo e vontade, logo se juntaria á Inglaterra e á França, porque precisa da força alheia quem não dispõe de força propria. Para além dos mares, recluida na sua formula patriotica — a America para os americanos — a grande republica dos Estados Unidos, ao tempo ainda sem ambições de conquista, unicamente dada ás luctas do trabalho, sem tradições e sem espirito guerreiro, a grande republica norte-americana não podia ser a aliada que desejavamos, o braço forte com que contassemos n'um momento dificil e perigoso.

E a Hespanha?

Os dois povos da Peninsula, se conseguissem entender-se como bons visinhos, dadas as suas condições especiaes de situação na Europa, e o privilegio da sua distribuição geographica, em colonias, pelo mundo, os dois povos da Peninsula, se conseguissem entender-se, podiam constituir uma força enorme, com a qual as grandes potencias europeas teriam necessidade de contar nos seus planos e machinações. Ora a monarchia portugueza e a monarchia hespanhola nunca poderiam entender-se, a não ser para garantirem interesses dynasttcos, contrarios, por via de regra, aos interesses nacionaes.

Que a Hespanha se libertasse dos seus Bourbons, que Portugal se desembaraçasse dos seus Braganças, e então as duas nacionalidades, em posse dos seus destinos, procurariam a formula d'uma aliança que para nenhuma fosse a sujeição — uma verdadeira aliança, com perfeita reciprocidade de direitos e deveres, tendo como base indispensavel a integridade, a separação e independencia das duas Nações, quanto ao territorio, população e Estado, como escreveu o dr. Emygdio Garcia.

A monarchia hespanhola seria sempre um foco de intriga contra a republica portugueza, da mesma for-

ma que a monarchia portugueza intrigaria sempre a republica visinha. As idéas politicas têm um grande poder de contagio, contra o qual não ha lazaretos possiveis. A França contagiou o mundo, no seculo XVIII, e isso fez com que se erguessem contra ella as velhas monarchias seculares, perturbadas na sua tranquilidade e ameaçadas na sua existencia.

Conviria, pois, que a republica se fizesse ao mesmo tempo em Hespanha e em Portugal, que desabassem ao mesmo tempo os dois thronos, o mesmo sol de liberdade alumiando, na mesma hora, os dois povos redimidos. Assim tornava-se impossivel uma intervenção dos nossos visinhos na politica da nossa casa, como impossivel seria uma intervenção nossa em casa dos nossos visinhos.

Pensou-se, então, em ajuntar, n'uma festa intima, alguns dos politicos portuguezes e hespanhoes mais em evidencia, os que naturalmente estavam indicados, pela afirmação já feita dos seus talentos, para serem os primeiros servidores da republica, n'um e noutro paiz. Reunindo-se, conversando, trocando impressões, era bem provavel que se desfizessem algumas duvidas, que se ractificassem muitos erros, que se apagassem alguns equivocos.

Tal foi, em nosso entender, o pensamento generoso que levou os nossos correligionorios á festa de Badajoz, ha perto de quatorze annos. Estão ainda vivos, felizmente, quasi todos os que lá foram ; elles que digam até que ponto andamos longe da verdade no que deixamos escripto.

E pelo que diz respeito aos hespanhoes ?

D. Manuel Zorrilla não assistiu á festa, como não assistiu Salmeron, como não assistiu Pi. Ao tempo o partido republicano hespanhol ainda não tinha a unidade ficticia que tem hoje, e a direcção espiritual da grande familia democratica andava repartida pelos

tres homens eminentes que vimos de citar, — o primeiro, revolucionario impenitente que tudo sacrificou á sua generosa obsessão ; o segundo, philosopho calmo e reflectido, d'uma grande bondade, fugindo da *ágora* para o *forum*, e preferindo a tudo o remanso do seu gabinete, meditando sem paixão, erguendo o espirito muito acima do vozear da turba, que não pode acompanhal-o na sua ascenção bemdita ; o terceiro, o maior dos tres para o nosso respeito e para a nossa estima, caracter monolitico que tinha a rigesa do bronze e a transparencia do cristal. Nenhum dos tres chefes assistiu á festa de Badajoz, e convem acentuar esta circumstancia, por motivos obvios, que não vale a pena expôr agora.

Em 1893 ainda a Hespanha era um grande paiz colonial, mas já os espiritos mais avizados se apercebiam do perigo que a ameaçava. A monarchia, inepta e corrupta, não saberia prevenil-o, sendo muito para recear que o tornasse inevitavel. Urgia, pois, fazer a republica, e fazel-a sem delongas, sobretudo fazel-a com segurança, com tão absoluta segurança, que a hypothese d'uma restauração nem sequer entrasse no dominio das possibilidades.

Mas que especie de republica conviria implantar em Hespanha ?

O sr. Salmeron quereria uma republica unitaria, largamente descentralisadora, mas sem quebrar a unidade nacional estabelecida desde seculos, a golpes d'uma espada gloriosa. O sr. Pi, federalista *ab ovo*, quereria uma republica federal, reconstituindo-se todos os velhos Estados da Peninsula e dando-se a cada um a autonomia mais perfeita e completa. A não lhe darem uma republica assim, vasada n'estes moldes, preferia então que se deixasse estar o throno, não valendo a pena arredal-o. O sr. Zorrilla, conspirador d'oficio, queria antes de mais nada a repu-

blica, fosse como fosse — unitaria ou federalista — considerando, na sua furia de jacobino, que a peor de todas as republicas é ainda assim preferivel á melhor de todas as monarchias.

Nenhum dos tres chefes, como já dissemos, assistiu á festa de Badajoz; mas assistiram varios dos seus amigos, muitos dos seus correligionarios. alguns dos seus cabos d'ordens, todos elles levando para ali a divergencia das suas opiniões, o exclusivismo dos seus pontos de vista politico-sociaes.

E assim se explica maravilhosamente que o dr. Emygdio Garcia não conseguisse tornar conhecidas dos seus compatriotas e de *nuestros hermanos* as bases que elle redigira com tanto cuidado e devoção — como se estivesse a colocar as primeiras pedras nos caboucos da grande republica hispano-lusa, garantindo a integridade, a separação e independencia das duas Nações,

O crime

Não sei, dizia Theophile Gautier, como é a alma d'um criminoso; a alma d'um homem honesto sei eu que é uma coisa horrenda.

O ilustre escriptor não era um psychologo tão subtil que a alma humana se lhe mostrasse em toda a verdade, na plena evidencia das suas virtudes e vicios. Nem por isso a phrase deixa de ser conceituosa, e a sua exageração propositada, amplificando-a sem a deformar, serve apenas a tornal-a mais impressionante, mais capaz de ferir o espirito.

Os maiores santos tiveram seus momentos de tentação, de perplexidade, de duvida, e na alma dos grandes scelerados, em horas de repouso calmo, quando os instinctos se aquietam como n'uma embriaguez de morphina, lá surge o clarão d'uma ideia generosa, a fulgencia d'um sentimento nobre como se n'um pantano desabrochasse uma planta rara, sem condições para viver ali. Sem duvida tem havido sempre, e ha ainda hoje, pessoas d'uma honestidade intransigente, creaturas que nada é capaz de afastar do que julgam ser o caminho do dever — mais ainda do dever moral que do dever juridico.

E' o caso do pobre diabo que se mata, para não

morrer de fome, podendo tentar o roubo, que na peor das hypotheses leva á cadeia ou leva ao hospital, isto é, dá o pão e dá o abrigo. E' ainda o caso da mulher que arrasta o corpo por todos os circulos d'um inferno de trabalho quasi gratuito, quando lhe seria facil tirar da prostituição mais do que o necessario e o simplesmente superfluo — todos os requintes do luxo. Simplesmente as excepções confirmam a regra, e se é certo que o leitor respeitaria, em todas as circumstancias, a vida do Mandarim, encafuado com os seus milhões lá para o interior da China, não é menos certo que o seu procedimento seria um caso raro, se a phantasia de Rousseau não fôsse apenas... uma phantasia.

Mas o que vem a ser um homem não criminoso ?

A resposta é facil, se nos colocarmos no ponto de vista juridico, visto como a honestidade de qualquer está definida nos archivos dos tribunaes, e nos cadastros da policia.

Não é criminoso todo aquelle que tem vivido dentro das leis e regulamentos que asseguram a ordem social, como a entendem as classes privilegiadas, isto é, as que fazem as leis e os regulamentos *ad usum Delphini*.

Esta honestidade legal, facil para o maior numero, corresponde, de certo modo, aos sentimentos medios de probidade e piedade cuja ofensa, segundo Garofalo, constitue o crime. O que souber regular a sua conducta por maneira que nem a policia o incommode nem o incomode a justiça, esse tal será um individuo juridicamente honesto, de uma honestidade em papel selado, authenticada e garantida pelos poderes publicos.

Milhares de verdadeiros criminosos vivem ao abrigo d'esta garantia, umas vezes porque os seus crimes são de todos ignorados, outras vezes porque os re-

presentantes da lei, n'uma cumplicidade impudente, ou fingem não dar por elles, ou tratam de os encobrir. — Se eu ámanhã envenenar o mercieiro ali da esquina, dizia Alphonse Karr, é pela certa que me cortam o pescoço; mas todos os dias elle me envenena e aos demais freguezes, e ninguem se importa com isso.

O mercieiro de Karr é simplesmente... uma legião de mercieiros, criminosos por ambição de lucros. Raramente um d'esses figurões é chamado a contas pela justiça, e mesmo a opinião publica, considerando doutamente que os negocios são os negocios, deixa-os traficar á vontade, nem sequer os esmagando pelo desprezo, e até ás vezes rodeando-os de considerações e respeitos, como a benemeritos da mais pura agua. E, comtudo, os envenenamentos chronicos produzidos pelo falsificador de generos alimenticios, com o unico fim de arranjar fortuna, não são menos criminosos que os envenenamentos agudos que os tribunaes julgam e condemnam, e a opinião publica verbera com uma indignação profunda.

No congresso internacional de medicina, que ha tres annos teve logar em Madrid, o professor Brouardel esforçou-se por chamar as atenções para o gravissimo problema da alimentação, no ponto de vista dos envenenamentos commerciaes, cada dia mais numerosos, e já pretendendo justificar-se como operação legitima.

O emprego das substancias antisepticas, para fazer passar alimentos avariados, querem os traficantes que seja um commercio honrado... e scientifico, quando muito uma pia fraude, como diria o Fernão Lopes, se vivesse em nossos dias. E o peor é que não tem faltado á especulação commercial o apoio d'uma certa medicina arrangista, talvez ainda mais idiota que interesseira, pecando antes por ignorancia que por vicio.

O desgraçado a contas com uma insuficiencia dos rins, sacrificado á doença e ao regimen, é a victima principal dos falsificadores d'alimentos, com mercearia ou com fabrica, gente honesta que o enche de boticadas sem receita, e quer ainda por cima que lhe agradeçam o beneficio da desinfecção gratuita.

O caso tem a maxima importancia, no ponto de vista da hygiene, tanto mais que são os velhos, as creanças e as mulheres gravidas os individuos mais seriamente prejudicados pela pratica de taes crimes. Na verdade, em taes individuos o poder eliminatorio dos rins acha-se diminuido, consideravelmente diminuido, e tudo quanto contribuir para augmentar essa insuficiencia constitue um atentado criminoso, que é necessario nunca deixar impune.

Infelizmente estes crimes, como já disse, com a maior facilidade passam despercebidos, e isso nos mostra o valor da estatistica criminal, mesmo quando feita com honesto cuidado e meticuloso escrupulo. Sousa Martins costumava dizer que são alcoolicos todos os individuos que o parecem, e mais metade dos que o não parecem. Póde dizer-se a mesma coisa dos criminosos, com esta correcção — criminosos são todos quanto o parecem... e muito mais de metade dos que o não parecem.

Se houver exagero... é para menos.

Uma data

O antecedente mais proximo da revolução de 1820 foi a abortada tentativa de insurreição em 1817, a qual ficaria quasi despercebida na Historia se a não vincasse um traço fundo de luto e de vergonha — a execução de Gomes Freire.

Escriptores complacentes, talvez complacentes em demasia, têm pretendido ilibar o inglez Beresford da responsabilidade que lhe cabe no infamissimo assassinato do tenente-general Gomes Freire; mas a verdade historica não justifica essas complacencias, e não haverá maneira, já agora, de apagar o stygma que ferreta a sua memoria, que mais não seja como cumplice no crime da Torre de S. Julião.

E' certo que Gomes Freire sabia do movimento que se preparava, mas não estava dentro d'elle; não o urdia nem o dirigia, e o facto de não ter fugido, avisado de que ia ser preso, afirma com segurança que nada receava, se quizessem tratal-o com justiça. Posto ao facto da conjura, o inglez não se importou para nada com a Regencia; por sua conta e risco assalariou espiões, e, quando se viu na posse da meada, deitou a mão aos conspiradores, fazendo considerar como tal o desditoso tenente-general. Todos

sofreram a morte por enforcamento no Campo de Sant'Anna, excepto Gomes Freire, que foi executado na Torre de S. Julião, onde estava preso.

Podia muito bem o inglez, militar como Gomes Freire, ter-lhe concedido a honra de morrer fuzilado, dando elle proprio a voz de fogo; mas para tanto lhe não chegou a alma pequenina, e foi talvez a tragica visão da Torre, evocando o ignominioso suplicio da sua victima, que tolheu os movimentos de Beresford, annos volvidos, quando regressava do Brazil, carregado de poderes, e recebia no Tejo ordem de não ir a terra, porque a revolução vingara, e ninguem respondia pela sua segurança pessoal.

Foi a conjuração de 1817, como dissemos, o antecedente mais proximo da revolução de 1820, e não deve ter contribuido mediocremente para que ella se fizesse tão cedo a retirada de Beresford para o Brazil, a receber ordens do heroico D. João VI. A Regencia não tinha emenda nos seus desatinos, e os rebeldes já sentiam pesar-lhes sobre a cabeça a mão de ferro do inglez, que era aqui rei de facto.

Para não perder o throno, Fernando VII, em Hespanha, aceita a constituição de 1812, e da influencia que teve esse facto em Portugal diz bastante o que se passou, mais tarde, em Lisboa, as tropas e o povo reclamando em grita, pelas ruas e pelas praças, a constituição de Cadiz.

A ordem de prisão contra Fernandes Thomaz foi o *coup de foudre*, a inevitavel faisca de todos os incendios inevitaveis. Em 24 d'agosto de 1820, faz hoje precisamente 92 annos, estalou a revolução, no Porto, e não tardou que em Lisboa tivesse echo favoravel, a breve trecho encontrando sympathia e apoio no paiz inteiro. Entenderam-se as duas Juntas, a do Porto e a de Lisboa, para a formação d'um governo e, como se assentasse em que a realeza continuaria,

foi recado para o Brazil, onde o sr. D. João VI veraneava desde a invasão dos francezes. Não foi dificil convencer o excelso Monarcha das necessidades e das vantagens de voltar ao seu reino, e ahi veiu S. M. pingando saudades e rapé, prompto a sacrificar-se pela felicidade do seu povo, renunciando voluntariamente ás suas prerogativas inauferiveis e seculares.

Vagamente pensaram alguns homens de Vinte na proclamação da Republica; mas só com muito boa vontade poderemos tomar aquella revolução como um antecedente logico e necessario do *5 d'outubro*. Aquelles entusiastas mas ingenuos patriotas eram, sem duvida, animados de espirito liberal, mas apenas do liberalismo que podia respirar-se na atmosphera politica que era então a da Europa.

Não; em 1820 não havia em Portugal uma corrente republicana digna de tomar-se em consideração, embora um ou outro dos homens que mais se evidenciáram como revolucionarios ou como parlamentares fosse mais ou menos afecto á Republica. Quem ler a Constituição assignada em 23 de setembro de 1882 e conjugar umas com as outras as suas varias disposições, reconhecerá sem dificuldade que passa atravez d'ella uma forte aspiração de liberdade, mas reconhecerá tambem, e sem dificuldade alguma, que ella é um pouco desconnexa, sendo por vezes contraditoria.

Convem lembrar que ella foi lançada sob a invocação da *Santissima e Invisivel Trindade*, o que não impediu que os homens que a fizeram se dignificassem, abolindo o Santissimo Tribunal da Inquisição. Poderiam não ter feito mais coisa alguma digna de registo, que este acto, só por si, tornaria imorredoira a sua memoria, que a posteridade, n'um impulso de justiça, devia cobrir de bençãos.

Os homens de *20* preocupavam-se com a divida

nacional; mas ao tempo o orçamento geral do Estado era apenas de 7:000 contos, dos quaes o exercito, á sua parte, absorvia mais de dois terços.

Por certo a Constituição de 22 não vale a nossa Constituição republicana; mas não é a ella que devemos referil-a, para justamente aquilatarmos do seu valor, como monumento de direito publico, mas á Constituição de 26, promulgada pelo rei soldado.

Carlota Joaquina não quiz jurar a Constituição, que o marido aceitara sem resistencia, e n'uma carta que lhe dirigiu, explicando o seu gesto, disse que não se importava correr todo o risco para *conservar intacta a magestade do diadema.*

A descarada Messalina!

Se realmente conservou intacta a magestade do diadema, foi isso a unica coisa que conservou n'esse estado, tudo mais poluindo-se ao contacto de fidalgotes, hortelões e cocheiros.

Teve a Constituição de 22 a duração das rosas, pois que, tendo sido assignada em 23 de setembro de 1822, foi banida por determinação regia em 3 de junho de 1823. Onze annos mais tarde, em 1834, a liberdade encontrava a sua formula provisoria, e como ella fosse um sophisma habil, durou o largo periodo de quasi um seculo, até Cinco de Outubro.

O dia que hoje passa marca uma data celebre da nossa Historia, mas essa data não pode figurar nas ephemerides republicanas.

O Estado e as Igrejas

O Estado não pode ter crenças religiosas, como não pode ter opiniões philosophicas; não pode impôr-nos a religião de Christo, como não pode impôr-nos a philosophia de Comte. Se a nossa organisação psychologica é tal que precisamos crêr em alguma coisa que os sentidos não nos revelam, e a inteligencia não nos explica, o Estado tem que respeitar a nossa crença, isto é, a nossa religião, seja ella qual fôr, exigindo apenas que na manifestação do seu culto externo, se o tiver, não ofendâmos alheias crenças, nem atentemos, de qualquer forma, contra legitimos interesses da sociedade civil, que nos cumpre respeitar.

Que um individuo seja judeu ou protestante; que acredite no ceu dos christãos ou no paraizo dos mahometanos, o Estado nada tem com isso; está fóra da sua alçada a liberdade de consciencia — a mais sagrada de todas as liberdades. E se em vez de adoptar esta ou aquella religião, um individuo fôr de todo irreligioso, o Estado tem de respeitar a sua irreligiosidade, que é ainda um modo de ser da consciencia livre. Em menos palavras — o Estado, n'um regimen de liberdade, não pode ter uma religião para seu uso, uma religião oficial, que é assim como quem diz,

um regulamento das consciencias, uma fórma invariavel da fé — a mesma para todos.

Simplesmente é necessario vêr se ao Governo republicano, apenas estabelecida a Republica, convirá separar por completo o Estado da Egreja, entregando a religião ás contingencias de lutar pela vida — pois que tambem lutam pela vida as idéas e os sentimentos. Este é o ponto grave a considerar, e necessario se torna consideral-o friamente, sem preocupações de jacobino, sem furias de revolucionario.

E' sabido que a liberdade concedida á Egreja serve apenas para a Egreja atentar livremente contra a segurança do Estado, a não ser que o Estado seja uma theocracia pura. Já o dizia Veuillot, autoridade insuspeita: — *se os republicanos nos concederem a liberdade que apregoam, servir-nos-hemos d'ella para atacar a republica.*

Por mais d'uma vez, é certo, a Egreja se tem declarado compativel com todas as formas de governo — monarchias absolutas e democracias republicanas; mas sabe toda a gente que esta transigencia apenas significa fraqueza, e por fórma alguma a renuncia definitiva a velhos sonhos de dominação absoluta. Pio IX foi o ultimo representante d'essa intolerancia catolica, ferozmente sanguinaria, que se assignala ao longo da historia pelas mais requintadas atrocidades, pelas mais revoltantes infamias.

Leão XIII não seria capaz de escrever o Syllabus, o que não quer dizer que a politica do Vaticano, hoje como hontem, não seja orientada por forma a alargar cada vez mais a influencia da Egreja, isto é a preparar o terreno, com todos os vagares e cautelas, para o estabelecimento do poder temporal dos papas, superior a todos os poderes do mundo. E, senão, é ver como na Belgica lucta o partido clerical, contrariado nos seus propositos de absorpção pelo

partido socialista; como os reaccionarios, em França, criam serios embaraços aos governos da Republica; como na Hespanha, desgraçada e envilecida, triumpha o despotismo catolico, agora no poder, com Maura; como em Portugal, nação fidelissima, alastra cada vez mais a nodoa jesuitica.

A Egreja aceita todas as formas de governo, é verdade; mas aceita-as porque precisa viver com ellas em boa paz; necessita da protecção que lhe dispensam as monarchias de direito divino, e não pode dispensar as complacencias faceis, mas no fundo perigosas, que usam ter para com ella as Republicas conservadoras. Se a perseguem, ella converte o seu martirio em elemento de propaganda, e raramente o martir deixa de ser simpatico, mesmo quando chegou ao martirio pela estrada do crime; se a deixam em liberdade, ella aproveita a liberdade para atacar rijamente, embora cautelosamente, o regimen que a tornou livre.

Como deverá, pois, o governo da Republica resolver o problema das relações do Estado com a Egreja?

Transportar para a constituição republicana o artigo 6.º da Carta Constitucional, cercando a religião oficial de todos os privilegios de que actualmente gosa, seria um absurdo e uma apostasia; desinteressar-se por completo da função religiosa, seria talvez um erro de funestas consequencias. Nem uma nem outra coisa deverá fazer o governo da Republica, se quizer fazer obra duravel, alicerçando as novas instituições sobre terreno firme.

Recordações tristes

Muito me lembrei, quarta-feira ultima, primeiro dia do anno, do pobre Fialho d'Almeida. Passava mais um aniversario do nosso jornal, e isso me levou a olhar o caminho percorrido, indo parar a uma mesa do Martinho, e ahi conversando com o Fialho sobre os meus projectos de vida jornalistica. Elle estava, como de costume, a tomar o seu chásinho, com papeis em cima da meza, e eu tinha chegado de Paris, havia poucos dias, e ainda o não tinha encontrado.

O Manuel, de grandes bigodes, vinha cumprimentar-me, sempre delicado e solicito, estimando muito ver-me de perfeita saude, e o Valentim, menos expansivo que o colega, fez-me um cumprimento banal, como se eu tivesse ali estado na vespera, e perguntou machinalmente — *um café?* Tenho saudades do *Martinho*, que frequentei durante annos, uma horrivel casa onde nunca tomei café que prestasse, mas uma casa em que encontrava por cima das mezas e agarrados ás paredes bocados d'uma tradição que me era sympathica. O Fialho tinha, muito mais do que eu, a paixão do Martinho, talvez porque ali encontrava sempre uns tantos dos seus amigos, que eram os seus mais sinceros admiradores, e elle não sabia viver sem

o incenso duma pequenina côrte intellectual. Os imbecis não o incommodavam grandemente, e não deixava de causar admiração o bom acolhimento que elle fazia a muitos, entretendo-se com elles por compridas horas, prodigalisando-lhes ditos e reflexões duma graça infinita — como um estroina que se divertisse a enfeitar com diademas uma cabeça de burro.

Pois fui encontrar o Fialho a uma das mezas do *Martinho*, com o seu bule de chá na frente, e papeis em cima da meza — cartas, jornaes, bilhetes illustrados, reproduzindo obras artisticas.

Quando lhe disse que vinha com o proposito de fazer um jornal, regressando a Paris caso o não pudesse fazer, o Fialho disse-me, com muita convicção: — *Pois meu filho, se é isso que cá te traz, não desfaças as malas, e volta para Paris.*

O Fialho, maltratado por jornalistas, tomára em odio o jornalismo, atribuindo-lhe uma grandissima parte de responsabilidade nos desastres da nossa vida publica. Em parte estava d'acordo com elle, mas justamente por ver que a imprensa, desde ha muito, falha de competencia e de seriedade, era um factor de perturbação social, queria erguer um forte n'esse campo de batalha, e d'ahi fazer a boa, a santa guerra contra o erro e a mentira.

— *E' uma tentativa inutil, meu caro. Em Portugal não póde haver jornaes, porque não ha jornalistas nem ha publico.*

Sabia que elle tinha nalguma conta as minhas faculdades de trabalhador d'imprensa, e sem receio de ser imodesto aos seus olhos d'amigo, não hesitei em declarar-lhe que para o bom exito do meu jornal, contava... comigo — *Sendo preciso, farei a primeira pagina do jornal, e sempre hei-de encontrar alguem que se encarregue da* **cosinha**.

O Fialho, que só muito acidentalmente fôra jorna-

lista, com Oliveira Martins, conhecia perfeitamente o *métier*, e conhecia ainda melhor a insignificancia dos plumitivos que em Portugal tomavam encargo de fazer e dirigir a opinião publica. Depois do velho Sampaio ainda ahi appareceram jornalistas do valor de Antonio Ennes, Pinheiro Chagas e Emygdio Navarro, este maior que todos, sendo para lamentar que ainda ninguem se lembrasse de coligir os seus melhores artigos, arrancando-os ao imerecido esquecimento das colecções encadernadas.

A imprensa industrialisou-se, e para semelhante industria o jornalista não é necessario, podendo talvez dizer-se que é inconveniente, dada a incapacidade de se nivelar com o publico. Um jornal portuguez faz-se lindamente com reporters e informadores; quanto mais êlle fôr uma salada russa, confeccionado com as opiniões de toda a gente, brigando umas com as outras na mesma pagina, excluindo-se reciprocamente, por divergentes ou antagonicas; quanto mais o jornal fôr um soalheiro n'uma torre de Babel, mais preferentemente o publico o acolherá, vendo-se retratado n'esse espelho.

Fialho teve a magnanimidade de não pôr em duvida que eu fôsse capaz de encher uma pagina do jornal, tratando assuntos diversos, por modo que não resultasse monotono, mas observou muito criteriosamente: — *Está bem, fazes isso durante tres ou quatro mezes, se tanto; mas quando tiveres consumido as reservas que tens, de que vives?*

Estas reservas eram os materiaes que eu fôra coligindo durante annos de estudo, lendo e observando, ás preocupações da clinica roubando o tempo que podia roubar-lhes para fazer uma preparação politica que talvez um dia viesse a ser-me necessaria e util.

Desventurado Fialho!

Na quarta-feira ultima, primeiro dia do anno, como

passasse mais um aniversario d'este jornal, o setimo, puz-me a olhar o caminho percorrido e fui encontrar-me com elle, lá em baixo, no Martinho, sentado a uma das mezas, com o bule de chá na frente, e espalhados, sem ordem, muitos e varios papeis — cartas, jornaes e bilhetes illustrados reproduzindo obras artisticas.

Acicata-me, ás vezes, o remorso de o ter maltratado, tanto mais que d'esse procedimento só eu fui victima, privado como fiquei d'um convivio, que era uma altissima satisfação do espirito.

— *Não desfaças as malas e volta para Paris!*

Tive a ingenua e ridicula vaidade de acreditar que o meu esforço seria necessario para se fazer a Republica, e por aqui me deixei ficar, amarrado a esta grilheta, só pensando no jornal, só vivendo para o jornal, de começo escrevendo com prazer, e desde ha muito escrevendo por obrigação, a dolorosa obrigação que me impuz de levar o meu lenho ao Calvario, indiferente á vaia e ao insulto.

Sete annos!

Não é positivamente uma eternidade, mas representa na minha vida um parenthesis de ferro dentro do qual me appareceram, com os primeiros cabellos brancos, os primeiros vincos dolorosos do espirito.

Guerra e philosophia

Pretende o sr. Edmond Laskine que o ensino da filosofia alemã seja prohibido em França, e como se fosse um borrabotas da nossa imprensa, acusa de germanofilismo todos os que admiram Kant, achando que ha talento e ha verdade na sua *Critica da rasão pura*.

Não sei quem é o sr. Laskine, e facilmente admito que seja uma pessoa de grande inteligencia e vasto saber, um publicista muito conhecido no seu Paiz, um professor muito considerado entre os seus pares, homem de letras ou homem de sciencia já com uma bagagem literaria ou scientifica que o auctorise a falar alto para se fazer ouvir. Pode ser tudo isto, pode ser alguma coisa d'isto o sr. Laskine, nome que ainda não tinha encontrado nos catalogos de livraria, sequer ao menos na lista de colaboradores de qualquer revista auctorisada, das que andam nas mãos de todos os estudiosos a quem o tempo não chega para a leitura pausada dos livros. Mas o que o sr. Laskine é, com toda a certeza, substancialmente, ou por acidente, é um chauvinista de *primo cartello*, um jacobino elevado ao mais alto expoente.

A filosofia é universal, como a sciencia, e pois

que ela abrange todo o Universo, loucura seria pretender acomodal-a dentro de fronteiras, variavel conforme a latitude. Ha muitas *escolas filosoficas*, mas ha uma só filosofia. Dentro do mesmo Paiz não é possivel reduzir á unidade os varios sistemas filosoficos, havendo maior distancia, por exemplo, entre dois alemães, que entre um d'eles e um francez, sobre certos pontos de doutrina. O sr. Laskine não pensa assim, e considerando a filosofia como um producto da Terra, pretende que ela só tenha consumo no seu Paiz de origem.

Não vale a pena mostrar o que ha de absurdo, quasi poderiamos dizer, sem exagero, de ridiculo ou de infantil, na tése que o sr. Laskine sustenta, e nos privilegios que ele reivindica para a França, querendo que ela viva da sua Filosofia, como a Inglaterra vive da sua Industria. Mas vale a pena constatar a modalidade psycologica a que ela corresponde, e que sem duvida foi determinada pela guerra, a não ser que resulte d'um vicio mental com que o sr. Laskine viesse ao mundo.

O sr. Laskine atribue uma grande responsabilidade aos filosofos alemães na actual guerra, particularmente a Kant, que talvez o kaiser apenas de nome conheça. O Imperador não foi um estudante de mão cheia, e certamente não foi depois de subir ao trono que ele arranjou disposições e vagares para se entreter com as filosofias kantista e hegeliana.

Li o filosofo de Kœnisberg em tempos que já vão longe, a sua *Filosofia da razão pura*, os seus *Principios metafisicos do direito*, e nenhum livro d'ele tenho aqui á mão que me permita verificar a persuação em que estou de que ele não era apologista da guerra, antes a condenava como sendo um estado bestial da natureza. Possivelmente o sr. Laskine, escrevendo sob a impressão de qualquer boletim da

guerra, favoravel aos alemães, fez uma lamentavel confusão de filosofos, e querendo descarregar as suas iras sobre Hegel, descarregou-as sobre Kant.

Hegel, sim, foi um apologista da guerra, que considerava inevitavel, sempre moral, sempre vantajosa, a despeito de todos os protestos subjectivos da consciencia. Ele foi um grande admirador de Napoleão, cujas victorias, consideradas no ponto de vista dialetico, nada mais eram do que a consequencia logica de permissas inatacaveis — a sanção material do *direito da força*, o primeiro e o mais valioso de todos os direitos. Como não havia de ser apologista da guerra, se ele a considerava, indispensavel ao desenvolvimento moral da humanidade ?

Muito diferentemente pensava Kant com respeito á guerra, tão diferentemente que em sua opinião o Estado se organisou para garantir uma paz perpetua. Ele bem sabia que a paz eterna nada mais é do que uma aspiração generosa, uma utopia sentimental ; mas porque lhe repugnava o estado de guerra, considerava a paz como um limite de que nos podemos aproximar indefinidamente, sem nunca o atingirmos.

Porque ha-de indignar-se o sr. Laskine contra os filosofos alemães, que foram apologistas da guerra, se patricios seus, tambem filosofos, dando á palavra um significado amplo, fizeram d'ela a mais calorosa apologia, tão calorosa como a não fez Hegel, que era um fino e severo raciocinador ?

Sob este titulo geral — *Ensaios de filosofia pratica*, o grande e paradoxal escritor que foi P. J. Proudhon, que em Portugal teve uma certa voga ha uns cincoenta anos, sendo muito lido em Coimbra pela geração academica a que pertenceu Anthero do Quental, publicou notaveis estudos de filosofia e critica historica, entre eles uma obra em dois volumes — *A guerra e a paz*. Se um filosofo alemão tivesse

escrito em favor da guerra o que nesta obra escreveu Proudhon, o sr. Laskine exigiria que os seus livros fossem queimados, e, que depois de o terem enforcado... em espirito, o seu nome fosse considerado, para todos os rigores penaes, como uma palavra obscena ou como um grito sedicioso.

O edificio social, segundo Proudhon, assenta sobre o *direito da força*, e este direito, anterior a todos os outros, imanente e indestructivel, dá legitimidade á guerra. Para ele ha uma razão superior a todas as razões — é a razão do mais forte. Sem duvida a guerra é uma coisa que magôa a nossa sensibilidade; mas impõe-se á nossa inteligencia, e porque consubstancia uma jurisprudencia e uma moral, ha que tel-a como uma *necessidade util*, a indispensavel condição de todo o progresso, a garantia de um aperfeiçoamento crescente, indefinido, sem limites predeterminados.

A guerra é o assassinato, é o roubo, disse Emile de Girardin, a guerra é profilaticamente necessaria á humanidade, afirmou Proudhon —*castigat pugnando mores*.

Nunca se fez com tanta eloquencia, como em Proudhon, — a apologia do *direito da força*, e da legitimação deste direito tira ele a justificação da guerra. E' possivel que, se vivesse ainda, Proudhon sentisse o horror da guerra actual, e sendo mais *homem* do que *filosofo*, perante os crimes inuteis da soldadesca alemã trovejasse coleras a sua eloquencia rara. Mas a verdade é que ele justificou o retalhamento da Polonia, e achando lamentavel que se extermine a população duma vila ou duma cidade, não se dispensou de dizer que em certas condições ela pode ser permitida, como legitimo processo de guerra.

O sr. Laskine deve ser homem ilustrado, e certamente leu Proudhon quando ainda frequentava as

escolas. Não se lembrou da *Guerra e a paz* ao arremeter, na imprensa, contra os filosofos alemães, e teve a infelicidade de tomar pelo auctor da *Sciencia da logica* o seu ilustre compatriota, auctor da *Critica da rasão pura*. Os filosofos, se alguma coisa teem de mau, é serem massadores; mas a filosofia é um genero de primeira necessidade, em relação aos mais altos espiritos; relegal-a para a categoria dos productos industriaes, se não fosse uma insensatez, seria positivamente um crime.

Tempo Santo

Vale a pena ter vivido... para recordar, e é coisa agradavel recordar... porque faz esquecer.

As endoenças!

Desde que principiava a quaresma, entrava a sonhar com ellas, as lindas endoenças da minha terra, feitas com uma pompa e um brilho que enfeitiçavam os meus olhitos de lapuz quasi analphabeto. Antes d'isso vinha a confissão, um dia muito solemne, de profundo recolhimento, obrigado a jejum, que uma traiçoeira amendoa quasi sempre maculava.

Aos sete annos sabia eu tanta doutrina como um padre-mestre, papagueando-a com tanto desembaraço como incosciencia, e assim fazendo a admiração embasbacade de parentes e visinhos, todos concordes em que o pequeno tinha uma grande cabeça, e devia ser mandado para os estudos.

Na verdade, eu sabia mil e uma orações, e ainda tinha logar na memoria para uma infinidade de contos e historietas, aquelles disparatados contos e aquellas absurdas historietas que tantas crianças aprendem, e que em nada contribuem para enriquecer a sua intelligencia ou para formar o seu caracter. Já deve ter morrido, ha muitos annos, aquelle José Maria

que me ensinou a maior parte das orações que eu sabia, um guardador de ovelhas que tinha visões mysticas como um religioso da edade media, subitamente caindo de joelhos sobre um tojeiro, porque vira na sua frente a imagem de Nossa Senhora, tão real e tão verdadeira como no altar, e logo de seguida pondo-se a tanger o gado, descalço, murmurando as mais enternecidas preces que sabia, sem dar pelos cardos que lhe picavam os pés, deixando-os a escorrer sangue!

O certo é que aos sete annos eu sabia *doutrina* como um padre mestre, e aos nove annos confessava-me pela primeira vez, não podendo commungar por não ter a idade completa.

A primeira confissão!

Estreei n'esse dia um fato de cotim, obra do sr. João Felicio, que era um dos melhores alfaiates da terra, e um chapeu de borla, que me tinham comprado em Beja, na loja do Tavares, por sete tostões. Ancho que eu ia, mal cabendo na farpelita em folha, olhando a um lado e outro, pela mão de minha mãe, a ver se as pessoas grandes reparavam em mim. Fizera um ensaio, em casa, assim a modos d'um exame previo, não fôsse ter alguma grave omissão aos pés do confessor. Sahira-me bem d'essa prova, o que não dispensava minha mãe, coitada, de me recommendar a cada instante:

— *Vê lá como te arranjas. Ajoelhas, pões as mãos, dizes a confissão e benzes-te. Depois vaes respondendo ao que o sr. prior te perguntar, sem mentir, porque se mentires, de noite, quando estiveres a dormir, vem um anjo e pica-te a lingua. No fim, dizes o acto de contricção, beijas a mão do sr. prior e vaes para ao pé de mim. E' preciso que tenhas muito juizo...*

O sr. prior era o Cardote, homem intelligente, com

uma habilidade rara para bordar a bastidores, e fazer rendas como as de Peniche. O povo não lhe levava a bem que elle, ás vezes, fosse ministrar *nosso pae* a um doente, com botas de montar, e começou a detestal-o quando elle entrou a redigir um jornal, metendo-se na intrigalhada politica. Pois o sr. Cardote admirou o *preceito* como se conduziu, no acto da confissão, o petiscalho que eu era, e deu-me a penitencia de rezar tres vezes as minhas contas, offerecendo as rezas a Nossa Senhora.

Recordar é viver no passado, e tem esta suprema vantagem — faz esquecer o presente.

Ainda hontem, por uma natural associação de ideias, eu revivi instantes da minha longinqua infancia, e foi como um sonho tão proximo da realidade que me surprehendi na gritaria infantil com que traduzia os arrebatamentos da minha doida alegria.

Aquelles passeios ás colmeias!

Em chegando ao *Cabeço*, descançavamos um pouco, sentados no chão, eu a fazer muitas perguntas, a maior parte d'ellas disparatadas, e minha mãe, com muita paciencia, respondendo a todas ellas, de quando em vez chamando a minha attenção para algum ponto distante, um farrapo de nuvem branca a macular o céo, ou um carro que passava, na estrada distante, lento e pesado como são os carros alemtejanos.

Subiamos a encosta, um tudo nada ingreme, e quando chegavamos á *guarita*, truncada pelo meio, eu mettia o chapéo debaixo do braço e rezava com minha mãe á Senhora da Assumpção, cuja ermida se avistava d'ali, muito branca entre o verde carregado das oliveiras, e como que guardada, á maneira de sentinellas, por dois enormes eucalyptos, direitos como as flechas d'uma cathedral.

Mas a *semana santa* é das mais vivas recordações

da minha remota infancia, e hontem, vendo a multidão rolando de rua em rua a caminho das egrejas, eu evoquei esse passado, e vi tudo, fechando os olhos, como se estivesse enfarpelado de cotim, boneco de sete ou nove annos, a não querer que me escapasse uma unica das cerimonias que constituiam aquelle drama, principiado em quarta-feira de trévas e acabado em domingo de Paschoa.

O que sobretudo me encantava, era a procissão das bandeiras, com os centuriões de grandes barbas, feitas de estopa, e o homem da matraca, á frente, regulando a marcha. A egreja, n'aquelles dias, tinha um ar magestoso, juncada de rosmaninho, d'um cheiro acre e doce, os vapores de incenso espalhando-se no ar e produzindo uma ebriedade vaga, mixto de esperança e de temor.

O enterro do Senhor!

No silencio augusto do templo ouvia-se uma pancada seca, o bater d'um martelo nas taboas d'um caixão, e logo um grito de hysterica se ouvia aqui ou além, soluços rebentavam de peitos fortes, lagrimas de intensa dôr corriam abundantes d'olhos pouco avezados a chorar.

Mas logo no dia seguinte vinham as alegrias da Aleluia, abriam-se as janelas do vasto templo, os santos appareciam nes seus altares, e o Christo resuscitava... para comer amendoas, que era exactamente o que eu fazia, desde que a semana santa principiava.

— Vale a pena ter vivido, para recordar, e é coisa agradavel recordar, porque faz esquecer.

Um artista

Entrou aqui uma noite, estava eu a trabalhar, e collocando sobre uma cadeira o gesso, que tirára, com muito geito, d'um grande saco de papel — como se tirasse d'um berço uma creança a dormir — disse-me estas palavras sacudidas — *E' minha filha unica; aqui a deixo entregue aos seus cuidados.*

Já quasi fóra da porta, como uma pessoa a quem occorre, subitamente, uma advertencia indispensavel — *E' verdade, esquecia-me dizer-lhe que ainda não está baptisada.*

Acabei a minha tarefa já pela madrugada, e só então, reparando na criatura que estava ali, em cima d'uma cadeira, e que elle tirara, com muito geito, d'um grande sacco de papel, reflecti na gravidade das palavras sacudidas que me dissera, e que me tinham ficado como um rumor nos ouvidos, á espera que um instante de attenção as convertesse em facto consciente.

Entregue aos meus cuidados!

Senti-me vergar ao peso da responsabilidade que assim collocavam sobre os meus hombros, e mal resisti á vontade de atirar a rapariga pela janella fóra, na impossibilidade de a entregar ao homem diabolico

que a tinha ali deixado, aproveitando-se do natural alheiamento em que eu estava, de todo absorvido na impreterivel faina de mandar *quartos* para a typographia, mal ouvindo as palavras sacudidas que elle me dissera, e que me tinham ficado nos ouvidos como um rumor, imprecisas no seu alcance e significação.

— Aqui a deixo entregue aos seus cuidados!

Logo vi que era bonita, o demonio da rapariga, razão a mais para me sentir amedrontado com a responsabilidade que me attribuiam de um educador, tão verdade é que a belleza augmenta a fragilidade da mulher, tão grandes são as tentações de que a cerca. Podia ser que me enganasse, mas lia-se-lhe no rosto calmo, d'uma tranquillidade angelica, a ventura de ser formosa, e logo me acudiram aquelles versos de Sá de Miranda, discreteando em moralista sobre os perigos da formosura:

> Ninguem por fermosa cuðe
> que ha ðe ser mais venturosa
> porque a féa virtuosa
> val mais quanðo tem virtuðe
> que sem virtuðe a fermosa.

A primeira difficuldade a resolver era esta — onde havia de collocal-a que não corresse perigo a sua innocencia, só ouvindo as coisas que podem ouvir as pessoas d'uma castidade immaculada? Aqui, no gabinete em que trabalho, ficaria sob a minha continua vigilancia, mas a conversa entre portuguezes é por via de regra licenciosa, fresca e picante, como certas revistas do anno, nada havendo que deleite o nosso paladar como os assumptos amorosos, d'uma realidade á Zola. E logo me occorreu a advertencia de Sá de Miranda, muito profunda e judiciosa,

> quanðo acaso a molher
> chega e perðer a vergonha
> já não tem mais que perðer.

Chamei o creado, e ordenei-lhe que levasse d'ali aquella rapariga, collocando-a na Bibliotheca, que é a sala menos frequentada da casa. Logo o *Bonifacio*, convertendo o seu adoravel sorriso de creança feliz n'uma momice de garoto contrariado, me pediu que deixasse ali ficar aquella senhora, e a *Rosalia*, pondo-se a chiar lá do seu canto, juntou o seu pedido ao do *Bonifacio*, taramelando na sua lingua de trapos.

Pode ser que me illudisse; mas a formosa mulher que tenho aqui ao lado, n'um baixo relevo que é um excellente bocado d'Arte, pareceu-me contrariada com a manifestação do *Bonifacio* e da *Rosalia*, como a dama que, sabendo-se rainha do baile, vê entrar outra que poderia disputar-lhe o sceptro.

Ficaria então aqui, no gabinete em que trabalho sobre a minha constante vigilancia, e isso a prenderia mais a mim.

> Porque até com um leão
> a muita conversação
> tira o medo e cria amor.

E o nome?

Já quasi fóra da porta, como uma pessoa a quem subitamente ocorre uma advertencia indispensavel, elle dissera-me, em palavras sacudidas, que a sua filha unica ainda não fôra baptisada.

No antigo regimen, as creanças expostas recebiam geralmente o nome do santo em cujo dia eram baptisadas, succedendo assim que nas chrismas avultavam esses infelizes, a maior parte dos quaes não podia tolerar o nome que lhes coubera em sorte. Agora, em regimen laico, tal procedimento não seria de acceitar, embora continue a haver calendarios e santos, permittindo as leis da Republica que as creanças

sejam registadas com qualquer nome, tirado ou não dos fastos da Egreja.

Não é forçoso que um nome seja um retrato ou uma biographia, mas acho excellente que elle alguma coisa nos diga das qualidades varias da pessoa que por elle é individualisada. Imagine-se um artista que pintasse um carregador da Alfandega ou um moço de esquina, e escrevesse por baixo da pintura — *Aurora!* E' indispensavel que a etiqueta ou a legenda não discorde dos essenciaes predicados do trabalho que marca, pois que uma tal discordancia, uma similhante desharmonia já prejudica a emoção esthetica, ao menos nas pessoas que em tudo buscam um pouco de logica e de verdade.

E se lhe chamasse Delia ?

O mystico symbolo da castidade devia ter a belleza, feita de harmonia, d'esta figura que aqui me deixou o dr. Ventura da Camara, e que podia muito bem figurar no Museu do Luxembourg, ao lado do *busto de mulher*, de Rodin, e que é das mais lindas coisas que tem feito o excessivamente réclamado Mestre. Anatomicamente considerada, esta *Delia* é um raro modelo de Academia; mas para mim o que mais exalça o seu valor é a espiritualidade que o artista poz em cada um dos seus traços, na meiga expressão do seu olhar, na vaga indecisão do seu sorriso, a tal ponto que se olha para ella, e instinctivamente esquecemos a materialidade do gesso, para nos perdermos em conjecturas sobre a vida interior d'esta figura, reflectida na sua physionomia serena como na mais pura superficie de crystal.

Perguntará agora o leitor: quem é o dr. Ventura da Camara ?

Saberá, então, que é um bacharel como ha muitos, e um artista como ha poucos, infelizmente para a arte nacional. Proprietario e industrial na Beira, só lá de

quando em quando executa uma obra de Arte, inaccessivel a ambições de nome, e escudado no absurdo das nossas leis, que lhe permittem privar-nos das obras primas que poderia dar-nos.

E' uma coisa que não perdoamos aos carbonarios — não terem ido buscal-o á Beira, como conspirador, mettendo-o na Penitenciaria, com gesso e marfim á discrição, em regimen de trabalhos forçados.

Pena de morte

Na *These* que apresentei e defendi perante a Escola Medico-Cirurgica de Lisboa, no fim do curso, para obter a respectiva *Carta*, escrevi esta *proposição* de medicina legal: — *Na profilaxia do crime deve incluir-se a pena de morte.*

Era a *These*, no meu tempo, uma formalidade essencial, mas inutil, uma prova a que tinham de sujeitar-se todos, e a que todos resistiam sem dificuldade. Só por excepção muito rara uma *These* valia como trabalho scientifico, e em poucas se encontrava algum merecimento literario. O *caso clinico*, exposto com mais algum desenvolvimento do que a *historia* para ser lida á cabeceira do enfermo, era o assunto obrigado da maior parte desses trabalhos, que ainda tinham o inconveniente grave de custar algumas duzias de mil réis. No meu ano houve uma these boa, a do Camara Pestana, sobre o cancro, these preparada com vagar, em pacientes investigações clinicas e de laboratorio, sobretudo em investigações de laboratorio, se assim podia chamar-se a um casinhoto a que faltava tudo para o conveniente estudo da anatomia pathologica do terrivel morbo — tudo, excepto talento e vontade.

Além da *These*, que valia o que já disse, o aluno era obrigado a enunciar oito proposições sobre as varias materias do curso, e porque o juri podia impugnal-as á sua vontade, tinham de preparar-se para a defeza de todas, o que não era, na maior parte dos casos, um trabalho de Hercules. Raramente os professores liam a *These*, e não era frequente meditarem, em casa, sobre as proposições. Muito á pressa, já com a beca enfiada, passavam os olhos pelas *proposições*, e entre ellas fixavam a que mais facilmente lhes permitiria uma discussão de 15 minutos... sem dizerem nada. Recordo-me do que sucedeu na defeza da these do dr. Leopoldino Gonçalves, sobre o tratamento pela agua. A these principiava assim: — *No homem são*... O dr. Pitta era do juri, e só quando lhe foi dada a palavra para argumentar, cavalgando as lunetas no nariz, no sulco das azas, pegou na These, que todavia recebera em casa, uns poucos de dias antes. Leu as primeiras palavras, as que transcrevi, e pondo de banda o livro, desdenhosamente, disse para o Leopoldino: — *Se a sciencia da sua these fôr igual á gramatica, o sr. pode gabar-se de ter feito um trabalho original. Qualquer estudante de primeiras letras sabe que o verbo não pode estar no plural quando o sujeito está no singular, e no entanto o sr. escreveu — No homem são*...

O Leopoldino explicou que empregara como adjectivo e não como verbo a palavra *são*, o que s. ex.ª poderia verificar lendo o periodo até ao fim. O juri riu, a assistencia riu, o proprio dr. Pitta tambem riu, e o Leopoldino Gonçalves fez como todos — riu tambem.

Um estudante algarvio, com habitos de literatura amena, escolheu para assunto da sua these a influencia da musica como agente therapeutico. O Sousa

Martins fazia parte do juri que teve de julgar este trabalho. Quando lhe foi dada a palavra, muito serio, não olhando para o alumno, desfechou-lhe esta pergunta: *Se tiver de tratar uma blenorragia que instrumento toca?*

As proposições, quando não eram d'uma charra banalidade, eram d'uma propositada extravagancia, muitas vezes paradoxaes, assim feitas, propositadamente, no intuito de amarrar os arguentes a faceis discussões, sem nada de preciso, boas para todos os acrobatismos dialecticos. A minha proposição de therapeutica era assim redigida; *A homeopatia não é um processo de cura, é um modo de vida.*

Era sabido que o dr. Miguel Bombarda era contrario á pena de morte, e como ele fazia parte do juri que havia argumentar-me na *these*, para ele redigira a proposição da medicina legal. Mas a verdade é que n'esse tempo eu era partidario d'essa pena; entendia que ao maior crime deveria corresponder a penalidade maxima, e acreditava na eficacia de exemplo como meio de profilaxia criminal. O *criminoso nato*, de invenção lombrosiana, era para mim uma entidade tão real como o criminoso de ocasião, e sem duvidas sobre a inadaptabilidade de certos delinquentes a *qualquer meio social*, achava bem a sua eliminação, que alem de tudo mais resultaria em beneficio do trabalho honesto. Talvez porque lera, sem a devida atenção, o velho e glorioso Morel, a theoria da degenerescencia impressionara-me mediocremente, e o humanitarismo de Beccaria, que foi uma formidavel reação contra a selvageria penal da Edade Media, afigurava-se-me pouco de molde a garantir a defeza social. A sciencia do direito criminal era ainda uma especie de metaphisica em via de transformação, pois já se enunciavam, sem rigorosamente se definirem, as bases e os principios da mo-

derna escola, a que se tem chamado, indistinctamente, positiva ou scientifica, e que tem como objecto o estudo, não do *crime*, mas do criminoso, e tem como regra, não o theorismo especulativo, mas o processo experimental.

O estudo foi modificando as minhas opiniões sobre a natureza do crime e sobre o valor das penas, não tardando em reconhecer que matar não podia ser um acto condenavel quando praticado por um individuo, e ser um acto meritorio quando praticado pela Sociedade.

Em 1895, n'um escripto que intitulei *A Burguezia*, pronunciei-me abertamente contra a pena de morte, e mais tarde, n'um folheto que publiquei, intitulado — *Dois crimes*, a proposito do assassinato anarquista de Carnot e do consequente assassinato juridico de Caserio, fiz a mesma coisa. Queira o leitor dar-se ao trabalho de ler, desde paginas 78 a paginas 87, o meu livro — *Por ahi fóra*, e verá como em 1909 eu me pronunciava contra a pena de morte, e que razões tinha para o fazer.

Pretendeu-se agora especular com a minha *proposição* de medicina legal, incerta na These com que rematei o meu curso de medicina, pondo a honesta afirmação do estudante em oposição, com a afirmação do deputado, outro dia, no Parlamento. O estudo levou-me a corrigir uma opinião scientifica, e essa correção, como o leitor acaba de ver, não a fiz agora, ao ser levado ao Congresso um projecto de lei restabelecendo a pena de morte. Como membro do Governo Provisorio subscrevi o decreto de 16 de março de 1911, cujo artigo 3.º diz assim:

E' abolida, em absoluto, a pena de morte.

Como membro da Assembleia Constituinte aprovei o art. 3.º da Constituição, cujo numero 22 é assim redigido:

Em nenhum caso poderá ser estabelecida a pena de morte.

Ha pessoas de boa fé, que invariavelmente acreditam quanto se escreve em letra redonda, avaliando os outros por si, isto é, julgando os outros incapazes de vilissimas especulações, em que se retractam monstruosidades de caracter — aquelas monstruosidades psychicas e moraes que não avolumam as estatisticas do crime porque os delictos a que dão origem são dos que escapam aos tribunaes. — Para essas escrevi o que ahi fica, que não é uma desculpa, mas uma justificação, e quem honestamente procede, tem sempre maneira facil e segura de justificar os seus actos.

Em plena folia

Aconteceu ao Carnaval o mesmo que ao Imposto, na auctorisada opinião dum sabio de Coimbra — começou por não existir. Das pessoas velhas que para ahi vivem, já muito perto do tumulo, nenhuma se lembra de ter visto nascer o Carnaval, como se não lembram de ter visto construir os Jeronimos e o Arco das Aguas Livres. Mas do que elas se lembram, rebuscando no mais intimo da sua memoria, é de que o viram da primeira vez tal como ele se apresenta hoje, nem mais brutal nem mais semsaborão, uma alegria marcada no calendario, um folguedo de tabela, com principio e fim marcado na folhinha.

Gente que passa o ano trombuda, como se em vez de pertencer ao genero humano pertencesse ao genero suino, mal desponta o carnaval, entra numa especie de loucura folgazã, desembaraçada nas palavras, quasi desenvolta nos gestos, brincando como um colegial em férias, rindo como uma sopeira numa revista em mangas de camisa. O carnaval, para muita gente, é uma especie de vinho capitoso ou gaz hilariante, cujos efeitos duram até quarta-feira de cinzas. Pessoas ha que *brincam* no Carnaval sem perderem a linha de seriedade que as distingue, muito compos-

tas, muito graves, quer se vistam de *Centurião*, quer se vistam de Pierrot. Divertirem-se é para elas o cumprimento dum dever sagrado, e a ele não faltam em cada ano, passeando durante os tres dias magnos da furia entrudesca com mascara e dominó, graves como os antigos conselheiros do Tribunal de Contas.

Andam pelas ruas em atitudes hieraticas, não se metendo com as creaturas que passam, e passando elas sem procurarem intrigar as creaturas que ficam. Assistem aos bailes de mascara como a uma missa, e todas se escandalisam se alguem as bisnaga ou lhes atira papelinhos.

Pessoas ha que, em verdade, muito se divertem pelo Entrudo, como se divertem durante o ano inteiro, só com a diferença de o fazerem, na quadra carnavalesca, na forma d'um grotesco que não as deixa passar despercebidas.

Os sabios teem discreteado muito sobre a influencia do Entrudo na Moral, não chegando a concluir nada de positivo. O Entrudo auctorisa liberdades que em qualquer outra época do ano não passariam sem a devida correcção, porque são atentorias não só das praticas da boa sociedade, mas atentorias tambem dos bons costumes. Em plena rua, nas bochechas da auctoridade, um mascarado atira a qualquer um palavrão capaz de ruborisar, na quaresma, o mais deslavado moço de esquina. A auctoridade ouve, finge não ter ouvido, e afasta-se discretamente, não vá alguem reclamar a sua intervenção, que seria dificil negar sem desprestigio.

Um velhaquete, armado com uma borracha de clisteres, que acabou de encher na mais proxima sargeta, espreme-a contra o pacifico transeunte que lhe desperta a atenção, e nem sequer se dá ao trabalho de fugir, na previsão d'uma sova bem merecida.

Nem vale a pena falar do apalpão, que é uma

forma de galanteria nacional usada em todos os ajuntamentos. O portuguez é um animal essencialmente apalpador ; a sua esquisita sensibilidade amorosa reside quasi toda nos dedos. Nas festas de Igreja, realisadas á noite, havia muita gente que resava ; mas os devotos que a elas concorriam, na sua maxima parte, eram ahi levados pelo vicio ethnico do apalpão o qual tem, no simples contacto, a sua forma de expressão mais simples.

No Entrudo a mulher é como se fosse um figo, tal havendo que ao chegar a quarta-feira de cinzas, á força de ser apalpada, está madura. O apalpão carnavalesco, que é uma *nuance* catraeiral do *flirt*, só nos casos extremos levanta protestos, que raramente chegam á violencia.

Pelintra e sordido, o Carnaval que se arrasta pelas ruas e pelas praças, rindo atravez das mascaras de papel pintado, é a revelação d'uma estranha colaboração entre a pobreza do corpo e a pobreza do espirito.

Ha o Carnaval *chic*, bem sabemos, o Entrudo das salas, bem vestido e bem falante, um Carnaval que põe mascara de seda, e veste como nas operas ricas. Esse carnaval, tambem em decadencia, reclue-se para espreitar a toda a força d'uns poucos de cavalos o que faz uma legião de burros, salvo o devido respeito.

Longe d'aqui, nos campos de batalha, milhares de homens se atiram uns contra os outros, armados até aos dentes, n'uma embriaguez de sangue, que desmente os progressos da nossa civilisação humanitaria. O canhão trôa quasi sem descontinuar, e uma chuva de balas junca a terra de cadaveres, pobres victimas para quem soará tarde de mais a grande hora da justiça. Nuvens espessas, nuvens cheias de ameaças toldam os horisontes da nossa vida, e sente-se que a

Nau do Estado, sem tripulação competente, voga á mercê das ondas, que podem fazel-a em estilhas, arremessando-a contra as fragas.

Não importa ; sordido e pelintra o Carnaval das ruas passa, rindo atravez de sujas mascaras de papel, dizendo palavras obscenas, fazendo gestos grosseiros na embriaguez d'uma folia que vem marcada na folhinha, e que sendo em grande parte feita de tradição, é tambem feita de vinho.

Doenças vergonhosas

Pode tranquilisar-se o leitor, que não vamos dizer coisas que façam ruborisar as senhoras, as crianças e os militares sem graduação. Ha, efectivamente, doenças vergonhosas, mas aquellas a que vulgarmente assim se chama, são mais para fazer terror do que vergonha. Não é d'essas que nos propomos tratar hoje aqui, reservando para mais tarde o seu estudo, no ponto de vista social.

Doenças vergonhosas, absolutamente vergonhosas são todas aquellas que devendo ter desaparecido ha muito, ou devendo figurar por bem pouco nas estatisticas da mortalidade, são ainda hoje das que mais largamente contribuem para alimentar a industria dos enterradores. A variola é d'uma d'essas doenças vergonhosas de que nos estamos occupando, e os estragos de toda a ordem que ella faz, só não deixam de ser aterradores, por não serem conhecidos em toda a verdade.

Já hoje não é licito pôr em duvida a eficacia da vacina, cuja descoberta fez a gloria de Janner, e os perigos do contagio das bexigas são coisa tão manifesta, que ás vezes até entram pelos olhos do pobre enfermo, deixando-o irremediavetmente cego. Tendo todos os inconvenientes das outras doenças, a variola

ainda tem o ruim condão de muitissimas vezes desfigurar as pessoas que ataca, a muitas convertendo-as de exemplares de beleza em modelos de fealdade. Quantas caras bonitas que as bexigas tornaram disformes, aqui estoirando um olho, além arregaçando um beiço, e acolá roendo a aza d'um nariz bem modelado, coberto de cicatrizes espelhentas!

Parece, então, que o habito da vacinação e revacinação devia ter entrado por tal fórma nos costumes, que um caso grave de bexigas fosse coisa assim tão rara como uma erupção violenta do Vesuvio, ou uma medida acertada do governo. Pois tal não succede. A variola é fructo de todo o anno, em muitas cidades portuguezas, e ainda outro dia tivemos occasião de noticiar que no Hospital da Marinha tinham morrido com ella tres pobres marinheiros que para ali tinham ido tratar-se d'outra doença, e ali mesmo se infectaram, por falta de isolamento. Isto já não é simplesmente uma vergonha, é um verdadeiro crime. Se a nossa legislação consignasse o principio de indemnisação ás victimas do delicto, a familia d'aquelles desgraçados tinha incontestavel direito a ser indemnisada pelo facto d'aquellas mortes.

No Hospital da Marinha não ha um barracão de isolamento, misturando-se todos os doentes, sejam quaes forem as suas doenças, e sucedendo com frequencia, irem para lá tratar-se de sezões uns pobres soldados da armada, e ao cabo de poucos dias em vez de regressarem curados aos seus navios, serem conduzidos mortos ao cemiterio, roidos de bexigas negras.

E, comtudo, pela pasta da Marinha teem passado varios Galenos, profissionaes até de grande reputação, medicos de proverbial dedicação para com doentes... que lhes pagam. Pois ainda ninguem attentou n'aquella monstruosidade, dando-lhe um remedio que nem seria dificil nem caro, e seria em todo o caso um acto

de humanidade, para não dizermos um acto de justiça.

A' hora em que estamos, deveria estar feita a educação de toda a gente no sentido de tornar a vacinação um preceito tão rigoroso como o baptismo, ou o registo civil do nascimento, independente de toda a coerção legal. Mas não é isso que se vê, desgraçadamente, e a auctoridade, que tão bem disposta se mostra sempre para nos cercear liberdades sagradas, é d'um respeito quasi supersticioso pela liberdade que tanta gente se permite de fazer mal aos seus semelhantes, sem esbarrar no codigo penal.

Um individuo, farto de viver, mete uma bala na cabeça? Está no seu plenissimo direito, e pena é que o não façam tantos jumentos que por ahi andam a comer o pão de Deus. Ha quem prefira sofrer constantemente, a privar-se de comer e beber umas certas coisas, que o medico lhe interdita? Pois albarde-se o burro á vontade do dono. Mas pode consentir-se que alguem se constitua em foco d'uma epidemia, espalhando a doença e a morte em nome d'uma liberdade homicida?

Uma doença que tambem deve ser reputada vergonhosa, e que entre nós faz consideraveis progressos, é a raiva. Quasi batemos este *record* entre as nações da Europa. O que dizem as estatisticas é medonho, e muito provavelmente ellas não dizem a verdade inteira. E, todavia uma policia sanitaria, zelosa e inteligente, reduziria a quasi nada os estragos que essa doença produz.

Nem é licito invocar aqui, como no caso da variola, o lyrismo dos direitos e liberdades individuaes. Os cães ainda não teem a cathegoria de cidadãos, a não ser n'algum planeta onde habite uma humanidade... canina. Aqui não. Contra elles se pódem tomar medidas rigorosas, que nos ponham a coberto da sua raiva, visto terem sobre os outros animaes a desgra-

çada vantagem de serem d'ella preferidos. Não vá deduzir-se d'aqui, erradamente, que somos inimigos das bestas. Nunca atiramos pedras contra o sr. presidente do conselho, e se alguma vez encontrarmos o corregedor na rua, apezar da vontade que lhe temos, nunca lhe pisaremos o rabo nem lhe cuspiremos em cima. Não somos inimigos dos brutos, e até com alguns deputados da maioria mantemos relações d'uma certa cordialidade. Mas visto os cães se deixarem tomar facilmente de raiva, e a transmitirem a nós com egual facilidade, exigimos contra elles medidas seguras de prophilaxia, que nos garantam contra ínoculações rabicas — a dente ou a seringa. Tanto mais que a raiva não é uma doença que se cure, como a maior parte das outras; mas melhor do que quasi todas as outras, é uma doença que se evita. E' fóra de duvida que um individuo está atacado de raiva? Pois o unico remedio é deixal-o morrer, e o mais humanitario seria matal-o, se isso não chocasse os nossos sentimentos de piedade.

Espalhou se que se cura a raiva, e logo o desmazêlo invadiu os serviços da policia, por se entender talvez que não vale a pena prevenir, quando ha confiança no remedio. E assim sucede que as estatisticas ultimamente publicadas, referentes ao movimento do *Instituto Camara Pestana*, acusam sobre os annos anteriores um augmento consideravel de casos de hydrophobia, terminando pela morte. Tambem esta doença é vergonhosa, considerando principalmente as proporções que ultimamente tomou, por acusar um desleixo e um desmazêlo tão estupidos como criminosos. Mas a lista é enorme das doenças que pudemos subordinar ao titulo d'este artigo, e d'ellas nos ocuparemos sucessivamente. Não queremos bulir todos as dias na politica, porque quanto mais se lhe bole, mais ella... incomoda.

Um alvitre

Dizia-me ha pouco Affonso Lopes Vieira, a proposito dos seus amoraveis serões vicentinos: — *O nosso publico é d'uma rara inconstancia; o que n'um dia applaude com enthusiasmo, no dia seguinte põe-o de banda com a maior indifferença.*

Na verdade o nosso publico é d'uma rara inconstancia, e porque ella não é apenas de idéas, mas tambem é de sentimentos, estamos em crer que reside ahi uma das mais poderosas causas da nossa inferioridade collectiva. O portuguez, porque é inconstante de idéas, quasi não possue a noção do contradictorio, e porque é inconstante de sentimentos, em muitos casos parece não ter bem nitida a noção do immoral. Simplesmente o nosso querido poeta deixa de ter razão, quando pretende que este publico comprehenda e estime o seu Gil Vicente, publico feito de analphabetos e semi-lettrados, a cujas necessidades intellectuaes bastam as revistas sem graça, os livros sem idéas e os jornaes sem grammatica.

O publico d'hoje não sabe lêr Gil Vicente na linguagem em que elle escreveu, e por isso mesmo é incapaz de avaliar dos seus altos meritos como poeta, como critico e como philosopho.

Mas o publico coêvo de mestre Gil entenderia melhor os seus autos?

Talvez que a resposta deva ser positiva; mas nós sentimos uma forte inclinação para acreditar que a verdade, a este respeito, a pôz Garrett na bocca da gentil Paula, monologando em scena: — *Meu pobre pae como elle vive inganado! Inda bem. — Cuida que o avaliam, que o intendem. As ultimas creações do seu ingenho, as graciosas pinturas do seu estylo, applaudem-n'as, como, porquê?—Porque é moda, porque os fazem rir ás vezes.*

Gil Vicente foi um dos adornos da côrte do rei Venturoso, e Almeida Garrett ainda era d'este mundo ha coisa d'uns cincoenta annos. Mas quer-nos parecer que o poeta do *Camões*, pondo na bocca da filha de Gil Vicente as palavras que transcrevemos, não errou por completo, embora pudesse ter sido um bocadinho exagerado. *Sem o salvo-conduto de bobo e chocarreiro*, accrescenta a meiga Paula, *morria de fome o grande poeta.*

Muito antes de Affonso Lopes Vieira tentar, por amoravel espirito de artista, fazer resurgir o theatro de Gil Vicente, Almeida Garrett procurára tornar conhecido do publico portuguez o verdadeiro fundador do nosso theatro, escrevendo e fazendo representar *Um Auto de Gil Vicente*, que teve, diga-se a verdade, um exito mediocre.

Não; o publico d'hoje não se importa saber de Gil Vicente, que mal conhece de nome, o que é lastima, sendo ainda mais para lamentar que tambem não conheça Almeida Garrett, que outro dia teve um sarau apotheotico immensamente concorrido — como o primeiro sarau vicentino. E todavia Almeida Garrett escreveu na linguagem já definitivamente formada que nós usamos, foi um poeta de sentimento, como poucos, foi um politico de convicções e paixão, como raros,

e batalhou de verdade nas luctas liberaes que encheram a primeira metade do seculo findo, sendo um dos que pisaram as areias do Mindello, em som de guerra, contra o despotismo miguelista. Foi, se assim o quizerem, um dos romanticos da liberdade, a ponto de nunca se referir a D. Pedro IV que lhe não chamasse — o Augusto Libertador d'estes Reinos; mas na sua alma romantica havia o culto da pura democracia, um culto a que elle sempre se conservou fiel — não obstante a sua fidalguia ou aristocratismo maneiroso, que era menos uma fórma de pensar que uma maneira de vestir.

Ah! tremei sanguinarios deshumanos;
Que ella ha de vir, tremei, a Liberdade
Punir despostas, bonzos e tyranos.

Esta liberdade porque anciava a alma de Garrett, era a mesma que apaixonára a alma de Herculano, e a democracia que se impunha ao auctor da *D. Branca*, era a mesma vaga e pura democracia que apaixonára o auctor do *Monge de Cister*. *Este é um seculo democratico*, escreveu Almeida Garrett; tudo o que se fizer ha de ser pelo povo e com o povo... ou não se faz.

Estas considerações fizemos outro dia, mentalmente, visitando o *atelier* de Thomaz Costa, onde encontrámos o projecto d'um monumento ao visconde d'Almeida Garrett. Nem sempre os artistas se comprehendem uns aos outros, mas Thomaz Costa comprehendeu admiravelmente o auctor das *Viagens na minha terra*, em termos que o seu projectado monumento é talvez, em esboço, a melhor pagina que se tem escripto sobre o visconde, considerado na multiforme expressão do seu perigrino talento.

Pena seria que para ali ficasse, nada mais que um esboço, o admiravel trabalho de Thomaz Costa, admi-

ravel pela inteligencia com que foi interpretada a obra do poeta, e admiravel ainda, e sobretudo, pela impressão afectiva que é todo o sentimento que impregna os livros do poeta, transferido á «maquete» do esculptor.

Porque não ha de abrir-se uma subscripção publica, e com o producto d'ella realisar o projectado monumento de Thomaz Costa, que ficaria muito bem, ali em baixo, frente ao velho theatro de D. Maria, que é já hoje uma consagração do imortal auctor do *Alfageme?*

Talvez o publico, habituando-se a vêr o poeta em efigie, se tomasse da curiosidade de conhecer o que elle escreveu, algumas das suas paginas mais sentidas, aquelas em que melhor se retrata a alma portugueza, enternecida até nos delirios d'amor. Coisa estranha é que Garrett não preferisse aos olhos negros, os olhos azul-celeste ou verde-mar, em que ha tanto de vago e de scismador.

> Só negros, negros os quero.
> Que em lhes chegando a paixão,
> Se um dia disserem sim
> Nunca mais dizem que não.

— Confesse, leitor amigo, que se considera roubado pelo facto de n'este logar, onde sempre encontra a Politica, encontrar hoje um intuito d'Arte...

A tolerancia

Eu nunca fui intolerante em materia religiosa, nem mesmo quando dava ao meu ateísmo fóros duma verdade demonstrada, sem possivel contestação.

Aprendi a rezar muito antes de aprender a lêr, e ainda me entendia mal com a cartilha do mestre Ignacio, e já sabia o catecismo de cór e salteado, repetindo as suas orações com tanta exactidão... e tanta consciencia como se fôsse um papagaio.

Fui á confissão a primeira vez, tinha sete anos, mas só comunguei aos nove. O sr. Padre Cardote achou que eu era ainda muito novo para receber a hostia, e minha mãe, que desejaria muito vêr-me tomar logar á meza eucaristica, mal disfarçando a sua contrariedade, aceitou como bôas as razões, naturalmente de ordem teologica, que o prior lhe deu.

— Para o ano já tomas o nosso pae.

Eu é que ensinava os meus irmãos a rezar, e quando algum desacatava a minha auctoridade, distraindo-se no meio da reza, logo fazia queixas a minha mãe, que promptamente restabelecia a ordem pela disciplina, assistindo á catequese.

Sempre em minha casa, se rezou a cada refeição, meu pae e minha mãe sentados, as mãos postas, pal-

ma com palma, e nós todos, eu e meus irmãos, de pé, mesmo os que não sabiam rezar. Era assim ao almoço, ao jantar e á ceia, e sucedia sempre que em taes momentos sempre um de nós encontrava motivo para rir, obrigando os outros a rirem por contagio. Acabada a reza, todos se benziam — pelo sinal da santa cruz — e beijavam a mão paterna, que por sobre a cabeça de cada um desenhava uma benção — e egualmente beijava a mão materna, que desenhava o mesmo gesto, ilustrando as mesmas palavras.

Tambem os creados rezavam a cada refeição, os homens sentados, e os moços de pé, a menos que fossem casados, porque em tal caso não se levantavam. Os que tinham de vinte anos para baixo nunca se dispensavam, acabada a reza, de pedir a benção ao feitor e ao patrão, porque os paes assim lh'o tinham recomendsdo ao *ajustarem-nos*. A muitos desses moços eu ensinava a doutrina, preparava para a confissão, e dahi a minha erudita pessoa tirava uma satisfação orgulhosa que chegava a irritar.

O Joaquim Correia, já com mais de vinte anos, era o ajuda do almocreve e não sabia o padre-nosso. Puz-me a catequizal-o, e apezar dele ser durazio de cabeça, quando veio a quaresma estava apto a confessar-se. Não poude comungar, dessa vez, porque tendo-lhe perguntado o sr. padre Jordão, de Montes Velhos, quantas eram as pessoas da Santissima Trindade, ele respondeu com grande firmeza e convicção — São quatro.

Um dia, sem me aperceber da evolução que se fizera no meu espirito, encontro-me a não ter necessidade de rezar, a inquirir do fundamento das minhas crenças, a procurar a razão natural de tudo, convencido de que nada ha fóra da natureza, o *incognescivel* d'hoje sendo amanhã o facto constatado. Lembro-me como se fosse hontem, e vão passados tantos anos!

Acabavamos de jantar, e, como de costume, levantavamo-nos todos, eu e meus irmãos, para rezar. Simplesmente eu não rezei. Benzi-me, quando os outros se benzeram, e fui pedir a benção paterna. Meu pae não m'a deu, e ordenando a meus irmãos que se fossem embora, disse-me que ficasse.

— Parece-me que vocemecê não rezou ?

Tinha previsto o caso, e por isso não me atrapalhei grandemente.

Disse a verdade — não tinha rezado, e já não podia rezar.

Meu pae, homem de letras gordas, não podia discutir comigo, já habilitado com o curso de retorica e de filosofia, e como não queria pôr em cheque a sua auctoridade de *pater-familias*, despediu-me num gesto brusco, mas sem me maltratar.

— Suma-se da minha presença!

Minha mãe, que era a bondade em pessoa, religiosa sem nenhuma especie de fanatismo, duma religiosidade que era a sublimação do amor enchendo um coração de mulher, minha mãe veiu-me dizer, á noite, antes da ceia, que dali para o futuro saisse da mesa logo que acabasse de comer, para não fingir que rezava.

As creanças são geralmente más, dum egoismo feroz, e teem da justiça uma noção terrivelmente igualitaria. Á segunda vez que eu saí da mesa, sem rezar, logo meus irmãos se queixaram: — *Então o menino Manuel não reza ?*

A verdade é que nunca mais rezei, mas sempre fui tolerante para com os outros, sempre respeitei a religiosidade alheia, não a considerando menos digna de respeito que a minha irreligiosidade.

O dr. Antonio Camacho de Brito, professor de teologia dogmatica no Seminario de Beja, era meu proximo parente, e um dos mais intimos amigos de meu

pae. Eu ia muitas vezes jantar a casa dele, e sempre rezava, findo o jantar, não me dispensando nunca de lhe pedir a benção. Assim m'o tinha recomendado meu pai, quando me levara para os estudos, isto é, para o liceu.

Era um homem rude, profundamente crente, tão seguro das comesinhas verdades religiosas como das transcendentes realidades que observava.

Vivia muito isolado, entretido com os seus livros, que eram os seus breviarios, cumprindo rigorosamente os seus deveres de professor e de capelão num dos conventos de Beja.

No dia em que eu lhe disse, desculpando-me, que não podia rezar, ele olhou-me compadecido, e pousando-me a mão no hombro, com uma voz em que havia comoção, aconselhou-me: — Faz sempre por seres um homem honrado como teu pae. O resto é com Deus, a quem todos devemos contas.

E nunca a honesta religiosidade daquele homem se incomodou com a minha falta de religião.

Minha mãe adoeceu, um dia, e logo os medicos disseram que era a doença da morte. Esteve lucida até entrar na agonia, tão lucida que quiz beijar os filhos, já sem forças, um farrapo de treva sepulcral a embaciar-lhe os olhos. Não pediu os socorros da Egreja, nem falou em confessar-se.

Morreu.

Como seria o enterro ?

Andavam numa aflição, os meus tios e as minhas tias, irmãos e irmãs de minha mãe, presumindo que eu imporia o enterro civil, visto ser o filho mais velho. Nem se atreviam a falar-me a tal respeito.

Foi o tio Manuel Romão, da Boa Vista, quem se encheu de coragem, para cortar o nó gordio.

— Então o enterro é...

— O enterro é religioso. As crenças de minha mãe

que sempre respeitei sendo ella viva, não havia deixar de respeital-as agora, que ella está morta.

Nunca fui intolerante em materia religiosa, nem mesmo quando dava ao meu atheismo fóros duma verdade demonstrada, sem possivel contestação. Por isso mesmo me considero com auctoridade para repelir a intolerancia dos outros, quer se trate de catholicos, quer se trate de livres pensadores, porque ella é sempre o mesmo vicio, dando os mesmos perniciosos resultados.

Amar e ser amado

Chegou, bateu muito devagarinho, quasi sem força, e logo acudiu S. Pedro, solicito e mesureiro, com um grande molho de chaves na mão.

— Procura alguem ?...

— Venho para ficar.

Entrou, foi encostar-se á meza em que o santo porteiro faz a sua escripturação, muito serena, muito calma, olhando em roda, sem espanto e sem curiosidade.

Ha que preencher algumas formalidades...

Disse o nome, a filiação, a data do nascimento, a terra da sua naturalidade.

— Solteira ? Casada ?...

Solteira.

Pôz-se o divino porteiro a folhear um grande livro que tinha em cima da meza, encadernado em *grenat*, e tendo-se fixado em certa pagina, um instante, declarou com muita firmeza:

— Está certo.

Depois, abrindo um outro grande livro, que tambem estava sobre a meza, encadernado em marroquim, deu mostras de grande espanto, não encontrando imediatamente o que procurava.

— Morreu então?...

Sem nenhum esforço de memoria, disse a hora precisa e o dia exacto em que tinha morrido, acrescentando que fôra o seu cadaver depositado no jazigo de familia, logo no dia seguinte, já mal doirava o sol as colinas da cidade.

— Pois não consta que tenha morrido...

— A verdade é que me encontro aqui, onde os vivos não chegam, e d'onde os mortos não tornam.

S. Pedro ergueu os oculos para a testa, como se quizesse iluminar o cerebro, e cerrando um pouco os olhos, no ar de quem medita, ficou por algum tempo absorto, os cotovelos fincados na meza, a cabeça apoiada nas mãos, a pender ligeiramente sobre o peito.

Nisto abre-se uma porta, do lado direito, entrando um querubim de rara formosura, trazendo na mão um pergaminho, que entregou a S. Pedro.

— Cá está, afinal!

Tornou a folhear o livro que tinha sobre a meza, encadernado em marroquim, e sem custo encontrou a pagina que ainda havia pouco inutilmente procurára, lendo-a com muita atenção.

— Está certo, perfeitamente exacto.

De longe vinham canticos, que eram murmurios de floresta, d'uma suavidade infinita, e grandes jorros de luz policromica, cruzando-se em todas as direcções, realisavam uma sinfonia de côres que mergulhava as almas em extasi.

— Resta agora saber, minha filha, o que alega para imediatamente entrar no céu, onde só entram, sem quarentena, os que muito sofreram sem culpa, e os que muito amaram sem recompensa.

— Eu, na verdade...

— Sofreu muito?

— Não; a minha vida decorreu calma, nuns exte-

riores de tranquilidade, que afastam a ideia do sofrimento.

— Compreendo; não sofreu... nem amou.

— Perdão, amei... Um dia no meu caminho encontrei o homem que víra em sonhos, muitas vezes, pondo-me em sobresalto o coração. Era ele, a realidade material do meu fantasma querido, tão completamente ele, que me pareceu, vendo-o agora acordada, que adormecera, e sonhava. Cerrei levemente os olhos, e como que a vêl-o na transparencia das palpebras, alonguei os labios, sem querer, e tive a impressão de que ele m'os beijava, tornando escaldante a minha boca seca.

— Amaram-se muito, então?...

— Nunca ele soube que eu o amava, e quantas vezes tive vontade de lhe gritar o meu amor, atirando-me para os seus braços, fazendo-me pequenina, para lhe caber no peito! Ficavam-me no ouvido todas as suas palavras; desenhavam-se-me na retina todos os seus gestos, e eram para ele, exclusivamente para ele, todos os meus pensamentos.

— Mas um amor assim...

— E' a felicidade, sem nada que a perturbe; mas é ao mesmo tempo a tortura sem nada que a suavise... Uma janela amplamente rasgada, abre sobre um vale extenso, a que montanhas alcantiladas servem de moldura partida. Grandes arvores, atravez das quaes, como atravez dum filtro, a luz se côa para se purificar, e as aguas quietas dum pequenino lago em que vem despejar-se, parecendo que vem ali beber, um riacho sinuoso, em que os salgueiros da margem reflectem, como num espelho, a sua enorme tristeza de cenobitas.

Casa de habitação, em forma de castelo, com terraço e miranetes; um jardim, opulento de flôres, tratado com esmeros de artista, e placas de terreno

cultivado, a quererem avançar pelas encostas, numa gama de tons verdes, que a pintura não reproduz. Modestos casalitos que fumegam, e são o casulo onde vivem abelhas que incessantemente trabalham, e imprevidentemente se reproduzem. No inverno os pincaros mais altos cobrem-se de neve, caindo em farrapos, e quando as sombras da noite enchem o vale, um abismo de treva, adivinham-se os montes, como gigantes adormecidos, envolta a cabeça em toucas de arminho.

Os passaros são grandes musicos, extraordinarios cantores, e teem o bom gosto de organisar concertos na ramaria das arvores, ao ar livre. Da janela, quando chega a noite, ouvem-se esses artistas sem nome gorgeando as mais dificeis peças dum reportorio inedito, sinfonias heroicas e canções d'amor, *nocturnos* em que ha toda a dolencia das almas que sofrem sem consolo, e *preghieras* em que ha todo o anceio dos corações que batem sem esperança. Uma tal musica, em semelhante *décor*, é a suprema realisação da Arte, feita de tons e côres.

— Lindo, na verdade; mas...

— Um vulto de mulher, debruçado na janela, parecia aspirar toda a poesia que do fundo do vale se evolava, como um perfume subtil, consubstanciada naquele trecho da Natureza, a que tinham dado cunho de belo artistico os cuidados inteligentes do homem, e nunca diminuiu o seu enlevo, que durou a sua vida inteira, a certeza de que não era por ela que choravam, velhos cenobitas, aqueles salgueiros que marginavam o rio e o lago; não era para ela que desabrochavam, na Primavera, as variadissimas flôres do jardim, a rescenderem perfumes que embalsamavam o ar; não era para ela que os passaritos, grandes musicos, e extraordinarios cantores, organisavam concertos ao ar livre, na ramaria das arvores; não era para ela que, no inverno, os montes se tou-

cavam de neve, e no pino do verão, tantalos a morrerem de sede, rasgavam bocas, pedindo agua, nos seus flancos calcinados.

...Foi assim que eu amei.

De longe vinham canticos, que eram murmurios de floresta, duma suavidade infinita, e grandes jorros de luz policromica, cruzando-se em todas as direcções, realisavam uma sinfonia de côres que mergulhavam as almas em extasi.

O problema religioso

O principio da lucta pela vida, colhido pela observação de Darwin e por elle aplicado a todos os seres biologicos, é extensivo aos agregados sociaes, e domina toda a phenomenalidade, muito complexa, do mundo das idéas e dos sentimentos. O progresso da civilisação consiste precisamente em tornar cada vez menores as durezas d'essa lucta, em diminuir sucessivamente, ininterruptamente os perigos da concorrencia, hontem feroz, sanguinaria, implacavel, e já hoje piedosa, humana, se bem que hypocrita e traiçoeira.

A concorrencia é, sem duvida, no que respeita ao homem, uma fatalidade organica; mas n'esta hora de civilisação ella é, principalmente, um defeito social, um resto de tradição barbara a que é preciso substituir o sentimento de solidariedade, em toda a sua plenitude. Para esse fim grandioso devem convergir os esforços de todos os bons e honestos, as atenções de quantos não vivem enclausurados n'um estreito circulo de ferro — porque tem a dureza do ferro o egoismo exagerado, ssm elevação e sem alma.

Nas edades primitivas o conflito vital, na esphera humana, tinha toda a brutalidade d'uma lucta á mão armada; o homem era o inimigo do homem, porque

disputavam os mesmos objectos e eram impelidos pelas mesmas necessidades imperiosas. Os povos luctavam entre si, como os individuos, e era ainda a mesma necessidade que lhes armava o braço e os lançava uns contra os outros, encarniçadamente, com desespero.

Hoje, como n'outro tempo, o instincto de conservação é ainda o soberano regulador dos nossos actos; mas as nossas necessidades são mais disciplinadas, as nossas paixões são menos ferozes, os nossos sentimentos são mais doces, por fórma que a lucta, sem deixar de ser ainda um modo de selecção, já não é uma sentença de morte, sem apelação e sem misericordia, para os menos bem dotados. Dentro de cada povo os individuos sentem-se de cada vez mais irmãos, e nas suas relações uns com os outros, os povos sentem-se cada vez mais solidarios.

Na concorrencia das idéas e dos sentimentos as probabilidades de victoria são em favor das que mais cedo se enraizam no cerebro e dos que mais fundamente impressionaram a nossa sensibilidade. E' falsa a noção da *taboa rasa*; mas é fóra de duvida que no cerebro das creanças se fixam com singular facilidade e resistem com singular persistencia as primeiras idéas que lhes fornecem e os primeiros afectos que n'ellas provocam. Isto explica o cuidado inteligente que deve presidir á função educativa, valiosa apesar dos exageros de certa escola, que tudo atribue a predisposições hereditarias, no que respeita ás qualidades do caracter. Isto explica tambem a necessidade de ministrar a instrucção racionalmente, por fórma que as primeiras noções adquiridas, os primeiros conhecimentos elaborados não sejam um obstaculo á acquisição futura de noções exactas, precisas, de conhecimentos verdadeiramente scientificos sobre tudo quanto ao homem interessa conhecer.

Palpavel é, pois, o absurdo de se ensinar nas escolas de instrucção primaria, a metaphisica catholica, o que na velha religião ha de mais abstracto, de mais irracional, de mais profundamente anti-scientifico. Assim se perverte a orientação das inteligencias que se vão formando; assim se imprime uma modalidade viciosa aos caracteres por assim dizer amorphos, d'uma impressionabilidade de chapa photographica, se nos permitem a imagem. O sentimento religioso, antiquissimo na especie, é d'uma hereditariedade facil e de certo modo fatal, um dos que têm mais fundas raizes em nossa organisação psycologica. Vencido muitas vezes pela convicção scientifica, quando o corpo é vigoroso e a inteligencia robusta, não é raro vel-o predominar quando mais tarde todas as energias desfalecem, pondo os velhos preconceitos da raça, avigorados pela impotencia mental, em conflito com as acquisições intelectuaes do individuo.

Mas exactamente porque as inteligencias formadas na atmosphera mephitica do theologismo são pouco aptas para a cultura scientifica; porque os caracteres formados dentro da moral catholica dificilmente reagem contra os manejos dos que em nome do céo, usando batina ou casaca, pretendem explorar o mundo, a clericalha não cessa de pedir a direcção das escolas, e não perde o minimo ensejo de se introduzir no viver intimo das familias.

Posto isto, escusado seria dizer que o governo da Republica por forma alguma deverá consentir que nas escolas se faça o ensino religioso, qualquer que seja o regimen em que se ache a Egreja dentro do Estado politico. A escola deve servir tão sómente á preparação dos cidadãos e não ao fabrico de beatos ou simplesmente devotos, n'um e outro caso pessoas amputadas na liberdade do seu espirito. E' indispensavel reconhecer a cada qual o direito de tratar da sua alma

como julgar melhor, mas é absolutamente preciso não fazer da escola um diverticulo da sacristia. Na escola *aprende-se* e na Egreja *reza-se*; o professor *ensina* e o padre *oficia*. Não se deve fazer da escola o caminho do céo, porque ella é o caminho da vida. — E' o Estado atheista, dirá a intolerancia catholica... Não é bem isso; é o Estado scientifico, na medida em que estas duas expressões podem conjugar-se e fundir-se.

O patriotismo

Ha ocasiões em que apetece fugir para muito longe, no espaço ou no tempo, indo procurar em afastadas paragens ou em remotas eras o esquecimento de quanto nos rodeia.

As viagens são uma excelente medicina para certa especie de doenças e para certos estados d'alma; mas para viajar é preciso ser livre e ter dinheiro, qualidades raras no commum dos mortaes, não simplesmente aqui, mas em toda a parte, pois que em toda parte é a mesma a iniquidade social.

Fugir para longe, no tempo, é coisa facil a quem tenha formado o seu espirito na leitura dos velhos mestres, seguindo a corrente da Historia nos seus infinitos acidentes, uns pitorescos outros tragicos, e todos elles contendo lição proveitosa para quem saiba colhel-a.

No inverno os dias são tristes, mesmo quando o sol esplende, inundando a Natureza de luz. *Sunt lacrymae rerum*, escreveu o mantuano, e por sem duvida que lhe cahiu da penna esta phrase dolorida por um entardecer melancholico d'outomno, ou n'uma gelada manhã de inverno, as arvores gotejando como viuvas espectraes que deixassem cahir sobre a Terra o pranto da sua dôr.

Pesava hotem sobre mim a vaga tristeza das coisas, e como me puzesse a olhar o espaço, seguindo a marcha caprichosa das nuvens, muito brancas umas, como se fossem montanhas de neve, roxas e alaranjadas outras, destacando no mais puro azul de cobalto, alheiou-se-me o espirito da realidade circumjacente, a tal ponto, que foi parar á *cidade eterna*, quando já a Grecia introduzira na civilisação romana um germen de dissolução — como um veneno saboroso ministrado em taça d'oiro.

Por acaso tinha ali, á mão, um livro de Cornelio Tacito, e foi talvez a presença d'esse livro que me guiou inconscientemente o espirito, ao arripio dos seculos, até á Roma imperial.

O leitor conhece o *Dialogo dos Oradores?*

E' um estudo das causas da corrupção da eloquencia, por uns atribuido a Tacito, por outros atribuido a Quintiliano, havendo quem o atribua ao moço Plinio, sobrinho do naturalista do mesmo nome, que por curiosidade scientifica, e por impulsão humanitaria, morreu asphixiado a respirar uma atmosphera envenenada pelo Vesuvio.

Folheando distrahidamente, sem ler, cheguei á pagina 65, onde vem isto: — *Hoje, porém um menino, apenas nascido, é confiado a alguma aia grega* — Graeculae alicui ancillae, — *á qual se associam um ou dois escravos, por via de regra dos mais abjectos* — plerumque vilissimus — *e inhabilitados para algum emprego serio.*

Esta passagem, feriu-me muito o espirito, chamou-me á realidade actual, e como já estivesse limpo o céu de nuvens, mal se avistando, aqui e além, uns farrapitos de lã cardada, nitentes como flocos de espuma, fechei a janela, aberta de par em par, e puz-me a ler com atenção, socorrendo-me do traductor quando manquejava no latim.

O que poderiam ensinar ás creanças romanas aquellas amas gregas, que a moda chamou á cidade eterna, quando já a corrupção lavrava no organismo do imperio, ameaçando-o de morte?

E então pensei no processo de desnacionalisação que se faz em Portugal, mercê da importação de mestras estrangeiras, inglezas, suissas ou alemãs, em todo o caso, e sem embargo dos seus merecimentos, creaturas que não podem formar um espirito ou um caracter essencialmente portuguez, pela razão muito simples, e ao mesmo tempo muito poderosa, de que o mestre e o educador formam os seus discipulos á sua imagem e semelhança.

O que hoje sabemos da psychologia das creanças já o sabia Quintiliano, aproximadamente, e por isso se insurgia contra a pratica de não crearem as mães os filhos, e de os entregarem, precisamente quando o cerebro é meramente registrador, a mestres ou mestras incapazes de lhe enriquecerem o espirito e de lhes temperarem o caracter, sem os desnacionalisarem.

Como haviam as amas gregas, ignorantes da propria lingua romana, preparar os cidadãos de que havia mister o Imperio, ameaçado de ruina pela sua propria grandeza? Imbuidos nas fabulas e erros de tal gente aquelles animos tenros e singelos — *teneri et rudes animi* — como haviam elles adquirir mais tarde aquellas virtudes masculas que a nobre Cornelia tinha incutido nos filhos?

Falar as linguas é uma bonita prenda, mas não é muito mais do que isso. Não é a mesma coisa falar o alemão e entender Gœthe, como não é a mesma coisa falar inglez e entender Shakspeare. Um papagaio, com tempo e geito, póde falar as linguas — como qualquer menina fidalga ou como qualquer inutil fidalguinho.

A mestra ingleza, a mestra alemã, a mestra suissa, cumprindo aquillo para que é chamada por uma familia rica, prepara os seus discipulos para a conversa em alemão ou inglez, sem lhes fornecer idéas ou noções de utilidade real no trafego da vida.

Paes que falam portuguez, dizendo quatro asneiras em cada serie de tres palavras, não resistem á vaidosa tentação de entregar os seus meninos e as suas meninas a uma *mademoiselle*, a uma *miss* ou a uma *fraüllein*, que a cada hora fala com elles sem lhes dizer uma palavra que os interesse pela Historia, pela Arte, pela Sciencia ou pela Literatura do seu paiz.

Não ha perigo, e pode haver vantagens, em ministrar o ensino das linguas a quem já formou o seu espirito e o seu caracter em termos de serem enriquecido um ou temperado o outro sem prejuizo das qualidades basilares que lhe dão o cunho ethnico. Mas é perigoso fazer o contrario, meter os espiritos em formação dentro de moldes que não podem subsistir, sob pena de produzir e fixar deformidades ou aleijões.

Por via de regra, a prenda de falar linguas é uma inutilidade galante, e nem valeria a pena falar d'ella se o caracter nacional fosse de tal modo vigoroso que não houvesse receio de o sujeitar a mais esse factor de desagregação.

E quem sabe?

Talvez tudo isto quanto ahi fica seja apenas o reflexo d'esta vaga tristeza em que me lançou um dia nublado e de chuva, singularmente propicio a intensificar as saudades do passado em quem nada espera do futuro...

Até á volta!...

O leitor dirá se merecemos ou não as férias que vamos gosar agora, umas ferias de quatro mezes longe d'aqui, vendo coisas que nos interessam, acotovelando pessoas que nos são indiferentes.

Desde 1912 que não saímos de Portugal, e aqui não ha maneira de passar uns dias tranquilos, sem ouvir falar de politica, sem ouvir falar de conspiratas, sem receber aviso, de manhã até pela noite fóra, de que vae produzir-se uma revolução ou vae desenrolar-se uma fita, qualquer coisa de pavoroso em que morrerá muita gente, não sabendo uns porque matam e não sabendo outros porque morrem.

Sendo-se portuguez, onde, n'este momento, se descança bem, onde se pode estar tranquilo, onde se pode digerir com facilidade, não sofrendo das miudezas, e onde se pode dormir com socego, não sofrendo de insomnias... é fóra de Portugal. E' certo que os paizes quasi todos, na Europa, estão em guerra; mas quem os conheceu na Paz, na serenidade dos tempos calmos e felizes, tem um particular interesse em visital-os agora, ser testemunha das suas esperanças e dos seus desalentos, admirar a coragem com que luctam, a abnegação heroica com que tudo sacrificam para

evitarem o sacrificio d'esta coisa sagrada — a Liberdade.

Sair de casa pela manhã e não encontrar ninguem que nos cumprimente, ninguem que nos masse; pegar n'uma gazeta, ao acaso, e vêr que nem é uma escorrencia de infamías, nem é um caudal d'asneiras, sem todavia ser um tratado de politica, á maneira de Aristoteles, ou um tratado de moral, á maneira de Epicteto; amosendar n'um café; entrar n'um Museu; deambular n'um jardim, reparando em tudo, sem ser visto, observando tudo sem ser notado, tal é a condição para um portuguez do nosso tempo, dado ao cultivo da politica, refazer as forças gastas, tonificar a vontade, dar equilibrio ao espirito.

Talvez as coisas se nos apresentem menos sombrias vistas a distancia; talvez as pessoas nos pareçam menos ferozes, considerando-as de longe; talvez os espiritos se nos afigurem menos revoltos, olhando-os por cima da Fronteira. Talvez...

A miudo conversaremos com o leitor, narrando-lhe as impressões que formos colhendo, e será como se não perdessemos o contacto com a gente portugueza... sem lhe vermos os gestos, e sem lhe escutarmos as falas. Com facilidade esqueceremos as coisas que nos eram desagradaveis, e as pessoas que nos eram antipathicas, para só vermos as outras, tudo o que amoravelmente nos prende a esta malfadada terra, tão digna de ser feliz.

Não ler jornaes; não conversar de politica; não vêr que nos olham com odio; que nos discutem com rancor; que pervertem o sentido das nossas palavras; que infamam as nossas intenções, é quasi uma promessa do Paraizo, e é, em todo o caso, uma libertação do Inferno.

Porque não vem o leitor comnosco?

A Hespanha é um Paiz sempre inedito, mesmo

para os que julgam conhecel-o bem, e nós outros, os portuguezes, conhecemol-o muito mal, quer a Hespanha como Natureza, quer a Hespanha como Literatura, quer a Hespanha como Arte.

A Italia é um Museu imenso dentro d'um jardim enorme, e embora seja hoje um dos teatros da guerra, sempre oferece á curiosidade dos forasteiros maravilhas que deleitam, além de transportar o espirito, n'uma jornada de seculos, para a meditação de factos e sucessos, que são grandes paginas da Historia.

Fariamos ascensões na Suissa, trepando aos seus montes mais altos; correriamos, em patins, sobre os seus gelos consistentes, e vogariamos, em barquinho de remos, nos seus lagos tranquilos, que são grandes saphiras fundidas brilhando n'uma cercadura de montanhas.

Que é hoje uma cidade triste, Paris, escassamente frequentada de dia, de pouca iluminação á noite, sem ruido nos *boulevards*, quasi sem frequencia os seus museus e ao abandono os seus jardins.

E' possivel; mas a tristeza de Paris é a suave melancolia das viuvas bonitas, ostentando graças por entre crepes, os olhos ainda humedecidos das muitas lagrimas que choraram, e os labios ainda quentes dos muitos beijos que deram.

A tristeza de Paris!

Mas a França é muito grande, e n'este momento vale bem a pena correl-a de norte a sul, em todas as direcções, visitar as suas cidades, as suas vilas, as suas aldeias, para sentir que ha, na verdade, uma alma franceza, transmigrada da velha Hellade, feita de quimeras e de sonhos.

Iriamos a Londres, a imensa Babylonia, correndo o perigo d'um mau encontro no canal da Mancha, e dentro desse microcosmos encontrarimos o segredo d'uma vida que mal comprehendemos, tanto ella é

feita de habitos, qualidades, tendencias e aptidões que só aquelles insulares possuem.

Depois...

Quatro mezes passam depressa, mas são a terça parte d'um anno, e findos elles nós voltariamos, se não achassemos preferivel, n'um gesto de tristeza e raiva, gritar o *non possidebis* do *Africano*.

O leitor dirá se não merecemos o descanço de quatro mezes, estando aqui a trabalhar, ininterruptamente, ha tres annos, respirando uma atmosphera carregada de paixões miasmaticas, que não matam, mas intoxicam, que degradam o espirito, enredando-o n'uma teia de vilesas e perversidades.

E é tão linda, este demonio d'esta terra!

Nunca voltámos do estrangeiro que a não achassemos adoravel, rica de côr, a sua atmosphera muito pura, a sua paizagem muito delicada, e por toda ella como que uma sinfonia de perfumes e de sons, como n'um grande macisso de rosas onde cantassem rouxinoes.

Que pena... ser habitada! [1]

---

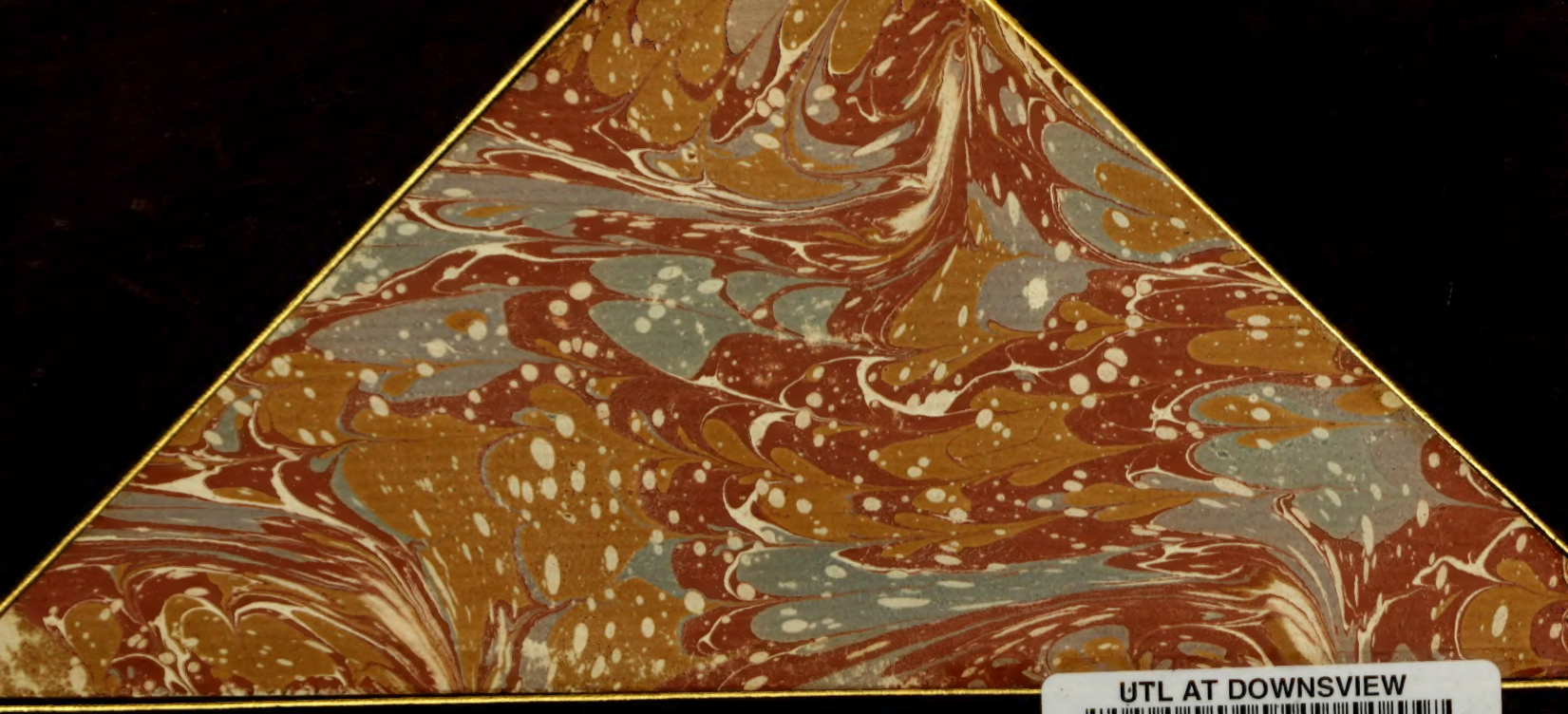
[1] As impressões da viagem annunciada n'esta cronica, constituem o livro *Longe da vista*, editado pela casa Guimarães & C.ª.

PQ
9261
B75N3

Brito Camacho, Manuel de
Nas horas calmas

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY



UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 06 02 15 010 7